

PORTVGALIAE
MONVMENTA NEOLATINA

VOL. XI

ORAÇÕES
DE SAPIÊNCIA

1548-1555



JERÓNIMO DE BRITO

ORAÇÃO
ACERCA DOS LOUVORES
DE TODAS AS CIÊNCIAS E SABERES

1 de Outubro de 1554

Introdução, fixação do texto latino, tradução e notas

ANTÓNIO GUIMARÃES PINTO

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

I

Das seis orações académicas que compõem este volume, a presente é de longe a menos conhecida, circunstância que decorreu do facto de contra ela terem militado dois motivos adversos que com brevidade procuraremos caracterizar. Foi o primeiro a localização (desviada das rotas tradicionalmente pisadas pela grei académica) do único exemplar impresso actualmente conhecido: o que fazia parte do acervo bibliográfico que o “monstro de erudição” e intrépido ideólogo tradicionalista espanhol don Marcelino Menéndez Pelayo legou à sua cidade natal, Santander, e que hoje aqui se guarda na Biblioteca Provincial que ostenta o seu nome. A segunda pecha com que teve que arcar este humilde opúsculo e o condenou a uma obscuridade de vários séculos derivou, em nosso entender, de dois mofinos e inesperados (tendo em conta o altíssimo valor intelectual das personalidades em causa) acasos: por um lado, o facto de Barbosa Machado com a máxima probabilidade não ter tido conhecimento *de visu* do impresso publicado por João Barreira, em Coimbra, em 1554; por outro lado, o pouco interesse do Prof. Luís de Matos em procurar determinar a identidade de um Jerónimo de Brito a cuja obra eu penso que ele foi o único estudioso português do século XX a fazer referência directa. Estou convicto de que, a não se terem verificado estes dois contratempos – mas muito especialmente o segundo, que se liga com a correcta determinação da identidade do autor –, hoje a obrinha, apesar da modéstia dos seus quilates literários, possuiria uma nomeada bem maior e que em grande parte lhe resultaria do prestígio histórico, religioso e social (bem acima do quase anonimato em que decorreram as existências dos seus actuais “companheiros de livro”) que esse mesmo autor alcançaria nos fastos nacionais, primeiro sob o nome de frei Henrique de S. Jerónimo, monge dominicano com participação em Trento, e depois como D. frei Henrique de Távora, bispo de Cochim e arcebispo de Goa.

Vejamos, pois, as breves referências que o autor da *Oratio* académica de 1554, nesta qualidade, mereceu aos dois citados sábios.

Assim, na *Biblioteca Lusitana* o curioso leitor, entre os numerosos, e hoje maioritariamente esquecidos, “Jerónimos” ali arrolados e biografados, não irá

encontrar nenhum com o sobrenome Brito. Se pesquisar, porém, no sector reservado aos escritores nacionais de prenome “Henrique”, terá a surpresa de encontrar um Henrique de Brito,¹ acerca do qual se escreve, com parcimónia inusual no copioso Barbosa Machado:

«HENRIQUE DE BRITO. Professor de Humanidades em a famosa Universidade de Coimbra no feliz tempo em que com igual glória floreciam as letras sagradas e profanas. Foi insigne latino e elegante orador, como deixou manifesto na obra seguinte: *Oratio de scientiarum disciplinarumque omnium laudibus habita Conimbricae, Conimbricae, 1554, 8º.*»²

Ora, é meridianamente manifesto, para quem tem algum trato com o estilo do nosso bibliógrafo setecentista, que ele se encontrava completamente *in albis* no que tange à vida e carreira deste *Henrique* de Brito, a quem atribui a autoria da nossa *Oratio*, cujo título aliás cita alinhando as palavras que o compõem numa ordem diferente da do impresso. Parece-me, pois, evidente que Barbosa Machado não viu o original, porquanto é intuitivo que o *Hieronymo a Brito* que aí figura, não apenas na página de rosto, mas também na parte superior de metade das páginas do folheto impresso, muito dificilmente deixaria de evocar na sua memória um nome ao qual, muito poucas folhas à frente, se refere, no longo artigo que consagra a D. frei Henrique de Távora e ao qual voltaremos já de seguida.

Pelo seu lado, Luís de Matos, na monumental tese *L'Expansion Portugaise dans la Litterature Latine de la Renaissance*, em referência na qual inclui também Pedro Fernandes e António Pinto, escreve que estes nossos conhecidos e: *Jerónimo de Brito rappelleront que la domination portugaise s' étend jusqu' aux confins de l'Inde dont les souverains prêtent obéissance au roi du Portugal*,³ indicando em nota o número das páginas onde se poderão encontrar as palavras a que o texto alude, o que prova que as leu nos respectivos originais. Mais à frente, na p. 367, reconhece, com a nobreza do verdadeiro sábio, que errara ao identificar, em obra anterior,⁴ o nosso Jerónimo de Brito com o italiano Girolamo Britonio, autor de compilações de relatos de viagens, mas infelizmente esta confusão não o moveu, ao que supomos, a procurar colher elementos biográficos sobre a personagem de que nos ocupamos.

Mas tudo se clarifica com a leitura do dilatado artigo que o erudito abade de Sever dedica a D. frei Henrique de Távora, para ao cabo o averbar como autor de apenas duas magras espécies bibliográficas: as *Advertências para o que devem*

¹ Sob este nome, e na fé dos informes de Barbosa Machado, consigna Anselmo, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1926, com o nº 1083, a *Oratio* que agora se reedita e traduz.

² As transcrições que fazemos de textos antigos portugueses são feitas com a ortografia atualizada, respeitando porém as particularidades fonéticas próprias da época.

³ O. c. no corpo do texto, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1991, p. 26.

⁴ *Les Portugais en France au XVI^e siècle – Études et documents*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1952, p. 115, nota (1).

fazer os Confessores (aliás, pequeno livro de facto intitulado *Tratado de avisos de confessores*, e no qual, segundo confissão própria, a sua intervenção é mais de adaptador do que de autor), impressas em 1560, e a notável *Oratio de Calamitatibus Ecclesiae*, pronunciada em Trento, em Fevereiro de 1562, e editada neste mesmo ano em Bréscia, às quais nos referiremos à frente com um pouco mais de vagar. Respiquemos da *Biblioteca Lusitana* o que interessa ao nosso intento, que é duplo: primeiro, provar que o leigo Jerónimo de Brito corresponde ao religioso dominicano que usou dos nomes frei Henrique de S. Jerónimo e D. frei Henrique de Távora; depois, traçar-lhe um breve bosquejo biográfico. Vejamos pois:

«D. FREI HENRIQUE DE TÁVORA. Nasceu na nobre vila de Santarém sendo filho terceiro de Fernão Cardoso, muito estimado na corte del-rei D. João o III pelos seus sentenciosos apotegmas, e D. Filipa de Brito. [...] Por insinuação do cardeal D. Henrique, de quem fora moço de câmara, recebeu o ilustre hábito da Ordem dos Pregadores em [...] Benfica [...] a cujo acto assistiu aquele príncipe, mudando em seu obséquio o nome de Jerónimo, que tinha no século, em o de Henrique. Passado o ano do noviciado, professou solenemente a 14 de Agosto de 1557 nas mãos do insigne varão frei Bartolomeu dos Mártires, prior de Benfica, [...] que, sendo constringido a aceitar a Mitra Primacial de Braga, o elegeu por seu doméstico. [...] querendo que o acompanhasse ao Concílio Tridentino. [...] Neste venerável congresso conciliou frei Henrique geral aclamação [...] pregando a 1ª Dominga da Quaresma, que caiu a 15 de Fevereiro de 1562, na presença daquela autorizada assembleia. [...] Restituído ao Reino, foi eleito prior do convento de Évora [...] sendo nomeado por el-rei D. Sebastião bispo de [...] Cochim, em cuja dignidade o confirmou S. Pio V a 13 de Janeiro de 1567, donde foi promovido para arcebispo de Goa, primaz do Oriente, por bula de Gregório XIII, a 20 de Janeiro de 1578. [...] visitou tão vasta diocese [...] até chegar à cidade de Chaul [...] e, como a achasse infeccionada de enormes vícios, se armou com as obras e palavras a reduzi-la ao caminho da penitência. Porém como desta redução se ofendesse um dos seus moradores, para se vingar do zeloso prelado lhe deu ocultamente veneno, que o privou da vida a 17 de Maio de 1581. Jaz sepultado no cruzeiro do convento de S. Domingos.»

Barbosa Machado cita depois, consoante a praxe, a bibliografia onde colheu estas informações, concedendo, como seria de esperar, a primazia ao cronista da Ordem Dominicana frei Luís de Sousa, fonte que se reveste para nós do crédito acrescido de ser também escalabitano e quase contemporâneo da personagem de que tratamos. Ora, o capítulo 12, do livro 2º da 2ª parte da *História de S. Domingos* é todo ele consagrado aos “Padres frei Jerónimo e frei Fernando de Távora, irmãos, e tirados ambos da Ordem para bispos”. Cederemos agora a palavra (de muito bom grado e para refrigério do leitor) ao mavioso estilista, dele transcrevendo as informações que corroboram ou acrescentam algo àquilo que Barbosa Machado nos dissera:

«Seguem dous irmãos, filhos da vila de Santarém por sangue e nascimento, e deste convento [=Benfica] por criação e profissão, e ambos bispos por merecimentos pessoais de virtudes e letras. Seu pai foi Fernão Cardoso, tão conhecido e estimado

na corte del-rei D. João o III por excelências de aviso e ditos agudos, que falando dele com alguns velhos mo nomearam pelo *grande Fernão Cardoso*. [...] Foi de geração nobre e por tal casou em Santarém com Filipa de Brito, senhora principal [...] da qual teve muitos filhos, e foram terceiro e quarto Jerónimo de Brito e Fernão Cardoso, que tomaram o hábito neste convento e tiveram a boa ventura de serem discípulos nele do grande espírito de D. frei Bertolameu dos Mártires, arcebispo de Braga, sendo aqui prior antes de sua eleição em arcebispo. Do Jerónimo dizem que o cardeal D. Henrique lhe mandou que fosse frade e, porque honrou o dia de sua entrada com sua presença, agradecido o moço trocou o nome da pia em Henrique e o da geração em S. Jerónimo, e chamou-se frei Henrique de S. Jerónimo. O Fernando, contando muitos apelidos honrados na linha de sua mãe e querendo esconder-se do mundo, polo muito que seu pai era conhecido nele, deixou o Cardoso e chamou-se Távora, e foi causa que por Távoras fossem despois muito conhecidos ambos os irmãos. [...] Foi natural em ambos uma inclinação à pintura que, se fora ajudada com trabalho e arte, os pudera fazer tão insignes como os grandes que celebra a Antiguidade. [...] Frei Henrique [...] estava governando o nosso convento de S. Domingos de Évora, de que era prior, [...] foi chamado pera bispo de [...] Cochim na Índia. Era entrado o ano de 1566. [...] tal conta deu de si no cargo que, vagando a cadeira de Goa, [...] o mandou el-rei passar a ela. [...] Foi a última cidade que visitou Chaul [...]. Sentiu-se um castigado [...] determinou vingar-se [...] soube tão bem temperar a peçonha e o modo de a dar que não foi entendida. [...] Foram dous os colhidos na treição [...] um o arcebispo, o outro seu companheiro. Este resistiu ao mal, como robusto que era de forças e idade, e ajudado de muitos antídotos, com que se lhe acudiu, sustentou a vida; o santo arcebispo era entrado em dias e fraco de compreensão, não lhe valeu nenhum remédio e acabou logo.⁵

Como complemento às notícias aqui transcritas, o mesmo cronista de S. Domingos nos remete para a sua *Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, obra onde as passagens alusivas à ida de frei Henrique a Trento como companheiro do prelado bracarense serão mais adiante e em ensejo mais adequado por nós lembradas.

Neste momento parece justo contribuímos com algumas achegas de nossa colheita para vincar, corrigir ou completar alguns dos traços que a fisionomia de Jerónimo de Brito já foi tomando aos nossos olhos.

Assim, a primeira observação que nos ocorre, e que tira quaisquer dúvidas sobre a identidade do autor da *Oratio* académica com o jovem santareno do mesmo nome, é a paixão pela pintura, que chamou a atenção tanto de Inácio de Moraes,⁶ no poema laudatório latino com que contribuiu para a brochura do amigo, como de

⁵ Frei Luís de Sousa, *História de S. Domingos*, Porto, Lello e Irmão Editores, 1977, volume 1º, pp. 859-863.

⁶ Veja-se infra, *Oratio*, p. 2ª. É também curiosa a aproximação que ambos os escritores estabelecem: com os modelos da Antiguidade, de forma genérica, no caso de frei Luís de Sousa, e Apeles, no caso de Inácio de Moraes.

frei Luís de Sousa, ao apontá-la como um dos laços que mais aproximava os dois irmãos destinados a seguirem uma carreira religiosa paralela.

Depois, causa-nos algum enleio o modo como o cronista de S. Domingos alude à escolha que ambos os irmãos fizeram do sobrenome de família que passaram a adoptar quando foram guindados à dignidade episcopal – Távora – e que faz supor que este apelido lhes cabia por linha feminina. Conquanto tal seja perfeitamente possível, dada a frequente consanguinidade dos cônjuges de famílias nobres, o que lográmos coligir sobre a linhagem do nosso Autor faz-nos pender para a suposição de que o Távora lhe advinha da bisavó paterna. De facto, segundo a *Pedatura Lusitana*, Diogo Fernandes Cardoso foi casado com uma senhora de apelido Távora, nascendo desta união Gonçalo Fernandes Cardoso, de entre cuja prole se destacam como varão primogénito o doutor Simão Gonçalves Cardoso, que foi chanceler da Casa do Cível e desembargador dos agravos da Casa da Suplicação,⁷ e Fernão Cardoso, pai do nosso Autor.⁸ Do agudo engenho, felicidade de linguagem e graça natural desta personagem, com relevo social na corte de D. João III,⁹ ficaram-nos diversos registos escritos contemporâneos que nos permitem corroborar a justeza das palavras de encarecimento do seu conterrâneo frei Luís de Sousa. Assim, além da sua participação no *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende, para o qual contribuiu com oito composições,¹⁰ o conhecido repositório, coligido por um anónimo quinhentista, de *Ditos Portugueses Dignos de Memória*,¹¹ recolhe nada menos que quarenta e seis historietas centradas nas respostas e ditos sentenciosos do pai de Jerónimo de Brito.¹² Ainda cerca de 1624 Manuel Severim de Faria, doutrinando sobre os três

⁷ Veja-se Maria do Rosário de Azevedo Cruz, *As Regências na Menoridade de D. Sebastião*, Lisboa, INCM, 1992, volume 1º, pp. 149 e 165.

⁸ Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana*, Braga, Edições Carvalhos de Basto, 1998, volume 5º, p. 108. – Esta referência devo ao saber linhagístico de José Alexandre Sarmento, cuja fraterna, firmíssima, prestante e diamantina amizade é um raro oásis e fonte de alento no vasto areal de tolice em que temos de caminhar e por vezes as forças nos falecem.

⁹ De uma das suas composições poéticas colige-se que militou em Safim; sabemos também que foi feitor da Mina e vencia moradia na Casa Real; frei Luís de Sousa, seu conterrâneo, quase contemporâneo e homem obrigado pela sua profissão religiosa a não faltar à verdade, diz dele, como vemos, que “foi de geração nobre”: tudo isto, no entanto, não foi óbice para que, indefesso na calúnia e no dislate gratuito, o anotador da edição moderna dos *Ditos Portugueses* que mais abaixo se referencia, tenha escrito: “Fernão Cardoso, homem de origem popular”...

¹⁰ Garcia de Resende, *Cancioneiro Geral*, Fixação do texto e estudo por Aida Fernanda Dias, Lisboa, INCM, 1993, volume 3º, pp. 556-560. – Entre os trinta e um poemas com que o Prof. Rodrigues Lapa formou o seu *Florilégio do Cancioneiro de Resende*, Lisboa, Textos Literários, 1960, uma das eleitas é o poema de Cardoso *Indo-se pelas serras de Ansião*, que pode ler-se na p. 20.

¹¹ A única edição impressa desta obra, da qual existem inúmeras cópias manuscritas, é a das Publicações Europa-América, “anotada e comentada por José Hermano Saraiva”.

¹² Também se recolhe aí um *mot d'esprit* de uma irmã sua, que demonstra que, à semelhança do outro irmão frei Fernando de Távora, era bem filha de seu pai “na graça”. Vd. Frei Luís de Sousa, obra e lugar citados.

estilos (“humilde, meão e grave”) através dos quais a língua portuguesa podia luzir e demonstrar a sua superioridade sobre os demais idiomas modernos, escrevia:

«Que direi do estilo humilde e jocoso, o qual parece que em nenhũa outra língua pode ter a graça e elegância com que Lourenço de Cáceres, Fernão Cardoso e Luís de Camões compuseram as suas cartas e outras semelhantes obras?»¹³

Uma vez confirmado o que os dois biógrafos de Brito escreveram acerca dos superiores dotes intelectuais que exornavam o progenitor, não deixou de nos causar alguma estranheza o silêncio que guardaram relativamente aos estudos académicos do nosso Autor, como que restringindo toda a sua preparação tanto intelectual como religiosa ao ano de noviciado passado no convento de Benfica, o que é francamente inverosímil e nos levou, já cientes da verdadeira identidade do autor da *Oratio*, a procurar o seu rasto no meio académico coimbrão ao qual ele necessariamente estava ligado, não apenas na sua qualidade de orador convidado, como na de Mestre, com que aparece designado na página de rosto do seu opúsculo latino de 1554. E, de facto, como vai ver-se, não faltam provas da sua presença na Academia de Coimbra.

Assim, se consultarmos *O processo na Inquisição de Mestre João da Costa*,¹⁴ ficaremos a saber que, no rol de testemunhas de defesa indicadas pelo réu, se encontra o nome do nosso Autor,¹⁵ o qual foi interrogado pelos inquisidores no dia 12 de Janeiro de 1551. Transcrevamos as palavras processuais que, além de ricas de informação biográfica, mostram da parte do declarante a ausência de qualquer propósito de prejudicar o acusado:

«[177] *Item* Jerónimo de Brito, capelão del-rei nosso Senhor, testemunha a que foi dado juramento dos santos Evangelhos, em que ele pôs a mão, e preguntado polo costume e cousas dele, disse que era amigo do réu, e porém que diria a verdade.

Item preguntado polo outavo artigo da dita defesa, que lhe foi lido etc., disse ele testemunha que era verdade que ele testemunha viu algũas vezes o réu fazer as práticas conteúdas no artigo, encomendando aos colegiais e ouvintes do Colégio que fossem bons e vertuosos e que se confessassem e tomassem o santo sacramento e servissem a Nosso Senhor mais por amor que por temor, e assi ouviu dizer ao réu algũas vezes aos ouvintes do dito Colégio que fizessem de maneira que suas vertudes soassem fora, pera que se soubesse que no Colégio se ensinava vertude e boa doutrina, e que ele testemunha viu sempre ao réu ter bom zelo nas cousas de serviço de Nosso Senhor. E deste mais non disse.

Item preguntado polo undécimo artigo da dita defesa que lhe foi lido, disse ele testemunha que assi passava como o réu dizia em seu artigo *scilicet* de fazer as precisões da dita maneira com toda boa ordem e muito devotas, levando todos seus livros s. os pequininos, e mandando chamar os clérigos de fora e fazia de

¹³ Manuel Severim de Faria, *Discursos Vários Políticos*, Lisboa, INCM, 1999, p. 92. A 1ª edição saiu dos prelos de Manuel Carvalho, em Évora, no ano de 1624.

¹⁴ Edição de Mário Brandão, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1944.

¹⁵ O. c., p. 115.

dizer as missas muito solenes e muito bem oficiadas e o réu ajudava com todas as cousas de sua casa necessárias e pertencentes pera o auto, e ele testemunha a rogo do réu o ajudou algũas vezes nas ditas missas, por ser clérigo: polo que ele, testemunha, tem pera si que o réu fazia tudo aquilo como bom cristão e homem temente a Deus, e ele testemunha nessa conta o tem. E mais non disse. Aº Roiz o escrevi / Aires Botelho / Jerónimo de Brito»

Da documentação processual também consta, na p. 117 da transcrição citada, que “Jerónimo de Brito ouve [=é *aluno*] no curso de António do Souto”. Ora, consoante nos ensina Mário Brandão, António de Souto regeu um Curso de Artes, no Colégio das Artes, de Outubro de 1549 até à Primavera 1553.¹⁶ Destarte bem encaminhados, e postos a compulsar os livros de *Autos e Graus* da Universidade de Coimbra relativos a esta época, descobrimos no livro 3º do tomo 4º que, a 8 de Fevereiro de 1552, Jerónimo de Brito provou a frequência das cadeiras que o habilitavam à obtenção do grau de bacharel em Artes, o qual, consoante o respectivo assento, lhe foi concedido em 6 do seguinte mês de Março do mesmo ano.¹⁷ Com miras à obtenção da licenciatura na mesma Faculdade de Artes, a 17 de Abril de 1554:

«Provou Hierónimo de Brito, bacharel em Artes, que ouviu dous meses do Mestre António do Souto, com certo tempo que ouviu do Mestre Francisco de Pina, todos os livros de Aristóteles que se requerem pera se fazer licenciado na dita Faculdade, e foram testemunhas que assi o juraram Francisco de Carvalho e Cristóvão de Benavente.»¹⁸

Poucos fólhos à frente se lê o registo oficial, tanto do exame para a concessão deste grau académico, como da cerimónia de imposição do mesmo:

[20] «O derradeiro dia do mês de Abril de 1554 anos na cidade de Coimbra e sala da Rainha dos Paços del-rei nosso Senhor onde se fazem os autos de Medecina e Artes, sendo í presentes o Doutor frei Martinho de Ledesma, lente de Véspera de Teologia e Vice-Reitor por comissão de D. Clemente, prior crasteiro do mosteiro de Santa Cruz e Cancelário da Universidade desta cidade, e o Doutor Marcos Romeiro, Vice-Reitor pera este auto seguinte por comissão do doutor Afonso do Prado, Reitor,¹⁹ que também é examinador, e o Mestre Melchior Beliago e o Mestre Pero Leitão e o Mestre Francisco Martins e Mestre Francisco Carlos, que este ano foram

¹⁶ Vd. Mário Brandão: “Os professores dos Cursos das Artes nas escolas do convento de Santa Cruz, na Universidade e no Colégio das Artes”, artigo inserto em *Estudos Vários*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1972, 1º volume, pp. 122-154. A referência a António de Souto encontra-se nas pp. 141-142; *A Inquisição e os Professores do Colégio das Artes*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1969, volume 2º, p. 509.

¹⁷ Arquivo da Universidade de Coimbra, *Autos e Graus*, tomo 4º, livro 3º, fólhos 11 vº e 12, respectivamente.

¹⁸ Arquivo da Universidade de Coimbra, *Autos e Graus*, tomo 5º, livro 1º, fólho 18 vº.

¹⁹ A desempenhar o cargo de reitor certamente por impedimento temporário do Reitor “efectivo”, o célebre frei Diogo de Murça, que aliás já vemos no desempenho das suas funções a presidir ao doutoramento de Cristóvão Monteiro: “Aos 17 dias do mês de Junho de 1554 (...) sendo presente o Senhor frei Diogo de Murça, Reitor.” (*Autos e Graus*, tomo 5, livro 1, fl. 34)

eleitos por examinadores de cinco bacharéis artistas que estudaram e ouviram todo o Curso de Artes de diversos mestres *scl* André Velho, Hierónimo de Brito, A° Manhoz, João Álvares e Diogo da Costa, juntos assi eles, Vice-Cancelário e Vice-Reitor e examinadores, pera comunicarem e votarem sobre a suficiêcia dos ditos bacharéis examinados, e tendo já feito o exame e comunicado antre si, segundo polos Estatutos é ordenado, começaram de votar por AA e RR pera saber os que amitiriam ou reprovariam, e foi logo primeiro votado sobre o bacharel André Velho e foi por todos aprovado *nemine discrepante*, lançando todos AA e nenhum R, e foram por todos seis AA, e tantos votaram.

Hierónimo de Brito foi aprovado *nemine discrepante*, lançando todos AA e nenhum R, e foram por todos seis AA, e tantos votaram.

[20 v°] [*Nos mesmos termos para os outros três*] E sendo assi aprovados, logo se lançaram sortes antre estes ditos bacharéis pera se saber a ordem que teriam em se fazer mestres em a dita Faculadde, e saiu pela ordem seguinte: André Velho o primeiro; João Álvares o segundo; Diogo da Costa o terceiro; Jerónimo de Brito o quarto; e A° Manhoz o derradeiro. E foi-lhe mandado que tomem os ditos graus de mestres conforme a ordem dos Estatutos. Diogo de Azevedo o escrevi.

Marcos Romeiro Martinus Cancelarius Belchior Beleago»

[21] «Grau de licenciados

O 1º dia de Maio do ano de 1554 na cidade de Coimbra e capela de São Miguel dos Paços del-rei nosso Senhor, sendo í presente o Doutor Marcos Romeiro, Vice-Reitor e examinador, e os outros quatro examinadores atrás nomeados, o Doutor frei Martinho de Ledesma, Vice-Cancelário por comissão de D. Clemente, prior crasteiro do mosteiro de Santa Cruz e Cancelário da Universidade de Coimbra, deu os graus de licenciados em Artes a: André Velho, de Barcelos, e a João Álvares, de Taveiro, e a Diogo da Costa, de Vila Nova de Portimão, e a Hierónimo de Brito, de Lisboa, e a A° Manhoz, de Soure, dando-lhes licença pera se poderem logo fazer mestres na dita Faculdade, os quais graus se deram às nove horas de pola minhã, sendo testemunhas o Mestre Vicente Fabrício e o Mestre Diogo de Gouvea e o Mestre António do Souto e o Mestre Pêro Leitão, e outros muitos. E eu Diogo de Azevedo lhes dei juramento a eles licenciados conforme ao Estatuto, que esto escrevi.»

A imposição das insígnias do grau de mestre, que não implicava quaisquer provas adicionais e era uma mera formalidade, onerosa apenas para a bolsa do candidato, realizou-se 13 dias depois para o nosso Autor e ficou consignada nos termos seguintes:

[21 v°] «Magistério de Hierónimo de Brito

Aos catorze dias do mês de Maio de 1554 às nove horas de pola minhã na cidade de Coimbra e capela de São Miguel dos Paços del-rei nosso Senhor, em presença

do Doutor frei Martinho de Ledesma, Vice-Cancelário por comissão de D. Clemente, prior crasteiro de Santa Cruz e Cancelário da Universidade, e do Doutor Afonso do Prado, Reitor, e do Doutor Marcos Romeiro, padrinho, e de outros muitos doutores e mestres: o dito padrinho, por comissão do dito Vice-Cancelário, deu o grau de Mestre em Artes a Hierónimo de Brito, de Lisboa. E foram testemunhas o Doutor Rodrigo de Reinoso e Francisco Franco e o Mestre Diogo de Gouvea e o Mestre António [*dalvim?*] e outros, e eu, Diogo de Azevedo, lhe dei juramento, conforme aos Estatutos, que esto escrevi.»

A derradeira prova documental da frequência da Universidade de Coimbra por parte de Jerónimo de Brito mostra-no-lo, em 23 de Maio de 1554, como estudante da Faculdade de Teologia, e reza o seguinte:

«Provou Hierónimo de Brito, de Lisboa, e Diogo da Costa, de Vila Nova de Portimão, que ouviram Teologia *scl* Hierónimo de Brito provou que começara de ouvir Teologia desde o princípio do mês de Julho de 553 até à feitura deste assento [...] e os dous meses de férias do dito ano de cinquenta e três [...]»²⁰

Ora, a 27 de Outubro deste mesmo ano, na p. 3* da carta dedicatória que antecede a *Oratio* académica que 26 dias antes pronunciara diante de toda a Universidade, não só confessa a D. João III que resultara do incitamento do monarca o seu propósito de frequentar a Academia conimbricense, como também a nós nos confirma tudo quanto acabámos de concluir recorrendo às fontes documentais:

«*Quantum in suscepto munere perfunctus, in banc tuam florentissimam Conimbricæ Academiae ingenii excolendi gratia me contulerim ibique primis litteris et Logicæ et Philosophiæ praeceptis optimis praeceptoribus sim imbutus, tandemque sacrosanctæ Theologiæ studium aggressus.*» (“O quanto me apliquei na tarefa a que me votei, mostrá-lo-ia a Vossa Alteza até por esta forma, como aquele que, cumprindo o vosso encargo, me desloquei para esta florentíssima Academia de Coimbra para cultivar a minha inteligência e aí fui instruído pelos melhores mestres nas primeiras letras e nos preceitos da Lógica e da Filosofia e, ao cabo, empreendi o estudo da sacrossanta Teologia.”).

Ou seja, estamos perante um clérigo jovem, muito provavelmente só com ordens menores (que já lhe permitiriam fruir das benesses de capelão del-rei), pertencente a uma família ilustre com entrada na Corte e assento em Lisboa, conquanto de origem santarena, mestre em Artes e a meio de um curso de Teologia: um conjunto de circunstâncias abonatórias que parecem ter contribuído para o convite que Brito recebeu da parte de D. Clemente da Silva, cancelário da Universidade e prior de Santa Cruz,²¹ para escrever e pronunciar o discurso com que se inaugurou o ano académico de 1554-1555.

²⁰ Arquivo da Universidade de Coimbra, *Autos e Graus*, tomo 5, livro 1, fl. 6.

²¹ Veja-se a nota que consagramos *infra*, no início da tradução do texto da *Oratio*, a esta personagem.

No entanto, tudo semelha indicar que o nosso Autor pôs de parte a continuação dos seus estudos universitários e tomou a decisão de ingressar na vida religiosa, optando pela austera Ordem de S. Domingos. Dada a sua presumível idade (em anos moços, mas adulto), é de supor que tal passo tenha resultado de um reflexão madura e de uma incontornável vocação, apesar das estranhas e sibilinas palavras, atrás citadas, com que frei Luís de Sousa a ele se refere: “Do Jerónimo dizem que o cardeal D. Henrique lhe mandou que fosse frade”. É que não nos parece verosímil que um tão zeloso reformador da vida religiosa lusitana, como se revelou o cardeal-infante, fosse constranger alguém a entrar na vida monástica, a menos que gravíssimas circunstâncias, que desconhecemos, tenham impellido D. Henrique a decidir-se por esta imposição anti-canónica. Seja como for, a 28 de Janeiro de 1556 vêmo-lo assinar em Lisboa uma carta laudatória impressa à testa dos *Commentaria in Exodum*,²² de frei Jerónimo de Azambuja, que o alemão de Colónia João Blávio imprimiu em Lisboa naquele ano. Aí se identifica diante do *pius lector* como *M. Hieronymus a Brito, Lusitanus, uir theologus*.

Ora, atendendo ao facto de a obra prologada pertencer a um dominicano, com o qual Brito confessa ter trato próximo (*meum erga illius auctorem studium*), e ao pormenor de se encontrar datada de Lisboa em pleno período escolar, somos levados a dar como provável a hipótese de o nosso Autor já haver então abandonado os estudos teológicos, que verosimilmente encetara tendo em mira a obtenção do grau de Mestre ou de Doutor, e se acolhera, a fazer o noviciado, ao claustro de São Domingos, convento onde, a 14 de Agosto de 1557, o vamos ver professar, de acordo com o que consta de um documento que afortunadamente chegou até nós:

[7 vº] «23. Anno Domini 1557, 14 die Augusti fecerunt professionem post Vesperas simul: 1. Fr. Emanuel de Sousa et 2. Fr. Henricus de S. Jeronimo [*à margem*: iste Fr. Henricus fuit Archiepiscopus de Goa] et 3. Fr. Reginaldus Portuensis [*alias* Assunção] sub Rdo P. Fr. Ludouico Granatensi prouinciali huius Prouinciae, existente priore huius conuentus de Benfca Fr. Gabriele de Sancta [8] Maria, et magistro nouitiorum Fr. Simone das Chagas non habente tunc Ordine Magistrum. [*Assinaturas*:] fr. Gabriel de Scta Maria, prior / Fr. Henricus de S. Ihmo [*Anotado*: Archiepiscopus Goanensis] / fr. Simão das Chagas [*à margem*: uirtutibus et miraculis clarus. Obiit Solor] / frei Manoel de Sousa / fr. Reginaldo dassunsam.»²³

Postos diante da evidência documental, ocorrem-nos algumas observações. A primeira é a exacção da data que Barbosa Machado apontou para a profissão religiosa do nosso Autor (14 de Agosto de 1557). A segunda é o facto de logo em seguida cinçar ao escrever que “professou solenemente nas mãos do insigne varão frei Bartolomeu dos Mártires, prior de Benfca”. Como acabámos de ver, o prior de

²² Que mais à frente se transcreve e traduz como Apêndice 1º.

²³ *Professiones Sancti Dominici de Benfca 1551-1599*, ms PORT 4789, Harvard College Library, publicado por António do Rosário, OP, *Cartório Dominicano Português. Século XVI*, fascículo 12, Porto, Arquivo Histórico Dominicano Português, 1981, p. 8.

Benfica era então frei Gabriel de Santa Maria, e frei Bartolomeu dos Mártires só nos aparece, neste mesmo documento, como prior de Benfica numa profissão datada de 13 de Maio do ano seguinte. Finalmente, parece-nos plausível a explicação que tanto Barbosa como Sousa dão para a eleição que o nosso Autor fez do prenome religioso, atribuindo-a a homenagem ao cardeal-infante, do qual, segundo diz o abade de Sever mas o cronista de S. Domingos não confirma, teria sido moço de câmara. Também não deixa de ser curiosa a espécie de vínculo que o nosso Autor parece ter querido manter com a sua anterior identidade, ao escolher um tal sobrenome religioso.

Poucos anos volvidos sobre a sua entrada na vida religiosa, frei Henrique fará parte da selecta equipa de confrades que D. frei Bartolomeu dos Mártires levará consigo ao ser investido, em 1559, na primacial Sé bracarense. Que frei Henrique lhe merecia uma fundada confiança parece prová-lo o facto de, logo a 23 de Março do ano seguinte, sair dos prelos coimbrãos de João Barreira um *Tratado de confessores*, a que já nos referimos, em cujo *Prólogo* “Frei Anrique de São Jerónimo, da Ordem dos Pregadores”, diz ao leitor, na p. 4, que compilara aquele “tratado de avisos de confessores por mandado do reverendíssimo Senhor D. frei Bertolameu dos Mártires, arcebispo e senhor de Braga, primaz.”²⁴ Também no cap. XXV do Livro 1º da *Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, frei Luís de Sousa, depois de no capítulo anterior nos informar acerca “dos motivos que teve o arcebispo pera fundar o convento de Santa Cruz da Ordem de S. Domingos na insigne vila de Viana”, escreve que “não tardou o arcebispo em propor ao governo e magistrados da vila de Viana o que tinha tratado com o provincial e mandou a isso, logo na entrada de Novembro do mesmo ano (=1560), o padre frei Anrique de Távora, religioso da sua Ordem.”²⁵

No cap. I do Livro 2º, ao tratar frei Luís de Sousa de “Como partiu o arcebispo pera a cidade de Trento ao santo Concílio e da casa e acompanhamento que levou”, viagem que se encetou em 24 de Março de 1561, informa-nos, relativamente à personagem objecto do nosso interesse:

«pera sua companhia não quis mais gente que aquela que lhe era precisamente necessária. [...] o padre frei Anrique de Távora, filho seu de profissão e criado em sua doutrina no tempo que fora prior do convento de Benfica. Este religioso andando o tempo foi bispo de Cochim e despois eleito arcebispo de Goa e primaz da Índia Oriental.»²⁶

Falando depois dos primeiros meses da estada em Trento e do teor de vida com que o santo arcebispo movia a espanto todos os que com ele tinham trato, frei de Luís de Sousa transcreve parte de uma carta que, com data de 3 de Novembro de 1561, frei Henrique endereçou da cidade tirolesa ao reitor do Colégio de Jesus em

²⁴ Transcrevemos *infra* este *Prólogo* como Apêndice 2º.

²⁵ Frei Luís de Sousa, *Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1946, volume 1º, p. 146.

²⁶ O. c., 171.

Braga, o futuro mártir Padre Inácio de Azevedo,²⁷ para poucas páginas adiante nos informar que:

«Entrou a Quaresma deste ano de 1562 e [...] quis o arcebispo que os menos ocupados também de sua parte ajudassem animando ao trabalho e acendendo em devoção os que com suor e fadiga contínua cavavam na vinha do Senhor; e ordenou pera este efeito algumas pregações particulares dos padres portugueses que havia em Trento.

Tocou o primeiro Domingo da Quaresma ao padre frei Anrique de S. Jerónimo, aliás de Távora, seu companheiro, e foi ouvido por essa razão de grande parte dos padres do Concílio. O sermão foi tal que redundou em honra da Ordem e do arcebispo, a quem se davam os parabéns por muitos prelados dizendo que bem se parecia o filho com o pai e o discípulo com o mestre.»²⁸

Não exagerou no encarecimento o melífluo biógrafo, se merece algum crédito a opinião de quem perpetrou a tradução, que, como Apêndice 3º, o leitor poderá encontrar mais à frente, desta desassombrada peça de oratória latina, que aliás nesse mesmo ano mereceu a honra de ser impressa em Bréscia *apud Ludouicum Sabiensem*.

Uma vez concluído o Concílio,²⁹ frei Henrique regressou à pátria, vindo a desempenhar, segundo a informação coincidente de Sousa e Barbosa Machado, o cargo de prior do convento de Évora da sua Ordem. Ora, conforme atrás se viu, o Autor da *Biblioteca Lusitana* aponta a data de 13 de Janeiro de 1567 como a da confirmação, por parte de Pio V, da nomeação, feita por D. Sebastião, de frei Henrique para bispo de Cochim, ao passo que o cronista de S. Domingos escreve que “era entrado o ano de 1566” quando se verificou a designação régia para aquela prelatura oriental. Mais perto do nosso tempo, Fortunato de Almeida escreve: “D. Frei Henrique de Távora e Brito, confirmado bispo de Cochim em data que

²⁷ No propósito de aqui se recolher toda a obra literária original do nosso Autor, transcrevemos a seguir esse pequeno texto, que pela escassez de dimensões não parece merecer honras de figurar em apêndice:

“Do senhor arcebispo digo que cada vez é mais santo e mortificado e creio que nunca gastou tão bem o tempo, e se lá for como esperamos em Deus, levará grande alforge pera si e pera suas ovelhas, e nunca viveu tão conforme a seus intentos como cá. Parece-me que se por ele fosse não deixaria este género de vida. Tem dado grande cheiro nesta terra e buscam-no tantos pobres como em Braga e a todos satisfaz. Os prelados têm grande conceito dele. Não quero parecer que louvo minhas cousas, posto que falo com quem o conhece. Ele e a casa todos ficam bem.

Deus louvado.

De Trento, a 3 de Novembro de 1561” (o. c., p. 205).

²⁸ O. c., p. 216.

²⁹ Os seis volumes da obra de José de Castro *Portugal no Concílio de Trento*, Lisboa, União Gráfica, 1944-1946, nada acrescentam ao que dizemos relativamente à estadia e participação de frei Henrique de S. Jerónimo na cidade do Tirol italiano.

No “Catalogus legatorum patrorum, oratorum et theologorum”, apenso à maioria das edições dos *Sacrosancti Concilii Tridentini Canones et Decreta*, na secção reservada aos “Theologi Ordinis Fratrum Praedicatorum”, pode ler-se: “Henricus de Sancto Hieronymo, cum Reverendissimo D. Bracharensi”.

desconhecemos, mas certamente posterior a Abril de 1571.³⁰ Finalmente, José de Castro, estribando-se na *Hierarchia Catholica* (tomo 3º, p. 171) de Guilelmus van Gulik, corrobora a data apontada por Machado.³¹ Desta diocese foi promovido para a Sé metropolitana de Goa, segundo Barbosa Machado (consoante se viu), por bula de Gregório XIII datada de 20 de Janeiro de 1578,³² mas, em opinião de Fortunato de Almeida³³: “provavelmente em Janeiro de 1577.” E ao abrirmos a obra clássica sobre *O Reinado do Cardeal D. Henrique*, nas páginas 26-27 lemos o seguinte:

«A 20 de Setembro de 1578, por ordem de D. Henrique, celebraram-se solenes exéquias, na igreja dos Jerónimos, em honra do seu antecessor. Foi celebrante o arcebispo de Lisboa, D. Jorge de Almeida; estiveram presentes el-rei, o duque de Bragança, os bispos do Algarve e de Portalegre,³⁴ o antigo bispo de Viseu, D. Jorge de Ataíde, e os prelados eleitos de S. Tomé, D. Martinho de Ulhoa, e das Índias, D. Frei Henrique de Távora e Brito.»³⁵

É esta a única referência que encontrámos a uma viagem à pátria após a sua partida para a indiática Cochim. Se de facto esta visita se deu, não pode ter sido longa, pois “a 9 de Abril de 1579 presidiu [*em Goa*] a uma junta de teólogos na qual se ventilou se era lícito permitirem-se aos gentios das terras de Salsete alguns ritos e cerimónias gentílicas.”³⁶

A isto praticamente se resume o que lográmos apurar sobre o percurso humano desta personagem, que pelos especiais contornos de que se reveste nos evoca o título de uma das peças de António José da Silva: “As variedades de Proteu”. Conforme Barbosa Machado e frei Luís de Sousa já nos contaram, o decesso de D. Frei Henrique de Távora – verificado a 17 de Maio de 1581 – assumiu uma forma melodramática que toca as raias do inverosímil, porquanto dá visos de supina insânia atrever-se alguém a propinar peçonha e ocasionar a morte de um tão alto dignitário, arriscando-se dessa forma ao incómodo da pena capital, só como desquite por uma reprimenda moral. Na impossibilidade de aprofundarmos a questão, encerramos

³⁰ Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, 2ª edição (a 1ª é de 1915-1917), Porto, Livraria Civilização Editora, Porto, 2º volume, 1968, p. 690.

³¹ José de Castro, o. c., 1944, volume 3º, p. 420.

³² Fundando-se igualmente em van Gulik, o. c., p. 204, José de Castro, *id.*, *ibi.*, consigna uma data ligeiramente diversa (29 de Janeiro de 1578), diferença de oito dias que aliás facilmente se explica se atendermos à similitude dos algarismos envolvidos.

³³ O. c., p. 700.

³⁴ D. Jerónimo Osório e D. André de Noronha, respectivamente.

³⁵ José Maria Queirós Veloso, *O Reinado do Cardeal D. Henrique*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1946. – Em nota, o Autor esclarece que colheira esta informação em José de Castro, *D. Sebastião e D. Henrique*, Lisboa, União Gráfica, 1942, p. 239, o qual, por sua vez, se funda na documentação existente no Arquivo Secreto do Vaticano (conquanto por vezes o faça de modo assaz desastrado, permita-se-me a confidência, como aliás oferece aqui mesmo um colossal exemplo, ao dar ao bispo de Portalegre em 1578 o nome do inglês D. Ricardo Russell, que de facto esteve à frente da diocese alentejana...a partir de 1671.)

³⁶ Fortunato de Almeida, o. c., p. 700.

este capítulo transcrevendo a narração do mesmo episódio final, feita pela pena de um dominicano que escreveu alguns lustros antes de frei Luís de Sousa e teve sobre este a vantagem de haver cursado terras mais próximas do cenário onde ele se desenrolou:

«Determinou de visitar pessoalmente seu arcebispado. [...] E tendo já visitado todas suas cidades e fortalezas, veio ter a Chaul, onde lhe deram peçonha, por ser muito inteiro e rigoroso em repreender e castigar pecados públicos. Da qual peçonha morreu e jaz sepultado em ãa sepultura, que está no cruzeiro de S. Domingos de Chaul, na parede junto do altar de Nossa Senhora do Rosário. O companheiro do arcebispo, religioso da mesma Ordem, que ajudou a comer da peçonha, não morreu dela, mas pelou-se todo e esteve muito mal.»³⁷

II

1. Damos em seguida a relação circunstanciada das orações de sapiência directamente relacionadas com a cultura portuguesa cujos textos chegaram até nós e pronunciadas até ao 1º de Outubro de 1555, data da lida pelo bacharel em Artes vianense António Pinto diante da Academia de Coimbra:

– Cataldo Parísio Sículo: *Oratio habita Bononiae publice a Cataldo in omnium scientiarum et in ipsius Bononiae laudes*, pronunciada em Bolonha,³⁸ antes de 1485, ano provável da sua vinda para Portugal.³⁹

Edições: *Epistolae et orationes quaedam Cataldi Siculi*, Lisboa, Valentim Fernandes, 1500, fls. h5 vº-i iii vº. Deste volume e da sua continuação se fez uma edição moderna fac-similada: *Epistolae et Orationes* de Cataldo Parísio Sículo, com introdução de Américo da Costa Ramalho, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1988.

– D. Pedro de Meneses, conde de Alcoutim: *Oratio habita a Petro Menesio comite Alcotini coram Emmanuele S. rege in scholis Vlyxbone*, pronunciada no Estudo Geral de Lisboa em 18 de Outubro (dia de S. Lucas) de 1504.

Edições: a) apud *Epistolarum et quarundam orationum secunda pars* de Cataldo, sem lugar nem data de impressão (mas *circa* 1513), foll D-Eiii; b) D. Pedro de Meneses, *Oração proferida no Estudo Geral de Lisboa*, com reprodução fac-similada. Estabelecimento do texto e tradução de Miguel Pinto de Meneses, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1964.

³⁷ Frei João dos Santos, *Etiópia Oriental e Vária História de Cousas Notáveis do Oriente*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1999, p. 505. – A 1ª edição deste livro saiu dos prelos de Manuel de Lira, em Évora, no ano de 1609.

³⁸ Embora lida fora do território nacional e por Autor estrangeiro, a importância do magistério de Cataldo e a influência desta oração em escritores portugueses – além da circunstância de a sua 1ª edição ter saído de prelos lusitanos – justificam plenamente a sua inclusão nesta lista.

³⁹ Vd. Américo da Costa Ramalho, *Para a História do Humanismo em Portugal – I*, Coimbra, INIC, 1988, p. 41.

– André de Resende: *Oratio pro rostris*, pronunciada perante a Universidade de Lisboa no 1º de Outubro (dia de S. Remígio) de 1534.

Edições: a) *L. Andreae Resendii Lusitani Oratio pro rostris pronunciata in Olisiponensi Academia, Calendis Octobris 1534*, Lisboa, Germam Galhard, Outubro de 1534; b) André de Resende, *Oração de Sapiência (Oratio pro rostris)*, com reprodução fac-similada. Estabelecimento do texto e tradução de Miguel Pinto de Meneses, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1956.

– Jerónimo Cardoso: *Oratio pro rostris*, pronunciada perante a Universidade de Lisboa no 1º de Outubro de 1536.

Edições: a) *Oratio pro rostris habita Calendis Octobris Olisiponensi Academia, de laudibus omnium disciplinarum. Anno tricesimo sexto supra sesquimillesimum*, Coimbra, João de Barreira e João Álvares, 1550; b) Jerónimo Cardoso, *Oração de Sapiência proferida em louvor de todas as disciplinas*, com reprodução fac-similada. Estabelecimento do texto e tradução de Miguel Pinto de Meneses, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1965; c) *Apud* Jerónimo Cardoso, *Obra literária. Tomo 1º: Prosa latina*, estabelecimento do texto e tradução de Telmo Reis, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2009, pp. 51-99.

– Juan Fernández: *Oratio pro rostris*, pronunciada no Mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra, no 1º de Outubro de 1538.

Edição: o original, intitulado *Oratio pro rostris pronuntiata Conimbricensi Academia a M. Ioanne Fernando anno secundo a nouae Academiae institutione*, encontra-se em manuscrito na Biblioteca Municipal do Porto, tendo sido reproduzido fotograficamente *apud* Jorge Alves Osório, *Autour d' un discours humaniste d'un éditeur Coimbrois des Colloques d'Erasmé*, “Arquivos do Centro Cultural Português”, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, XI, 1977, pp. 89-106.

– Arnaldo Fabrício: *De liberalium Artium Studiis Oratio*, pronunciada no Colégio das Artes, em Coimbra, a 21 de Fevereiro de 1548, véspera do início das aulas na recém-fundada escola.

Edições: a) *De liberalium Artium Studiis Oratio Conimbricae habita in Gymnasio Regio*, Coimbra, João de Barreira e João Álvares, 1548; b) Mário Brandão, *Uma oração académica do Renascimento*, Coimbra, 1926; c) Luís de Matos, *Quatro Orações Latinas Proferidas na Universidade e Colégio das Artes (Século XVI)*, Coimbra, Universitatis Conimbricensis Studia ac Regesta, 1937, pp. 3-23; c) a incluída neste volume.

– Belchior Beleago: *De disciplinarum omnium studiis oratio*, lida perante a Universidade de Coimbra no 1º de Outubro de 1548.

Edições: a) *De disciplinarum omnium studiis ad uniuersam Academiam Conimbricae habita Calendis Octobris 1548*, Coimbra, João de Barreira e João Álvares; b) Luís de Matos, transcrição do texto latino na colectânea citada no ítem anterior; c) *Oração sobre o estudo de todas as disciplinas de Belchior Beleago*, com reprodução fac-similada. Prefácio, tradução e notas de M^a Helena da Rocha Pereira, Porto, Centro de Estudos Humanísticos, 1959; d) a incluída neste volume.

– Pedro Fernandes: *In doctrinarum scientiarumque omnium commendationem oratio*, lida perante a Universidade de Coimbra no 1º de Outubro de 1550.

Edições: a) *Petri Ferdinandi in doctrinarum scientiarumque omnium commendationem oratio apud uniuersam Conimbricam Academiam habita Calendis Octobris anno 1550*, Coimbra, João de Barreira e João Álvares; b) transcrição do texto latino, publicada como Apêndice à obra de Francisco Leitão Ferreira, *Notícias Cronológicas da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 2ª parte, volume 3, tomo 2, 1956, pp. 1012-1040; c) a incluída neste volume.

– Hilário Moreira: *De omnium Philosophiae partium laudibus et studiis Oratio*, proferida perante a Universidade de Coimbra no 1º de Outubro de 1552.

Edições: a) *Hilarii Moreirae Conimbricensis ad inuictissimum Lusitaniae regem D. Ioannem tertium, De omnium Philosophiae partium laudibus et studiis oratio, apud inclytum Conimbricense lyceum universi terrarum orbis florentissimum de more Academiae habita Calendis Octobris Anno Salutis 1552*, Coimbra, João de Barreira e João Álvares; b) transcrição do texto latino na colectânea já citada de Luís de Matos; c) *A Oração de Sapiência de Hilário Moreira*, tradução portuguesa, introdução e notas Albino de Almeida Matos, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da F. de Letras, 1990; d) a incluída neste volume.

– Jerónimo de Brito: *De scientiarum disciplinarumque omnium laudibus oratio*, lida perante a Universidade de Coimbra no 1º de Outubro de 1554.

Edições: a) *De scientiarum disciplinarumque omnium laudibus oratio apud Vniuersam Conimbricam pronunciata Calendis Octobris anno Domini 1554*, Coimbra, João de Barreira; b) a incluída neste volume.

– António Pinto: *Oratio de scientiarum omnium magnarumque artium laude*, lido perante a Universidade de Coimbra no 1º de Outubro de 1555.

Edições: a) *Oratio de scientiarum omnium magnarumque artium laude ab Antonio Pinto habita apud Vniuersam Conimbricensem Academiam Calendis Octobris anno Domini 1555*, Coimbra, João Álvares; b) a presente.

– Pedro João Perpinhão,⁴⁰ S. I.: *De Societatis Iesu gymnasiis*, pronunciada em Coimbra no 1º de Outubro de 1555 (às três horas da tarde) na cerimónia de entrega do Colégio das Artes aos jesuítas.

Edições: a) incluída, como *Oratio IV*, em *Petri Ioannis Perpiniani [...] orationes duodeviginti*, Roma, apud Zannettum et Ruffinellum, 1587, pp. 165-209. Nas páginas liminares deste volume apontam-se os lugares e épocas em que as diferentes peças oratórias foram pronunciadas pelo religioso valenciano, consignando-se a respeito desta que: *Primam de Societatis Iesu gymnasiis et de eius docendi ratione habuit Conimbricae Kal. Octobris 1555, cum Lusitaniae rex inuictissimus Ioannes, hoc nomine tertius, Conimbricense Gymnasium Societati Iesu tradidisset*. (“O primeiro discurso

⁴⁰ Damos a forma aportuguesada do sobrenome deste jesuíta, que em valenciano, língua da sua pátria, se ortografa Perpinyà.

acerca dos colégios e do método de ensino da Companhia de Jesus pronunciou-o em Coimbra, no 1º de Outubro de 1555, por ocasião de o invictíssimo rei de Portugal D. João III ter entregue o Colégio Conimbricense das Artes à Companhia de Jesus”); b) teve inúmeras reedições, cuja relação se pode ver nos reportórios bibliográficos da corporação religiosa a que o Autor pertencia, especialmente a obra clássica de Carlos Sommervogel, S. I., *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, Bruxelas, tomo 6, 1895, pp. 547-554.

A leitura que fizemos de todas as peças oratórias académicas que hoje se enfeixam neste volume leva-nos a capitular a presente como a de mais rasteiros voos literários. Embora o vínculo de quase paternidade que a ela nos liga como responsável pela tradução nos pudesse induzir ao vício em que a maior parte dos progenitores humanos incorre quando se trata de qualificar os méritos da sua prole, o amor da verdade obriga-nos a prevenir o leitor de que não se encontra perante uma obra de génio. Do mesmo passo também nos parece da mais elementar justiça desde já qualificá-la como o que nos parece que é: trabalho metódico, mediano e competente, bem-intencionado e honesto, em que o pendor moralizante avulta e faz adivinhar o teor de vida por que muito em breve o Autor irá enveredar.

Ora, nestas condições, em vez de retalharmos com o bisturi de uma análise severa uma peça oratória a que as imposições da praxe obrigavam a um desenvolvimento pré-determinado dentro de um período de tempo relativamente curto, parece-nos preferível chamar a atenção do leitor para alguns dos aspectos (poucos e sobretudo acessórios) em que esta obra se singulariza relativamente à toada comum em que se une com as suas congéneres.

Assim, a primeira e imediata observação tange às próprias dimensões físicas da *Oratio* de Jerónimo de Brito, que são inferiores às das suas irmãs. É certo que esta aparente desvantagem é compensada pelos fortes esteios a que se arrima: o Doutor frei Martinho de Ledesma, o poeta Inácio de Moraes, D. João III e o Cancelário da Universidade (o Geral dos Crúzios D. Clemente da Silva).

A “censura” do dominicano frei Martinho de Ledesma, a breve trecho irmão de hábito do nosso Autor e seu mestre na Faculdade de Teologia, toda ela ressuma a mais cálida simpatia, sentimentos que, sob a forma de três dísticos elegíacos, também quis exprimir Inácio de Moraes, que por então frequentava a Faculdade de Leis, na qual obtivera o grau de bacharel a 26 de Julho deste mesmo ano de 1554.⁴¹ Nesta pequena composição, a amizade do vate transmontano leva-o a emparelhar hiperbolicamente os dotes de pintor e de orador de Brito com os dos seus supostos émulos greco-latinos: Apeles e Cícero...

⁴¹ Vd. Mário Brandão, *Estudos Vários*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1972, 1º volume, p. 302.

Das palavras que, no prefácio-dedicatória, dirige ao monarca colhe-se, como atrás vimos, que a sua ida para Coimbra, onde se graduara em Artes e cursava então Teologia, se ficaria a dever ao incitamento do destinatário, que, ao que indicam as fontes históricas, sentia grande apreço por Fernão Cardoso, pai de Jerónimo de Brito.

No exórdio da *Oratio*, o nosso Autor alude à responsabilidade que cabe ao Cancelário da Universidade pela escolha do seu nome para o desempenho daquele papel na cerimónia com que se oficializava a abertura do ano escolar: «*qui, quod optimo iure poterat imperare, beneuole et amice postulans, [...] ad hoc tamen munus tractandum designauerit.*» (“o qual, rogando bondosa e amigavelmente aquilo que com todo o direito poderia ordenar, [...] indicou-me para tratar deste assunto.”). P. 6.

Não será de descartar a possibilidade de aquela “bondade e amizade” com as quais D. Clemente da Silva instou junto de Brito para movê-lo a pronunciar a *Oração* académica derivasse de laços de família que os uniriam e que nos atrevemos a sugerir, atendendo ao facto de ambos procederem de senhoras de apelido Távora.⁴²

Passando aos louvores das diferentes ciências, não é de estranhar que um aluno de Teologia – à qual aliás cabia então a primazia no elenco dos saberes – se ocupe de modo significativamente mais dilatado com os da sua Faculdade que com os das demais, merecendo-nos sim algum reparo o modo talvez excessivamente alusivo como trata de algumas, como é o caso, por exemplo, da Geometria, Aritmética e Gramática. Depois dos estudos teológicos, são a Música e a Eloquência as áreas de saber sobre que mais se derrama, o que talvez tenha uma explicação psicológica se nestas, por um lado, virmos as actividades mais “artísticas” (no sentido de “artes do belo”) de quantas compunham o currículo académico de então, e, por outro, nos recordarmos da excepcional vocação para a pintura que tanto frei Luís de Sousa como Inácio de Moraes atribuíram a Jerónimo de Brito. A propósito, e tendo em conta esta sensibilidade estética, devemos confessar que não foi sem estranheza que verificámos a quase nula presença da poesia e dos poetas no corpo desta *Oratio*,⁴³ ao invés do que sucede com as suas congéneres reunidas neste volume, com a só excepção da de Arnaldo Fabrício, que nos aparece como igualmente infenso às musas.

Sem embargo do parcimonioso desenvolvimento que o Autor deu aos núcleos temáticos que estava obrigado a glosar, estranhamente o recurso retórico a que mais amiúde parece recorrer é aquele que, entre as figuras que a preceptista tradicional incluía na rubrica das *figurae per detractionem*, recebia o nome de *praeteritio*.⁴⁴

⁴² A mãe de D. Clemente e a bisavó paterna de Jerónimo de Brito. Vd. nota 8 desta Introdução e nota 4 ao Texto da Oração.

⁴³ As excepções são: a) na p. 14, a breve citação do fr. 129 Snell, de Píndaro, procedente de um passo doutrinal de Platão; b) e, na p. 29, a sumária alusão às “Musas Carmentas”, que, “mediante uma certa agradável diversidade de ritmos”, compõem diversos cantares.

⁴⁴ “É uma referência à situação do discurso e consiste em anunciar expressamente a intenção de deixar de lado o tratamento exaustivo de um objecto referido ou de vários objectos referidos no discurso.” Heinrich Lausberg, *Elementos de Retórica Literária*, tradução de R. M. Rosado Fernandes, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993, pp. 243-244.

Como se temesse que o seu fôlego e a paciência do auditório se fossem esgotar a muito breve prazo, vemos Jerónimo de Brito quase desde o início procurar por esta via expedita dar-se pressa por chegar ao anelado *dixi* final. De facto, veja-se:

[p. 13] «*et alia permulta quae uix poterunt oratione comprehendendi.*» (“e muitas outras coisas que dificilmente se poderão incluir num discurso.”)

[p. 15] «*de iis hactenus, nullum enim est tempus in quo quantum huic iuri debeatur possit recenseri.*» (“com isto basta sobre este assunto, pois não há tempo para se poder enumerar o quanto se deve a este direito.”)

[pp. 15-16] «*Omitto Asclepiadem[...] Chrysippum, Empiricum, Herophilum et plerosque alios [...] ne longa oratione uobis fastidium uidear afferre.*» (“Não refiro Asclepiades [...] Crisipo, Empírico, Herófilo e muitos outros [...] para que não pareça que vos causo enfado com um discurso mais dilatado.”)

[p. 17] «*Possem ego multorum sententias in medium afferre [...]. Sed quorsum haec?*» (“Eu poderia aduzir aqui as opiniões de muitos [...] Mas a que fim?”)

[p. 20] «*Multa possem [...] uobis afferre, sed non sine aliarum artium iactura, nam uideo mihi tempus praefinitum ad dicendum deesse.*» (“Poderia alegar-vos muitos factos [...] mas não sem detrimento das outras artes, pois vejo que me falta o tempo que me foi prescrito para falar.”)

[p. 28] «*Sed ne amore Eloquentiae uidear de illa plura dicere quam quae nostra postulet oratio, Grammaticam ultimo explicemus.*» (“Mas para que não pareça que por amor da Eloquência digo mais do que aquilo que pede o nosso discurso, passemos a expor por último a Gramática.”)

A piedosa peroração final, endereçada a encaminhar a mocidade estudiosa na senda do saber consorciado com a verdadeira religiosidade, tem o amplo e inspirado alento que resulta de uma forte convicção e parece-nos, mesmo na sua brevidade, a parte literariamente mais lograda de toda a *Oração*, seguramente porque dimanou espontânea do fundo da alma.

Concluiremos, dizendo que, em nossa opinião, Jerónimo de Brito maneja um latim elegante e eficaz, rarissimamente mareado por um ou outro trecho em que talvez um desígnio de agudeza ou excessiva brevidade o tenham feito incorrer em um tal ou qual enleio de sintaxe, provável marca hereditária do filho do “sentencioso” Fernão Cardoso.

2. Aproveitou-se a hospitalidade que este volume ofereceu à até hoje quase ignorada *Oratio* académica de 1554 para, em três apêndices, oferecer ao leitor o que julgamos ser todo o restante e magro legado literário da esquiva personalidade que cremos ter sido o primeiro a completamente identificar.

Como Apêndice 1º transcrevemos e traduzimos uma carta latina, datada de 28 de Janeiro de 1556, impressa no 3º fólio, não numerado, dos *Commentaria in Exodum*, do dominicano frei Jerónimo de Azambuja (o célebre inquisidor que, sob

o nome de *Oleastro*, gozou, como exegeta do *Pentateuco* e hebraísta, de vasta e duradoira fama europeia), publicados naquele mesmo ano em Lisboa, por João Blávio de Colónia. Curiosa e agradavelmente (para quem isto escreve, pelo menos), apresenta-se imediatamente a seguir a uma carta do mesmo teor de Jerónimo Osório, cuja tradução já em tempos publicámos.⁴⁵ O escrito de Jerónimo de Brito, Mestre em Artes e teólogo, ao encarecer a obra do amigo, não trilhou o caminho fácil da acumulação de banalidades retóricas, mas, para além de revelar perspicácia na caracterização que faz do modo como são diferentemente acolhidas os livros que saem a lume, aponta com notória madureza de juízo e solidez de doutrina os aspectos francamente positivos que recomendavam a obra de Oleastro e sublinha com convicção os proveitos que com ela adviriam à grei cristã.

O pequeno Apêndice 2º recolhe o texto, neste caso em vernáculo, do *Prólogo* que o nosso Autor, agora sob o *alias* de frei Henrique de S. Jerónimo, antepôs ao hoje raríssimo *Tratado de avisos de confesores*, que João Barreira editou em Coimbra no ano de 1560. Nesta pequena obra o Autor, consoante já atrás escrevemos, “por mandado do reverendíssimo Senhor D. Frei Bertolameu dos Mártires,” seguindo o modelo de uma obra similar “que o sereníssimo cardeal ifante mandou fazer no seu arcebispado de Évora”, compilou uma série de avisos de utilidade para os confesores de escassa preparação teológica, “pera não errarem em seu ofício tão crassamente, como fazem os que desta matéria não tem nenhum conhecimento.”

Como Apêndice 3º tornamos acessível ao leitor de língua portuguesa o texto e a versão portuguesa daquela que consideramos a obra mais notável do nosso Autor: o sermão que este, na edição *princeps*, não trepidou em subtitular *De calamitatibus Ecclesiae*, pronunciado diante dos Padres de Trento em 15 de Fevereiro de 1562 e dado à luz da publicidade no mesmo ano pelo impressor de Bréscia, Ludouicus Sabiensis. Já nos referimos às circunstâncias que estão na génese desta brilhante peça oratória, sendo também certo que, ao mesmo D. Frei Bartolomeu que indignou o nome do seu teólogo privado e companheiro de jornada para o desempenho desta função concionatória, devemos nós ter grandemente contribuído para o triunfo que, também como orador sagrado, alcançou em Trento outro ilustre dominicano português: frei Francisco Foreiro.⁴⁶

⁴⁵ D. Jerónimo Osório, *Cartas*. Tradução, compilação e nota de A. Guimarães Pinto, Silves, Câmara Municipal, 1995, pp. 32-34.

⁴⁶ Vd. frei Luís de Sousa, *Vida do Arcebispo*, o. c., volume 1º, p. 216: “Logo pera a terceira Sexta-feira, convidou o arcebispo muitos prelados italianos e de outras nações pera ouvirem o *Sermão da Vinha* do padre-mestre frei Francisco Foreiro [...] Acudiram a ele todos os espanhóis pola fama de suas letras e eloquência, que este dia ficou de novo acreditado com a obra, e foi causa de o fazerem continuar na Quaresma do ano seguinte com extraordinário concurso e aplauso e com uma clara confissão que andava em alto ponto entre os Portugueses aquele santo ministério do púlpito.” – Ficou um testemunho impresso das prédicas trentinas de frei Francisco Foreiro na Quaresma de 1563: *F. Francisci Forerii [...] sermo quem habuit ad Patres Dominica prima Aduentus Anno 1563*, Bréscia, Ioannis Baptista Bozola, 1564. Deste sermão, em que o estilo ciceroniano do frade vai de par com uma desassomburada crítica tanto das

No estabelecimento dos textos latinos que publicamos – e em todas transcrições de textos latinos que efectuámos – procurámos corrigir gralhas evidentes de impressão, uniformizámos a ortografia e pontuação e, quando nos pareceu necessário, abrimos parágrafos.

Agradecemos à *Biblioteca Comunale* de Trento o pronto e gratuito envio que fez das raríssimas espécies bibliográficas que lhe solicitámos, gentileza que nos penhora e, por contraste, mais avulta aos olhos e carteira de quem está acostumado à *via crucis* de algumas das congéneres lusitanas.

Ao meu Amigo e antigo Professor Sebastião Tavares de Pinho agradeço a possibilidade que mais uma vez me oferece de publicar uma parte do trabalho com que tenho procurado justificar diante de mim mesmo e tornar de alguma utilidade ao próximo a minha passagem por este mundo.

materialidades do alto clero católico como do que considera demoníacos desvíos da teologia luterana *de fide*, fizemos em tempos uma tradução, que espera inédita melhores dias na companhia da versão que igualmente perpetrámos de outra peça oratória lida em Trento por uma das mais eminentes personalidades que aqui actuaram, o hoje quase esquecido Diogo de Paiva de Andrade.

(Página deixada propositadamente em branco)

APÊNDICES

APÊNDICE 1º
(TEXTO)

Reuerendi admodum Patris Fratris Hieronymi ab Oleastro Lusitani, Praedicatorii Ordinis [...] *Commentaria in Exodum*, [...] Olyssipone, ex officina Ioannis Blauui Coloniensis, 1556.

[3*]

M. HIERONYMVS A BRITO, LVSITANVS, VIR THEOLOGVS,
PIO LECTORI S.

Non tantum mihi assumo, lector optime, ut existimem posse me facile de ingeniis et eruditione doctorum hominum iudicare. Verum enimvero uel huius operis dignitas, uel meum erga illius auctorem studium facit ut aliquid de illius utilitate ac praestantia dicam, praesertim cum multi admonendi sint ne ita antiquitatem admirentur ut, si quid commode a recentioribus explicatum sit, id ne legendum quidem putent. Vt enim plerique exstiterunt quibus quo aliqua recentiora, eo iucundiora uidentur, quique nouitatis studio omnia probantur, sic alii sunt qui antiquarum rerum studiis ita delectantur ut quae uiri huius tempestatis eruditi litteris mandarunt uituperent ac detestentur, atque adeo ut iam optimae cuique uirorum studiosorum exercitationi uelint inuidiose detrudere. Quod esse in causa non dubito ut uiri, bonis artibus exculti et Sacrarum Litterarum studiosi, quae pro disciplinis illustrandis in lucem edere uoluissent, eorum perterriti iudicio, iam efficere recusarent. Vtrique iure reprehendendi. Illorum profecto arrogancia, nam quae ipsi fortasse ignorant, ob idque ad multitudinis opinionem temerarie reprehendunt, latere maluissent. Istorum extrema demissio, a magnitudine animi non porro aliena, qui quae doctis et piis probari intelligunt, eorum iudicia ita formidarunt ut ea in uulgus edere dubitarent. Itaque hominum deprauata uituperandi libido, quae in aliorum opera effrenate saeuit, multorum ingenia, ac praesertim Lusitanorum,

APÊNDICE 1º (TRADUÇÃO)

Comentários [...] ao Êxodo [...] Do mui Reverendo Padre Frei Jerónimo de Azambuja, Português, da Ordem do Pregadores, Na oficina de João Blávio, de Colónia, 1557.

[3*]

O MESTRE JERÓNIMO DE BRITO, PORTUGUÊS, TEÓLOGO,
SAÚDA O PIEDOSO LEITOR

Prezado leitor, não presumo tanto acerca de mim mesmo que considere que posso ajuizar com facilidade acerca das capacidades intelectuais e saber dos homens doutos. Contudo, quer a importância desta obra, quer o meu afecto pelo seu autor fazem que diga alguma coisa acerca da sua utilidade e excelência, sobretudo quando se faz mister aconselhar muitas pessoas a que não admirem tanto a antiguidade que, se os mais recentes expõem algo de modo conveniente, nem sequer o consideram digno de leitura. É que, da mesma forma que existiram muitos que, quanto mais modernas são algumas coisas, tanto mais agradáveis lhes parecem,⁴⁷ e que, por amor da novidade, tudo aprovaram, assim há outros que, de tal sorte se deleitam com o estudo das coisas antigas, que aborrecem e dizem mal do que escreveram os varões sábios desta época, e a tal ponto que já pretendem odiosamente detrair qualquer excelente trabalho dos estudiosos. Não duvido de que o fazem a fim de que os varões aperfeiçoados pelas boas artes e estudiosos das Sagradas Escrituras já se recusem a levar a cabo aquilo que tinham querido dar a lume, para lustre das ciências, temerosos do juízo crítico dos tais. Uns e outros com razão devem ser criticados. Os segundos, por arrogância, pois teriam preferido que se mantivesse

⁴⁷ Cf. este passo com o quase idêntico que o Autor escreveu na dedicatória a D. João III da sua *Oratio* académica.

a maximarum rerum studiis retardauit, ut, licet bonis artibus et ingenio pollerent, raro tamen in lucem ausi sint prodire.

Quo maiore laude dignus est Hieronymus ab Oleastro, uir singulari doctrina ac uirtute praeditus, Instituti Praedicatorum decus, quando nec timore hoc est impeditus quominus cogitationes suas litteris mandaret atque pro uiribus Ecclesiae utilitati consuleret! Hunc igitur aliorum arrogantia non modo non deterruit ut a piis sacrisque studiis animum auocaret, uerum etiam, quae maximis uigiliis ac laboribus litteris mandauit, sine ulla detractorum formidine, ut Christianae pietati incremento amicis utilitate ceterisque emolumento esse possent, typis curauit committenda. Neque enim puerilia uel quae sensui populari essent accommodata (ut saepe usu uenit) nobis edidit, uerum, Platonem imitatus, qui uiros graues a comoediis, hoc est, a rebus friuolis et quae parum habeant momenti, docuit abstinendum, quae Bibliis sacris interpretandis, ingenio non mediocri, multis diebus elaborauit, summa cum moderatione ac modestia omnibus offerret atque docta illa piaque "Commentaria" in libros Moseh, quos Pentateuchum uocant, quae singulari doctrina industriaque composuerat, ad communem utilitatem et in gratiam litterarum nunc demum in publicum emisit.

Qua in re quantum eruditionis ac doctrinae ostenderit aliorum sit iudicio, mihi uero in hoc opere id praeclarum uidetur, quod non modo Scripturae sensus explanat, uerum illam ad mores et instituta uitae sapientissime transfert atque mirifice cum litterae explicatione spiritum coniungit. Multi enim ita scripto addicti sunt ut diuinum ipsius scripti sensum repudient et, dum plus nimio litterae adhaerent, spiritum neglegunt. In quo non modo ab Chrysostomo (cuius Auctor uidetur uestigia fuisse secutus), Hilario, Cyrillo, Hieronymo, Augustino, Bernardo et aliis uiris sanctissimis longe dissident, uerum etiam a Paulo, totius Theologiae splendore, dissentiunt. Is enim ad Galatas quarto loquens de filiis Abrahae, ex sacris eloquiis spiritum et doctrinam depromens, nonnulla per allegoriam dicta retulit, multisque aliis locis, ad Corinthios, ad Hebraeos et alibi (quae quia breuitati studii silentio praetereo) in quibus, spiritum ex Scripturis accipiens, significat ex Sacris Litteris, quae ad nostram doctrinam, non solum ad historiam referendam, scriptae sunt, eruditionem et spiritualem intelligentiam etiam esse petendam. Hoc enim interpretandi genere mens illustratur, totus animus rerum diuinarum studio concalescit atque ad caelum magnis conatibus aspirat. Qui igitur

oculto aquilo que eles mesmos porventura ignoram, motivo pelo qual repreendem desatinadamente a opinião da multidão. Os primeiros, pela sua excessiva modéstia, por outro lado não alheia à grandeza de ânimo, os quais se dão conta de que os seus escritos são aprovados pelos sábios e piedosos, mas de tal forma se temem do juízo críticos deles que hesitam em dá-los a público. E assim a perversa paixão humana de dizer mal, que desenfreadamente se cevou nas obras dos outros, impediu que se aplicassem aos estudos as capacidades intelectuais de muitos, e sobretudo de Portugueses, por tal forma que, embora sobressaíssem pelas boas artes e inteligência, todavia raramente se atreveram a publicar.

De quanto maior louvor é merecedor Jerónimo de Azambuja, varão provido de excepcional saber e virtude, lustre da Ordem dos Pregadores, uma vez que este receio não o embargou de mandar para o prelo os seus trabalho e, em conformidade com as suas capacidades, olhar pelo proveito da Igreja! Por conseguinte, a presunção dos demais não apenas não o obrigou por medo a desviar-se dos piedosos e sagrados estudos, mas também, o que escrevera com o máximo desvelo e trabalho, tratou de imprimir-lo sem qualquer receio dos detractores, a fim de poder aumentar a piedade cristã e ser de proveito aos amigos e útil aos demais. É que não deu a lume frivolidades ou coisas que estejam adaptadas ao gosto popular (como amiúde acontece), mas, imitando Platão, que ensinou que os varões sérios se devem abster das comédias,⁴⁸ ou seja, das coisas vãs e que são de somenos importância, com o máximo comedimento e modéstia a todos presenteou com aquilo que com uma penetração intelectual incomum coligiu durante muito tempo na interpretação da Bíblia sagrada, e deu agora finalmente à luz da publicidade, para utilidade comum e em benefício das letras: os doutos e piedosos *Comentários* aos livros de Moisés, a que chamam Pentateuco, que escrevera com saber e desvelo excepcionais.

Quão grande erudição e saber mostrou nesta empresa, fique a outros o avaliá-lo, mas o que nesta obra me parece notável é que não só explica o sentido da Escritura, mas de forma muito sábia aplica-a aos usos e costumes da vida e consorcia admiravelmente a explicação da letra com o espírito da mesma. É que muitos de tal maneira estão amarrados ao que está escrito que rejeitam o sentido divino da mesma letra e, ao tempo que se cingem sobejamente à letra, estão a negligenciar o espírito. Com este procedimento afastam-se muitíssimo não apenas de Crisóstomo (de quem o Autor parece seguir as pisadas), de Hilário, de Cirilo, de Jerónimo, de Agostinho, de Bernardo e de outros varões santíssimos, mas também divergem de Paulo, esplendor da inteira Teologia. Com efeito, falando em *Gl* 4. 24 acerca dos filhos de Abraão, extraindo o espírito e doutrina das palavras sagradas, afirma que muitas coisas foram ditas por alegoria, e em muitas outras passagens, aos Coríntios, aos Hebreus e alhures (que por amor da brevidade aqui remeto ao silêncio) nas

⁴⁸ Possível alusão a *Leis*, 816e-817a. É certo que Platão se pronunciou, mas mais concretamente contra a tragédia, em outros conhecidos passos: *República*, 568c e 605e-606a; *Górgias*, 502d-e; *Filebo*, 816d-817e.

hanc diuinam explicandi rationem ex Diuinis Litteris repellendam putant, magno pietatis fructu studiosis [3* vº] priuant.

Hinc iam poterit intelligi quantum huius Auctoris debeatur, qui omne suum tempus in fide amplificanda nostrisque animis moderandis transigendum putauit. Et eum animum, quo erga Deum Optimum Maximum flagrabat, singulari caritate in proximos, sacris contionibus, declamatorum more, quibus maxime floruit, semper ostenderit. A quibus, cum propter tot ardua negotia pro fidei amplitudine ab eo suscepta, dum fidei ac religionis tractandarum rerum muneri a cardinali amplissimo Henrico, Portugaliae infanti, praeficeretur, esset praepeditus, istis monumentis Scripturae claritatem et morum instructionem posteris summa cum laude reliquerit, ex quo maximam gloriam et famae splendorem est consecuturus.

Precor te igitur, lector humanissime, ut hoc tibi collatum beneficium Christiano affectu traditum, ea animi alacritate et candore suscipias quos scis esse oblatum. Aliorum fruire laboribus, quos tibi non minimam credo utilitatem allaturos.

Bene uale.

Olisipone, 5 Calendis Februarii 1556

quais, tomando o espírito das Escrituras, dá a entender que nas Sagradas Escrituras, que foram escritas para nosso ensinamento, se deve procurar alcançar não apenas o que tem a ver com a história, mas também com o saber e a interpretação espiritual. É que, com este modo de interpretar, o entendimento ilumina-se, a alma abrasa-se inteiramente no amor das coisas divinas e aspira ao Céu com grande empenho. Por conseguinte, os que consideram que se deve repelir das Sagradas Escrituras este divino método de expor, privam os estudiosos de grande fruto [3* vº] de piedade.

Já pelo que vai dito se poderá compreender o quanto se deve ao Autor deste livro, que considerou que devia ocupar todo o seu tempo em aumentar a fé e em dirigir as nossas almas. E a mesma disposição de espírito em que se abrasava em relação a Deus Ótimo Máximo, foi a que sempre mostrou na singular caridade para com os próximos, nas sagradas prédicas ao modo dos declamadores,⁴⁹ nas quais gozou de imenso prestígio. Uma vez que delas se viu impedido, por causa do grande número de negócios que tomou a seu cargo em prol do acrescentamento da fé, quando o sereníssimo cardeal D. Henrique, infante de Portugal, o incumbiu da tarefa de tratar dos assuntos da fé e religião,⁵⁰ com imenso louvor, através desses testemunhos escritos, deixou aos vindouros a explicação da Escritura e o ensino dos costumes, com o que há-de alcançar a glória mais levantada e o esplendor da fama.

Por conseguinte, benévolo leitor, rogo-te que a este favor que se te faz, oferecido com afecto cristão, tu o recebas com aquela alegria e boa-fé com que sabes que te foi oferecido. Usei dos trabalhos dos outros, que creio que não te hão-de ser de proveito nada pequeno.

Fica bem.

Lisboa, 28 de Janeiro de 1556.

⁴⁹ Com este circunlóquio quis com certeza significar o nosso Autor “prédicas”, “pregações” ou “sermões”.

⁵⁰ Consoante informa a substancial síntese biográfica, que Domingos Maurício escreveu para o artigo que a *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* consigna para este notável exegeta dominicano, a sua tomada de posse como inquisidor de Évora, por nomeação do cardeal-infante, deu-se a 2 de Setembro de 1552, transitando para o Conselho da congênera lisboeta em 4 de Outubro de 1555.

(Página deixada propositadamente em branco)

APÊNDICE 2º

Tratado de avisos de confessores, ordenado por mandado do Reverendíssimo Sr. D. F. Bertolameu dos Mártires, arcebispo e senhor de Braga, primaz. Em Coimbra, por João de Barreira, impressor da Universidade, 1560. 8º, [2] 3-127, [1] p., 19 l. Prólogo em caracteres góticos. (Exemplar da BPA de Évora, Res 282)

[3]

PRÓLOGO

FREI ANRIQUE DE SÃO JERÓNIMO, DA ORDEM DOS PREGADORES,
AO LEITOR

É tamanho o estrago que padecem as almas remidas polo sangue de Cristo por falta de confessores idóneos que obriga aos que se tem por cristãos, a quem Deus comunicou algum desejo do Céu, a que, compadecendo-se desta calamidade tão grande spiritual, lhe acudam nesta parte como puderem. E porque muitos dos confessores, deles por não serem letrados, deles por nem ao menos serem instructos em sumas que tratam dos casos de consciência, individamente e com temeridade absolvendo quem nem devem nem podem, donde nace ficarem muitos penitentes em seus ódios, desonestidades e cargos de fazendas alheas por muitos [4] anos, com grande dano de suas almas e escândalo dos próximos: vista esta necessidade tamanha, copilei este tratado de avisos de confessores por mandado do reverendíssimo Senhor D. frei Bertolameu dos Mártires, arcebispo e senhor de Braga, primaz, pola ordem doutro que o sereníssimo cardeal ifante mandou fazer no seu arcebispado de Évora, tirando muita parte dele, acrescentando-lhe um interrogatório, censuras e irregularidades e outras regras que me pareceram necessárias, com que se provesse aos que não sabem dalgum género de luz pera não errarem em seu officio tão crassamente, como fazem os que desta matéria não tem nenhum conhecimento.

Peço aos que o larem que recebam a vontade cristã com que se tomou este pequeno de trabalho pera glória de Deus, do qual se tirará algum fruto se com caridade se ler.

[Colofão:] Acabou-se aos vinte e três dias de Março de 1560.

APÊNDICE 3°
(TEXTO)

F. Henrici de S. Hieronymo Lusitani, Theologi et Artium Liberalium magistri, Dominicani, DE CALAMITATIBVS ECCLESIAE, oratio habita I. Dominica Quadragesimae apud Sacrum Concilium Tridentinum. Anno 1562. Brixiae, apud Ludouicum Sabiensem, 1562.

[Aii]

Nemo est, Sanctissimi Patres, qui huius nostri turbulenti saeculi miserandum statum cernere perfecte possit dignisque lacrimis deplorare, nisi is sibi proponat ante oculos praeclara illa ac felicia nascentis et florescentis Ecclesiae primordia et incrementa. Nam, si serio rem perpendamus et conferamus recte singula – uitam, mores, pietatem, fidei religionisque ardorem et amplitudinem –, uidebimus plane, si aequi rerum simus iudices et ueri aestimatores, heu!, in quam lugenda et calamitosa tempora inciderit posteritas ista nostra, et in qualem infelicitatem deuenerimus, quantumque labentis haec et senescentis, ne dicam exspirantis mundi, degenerans aetas, ab illo prisco maiorum nostrorum exciderit, aureo, florente ac beato saeculo. De praesentibus igitur Ecclesiae calamitatibus sermonem habiturus, earum causam ex euangelica recitata lectione depromam, remedia, Deo auspice, et antidota salutaria indicabo. Sed uincit, fateor, dicturi uires iniunctum onus.

Timorem incutit dignissimus hic locus ac sacerrimus. Deterret grauis-simorum et sapientissimorum praesentia auditorum, mundi procerum, Ecclesiae luminum, christorum [Aii v°] Dei, quibus sane iure potuissem optimo despondere animum, nisi uestra, Sanctissimi Patres, tanta esset humanitas ac facilitas quanta profecto est auctoritas, dignitas et eruditio, quae patiens mihi dicturo pollicentur silentium et trepidanti praebent audaciam fauoremque conciliant.

APÊNDICE 3º (TRADUÇÃO)

Sermão pronunciado no Sagrado Concílio Tridentino na 1ª domingo da Quaresma do ano de 1562, Acerca das desgraças da Igreja, por frei Henrique de S. Jerónimo, português, teólogo e mestre em Artes Liberais, dominicano. Em Bréscia, na casa de Luís Sabiense, 1562. (Exemplar da Biblioteca Comunale Trento, cota G 2 – op.)

[Aii]

Santíssimos Padres, não existe ninguém que possa compreender perfeitamente o lastimável estado deste nosso turbulento século e deplorá-lo com as merecidas lágrimas se não puser diante dos olhos aqueles brilhantes e venturosos primórdios e crescimento da Igreja ao nascer e começar a florir. É que, se examinarmos seriamente a questão e compararmos correctamente cada aspecto – vida, costumes, piedade, ardor e profundidade de fé e de religiosidade –, veremos claramente, se formos juízes imparciais dos factos e amantes da verdade, ai de nós!, em quão lastimáveis e calamitosos tempos caiu esta nossa posteridade, e a que espécie de infelicidade chegámos, e o quanto esta época abastardada, de um mundo que desaba e envelhece, para não dizer que expira, degenerou daquele primitivo, áureo, florescente e bem-aventurado século dos nossos antepassados. Por conseguinte, tendo a intenção de falar acerca das actuais desgraças da Igreja, irei buscar a causa delas à leitura que se fez do Evangelho e, com o patrocínio de Deus, indicarei os remédios e antídotos para os curar. Mas confesso que a carga que me impus é superior às forças de quem irá falar.

Este digníssimo e sacratíssimo lugar infunde receio. Intimida a presença dos mui respeitáveis e sábios ouvintes, os homens mais eminentes do mundo, luzes da Igreja, ungidos [Aii vº] de Deus, diante dos quais com toda a razão eu teria podido perder a coragem, se, santíssimos Padres, a vossa afabilidade e indulgência não fossem tão grandes quanto o são a vossa autoridade, dignidade e saber, as quais a mim que, cheio de temor, estou prestes a falar, me prometem paciente silêncio, encorajam e mostram simpatia.

Constat igitur, ut hinc initium capiamus, Christum Optimum Maximum, “Dei uirtutem et sapientiam”, [1 Cor 1. 24] reipublicae Christianae fuisse auctorem ac parentem. Eumdemque (ut de diuino illius numine sempiternaque maiestate conticescam) uitam in hoc mundo pauperem, humilem, abiectam, despectam incommodis omnibus ac laboribus refertam delegisse. Talem is asciuit populum rempublicam instituit quae eius insectaretur uestigia, mores imitaretur, leges et instituta uitae seruaret. Hanc, ut sponsam carissimam, quam adeo dilexerat ut sanguinem pro ea fuderit extremaque supplicia subierit et miseram mortem, qua eam a tenebrarum imperio et Satanae tyrannide liberaret, non perituris diuitiis et gloria ditauit, sed ut inopia, despectu, paupertate et uitae iniuriis, quae res ad illius sane regnum manu ducunt et prouehunt, ita maximis, optimis atque diuinis donis ornauit, affecit ac persecutus est. Eos [Aiii*] quos ad eam gubernandam praefecerat, apostolos inquam, ignobiles, pauperes et piscatores elegit, nullo fucio inaniue philosophia suffultos, diuino tamen Spiritu afflatos et caelestibus uirtutibus praestantes.

Haec itaque, sic cunctis mundi praesidiis destituta et caelo diues, Deus bone!, quam creuit? Quam floruit? Quam splenduit? Quam amplificauit fines suos? Quam denique uniuersis non solum agrestibus hominibus, uerum philosophis sapientibus, regibus ac principibus admirationi fuit? Quam feruens tunc temporis religio? Quae pietas, caritas, “gaudium, pax in Spiritu Sancto”? [Rom 14. 17] Quae demum omnium in Deo concordia et animorum coniunctio? Quae templa magnifica et coenobiorum multitudo, quorum adhuc iacentia ac prostrata cadauera feruorem et deuotionem non uulgare ostendunt? Deinde qualis in pastoribus zelus, quotidie pro ouibus suis morientibus? [1 Cor 15. 31] Qualis in doctoribus sapientia ad refellendas haereses “reddendamque rationem de ea quae in eis esset spe”? [1 Petr 3. 15] Qualis in monachis deuotio, modestia, disciplina, morigeratio et mentis in caelum iugis eleuatio? Quae in uirginibus puritas, honestas ac pudicitia? [Aiii* v°] Quam in coniugibus reciprocus amor? In populo iam quae sinceritas, simplicitas et ad magistratus subiectio? Quae denique humanarum diuinarumque legum sedula obseruantia diligensque completio? Superbiae segnitiae, socordiae aut ceteris sceleribus nihil fere relinquebatur loci.

Contra uero, postquam cessere iura peccatis et triticum zizania suffocare cepit, transacto illo ardente Ecclesiae tirocinio, quid iam non triste, non miserum, non funestum ac calamitosum cernere licet? Omnia euersa, exstincta, conuulsa et labefactata sunt et prope interitum. Refrixit impietate pietas, superstitione religio, bello pax, rebellione subiectio, mendacio ueritas, procacitate pudicitia, edacitate temperantia, intemperantia sobrietas, fastu modestia, dissolutione deuotio, luxu moderatio, tenacitate eleemosyna, temeritate prudentia, praecipitatione consilium, superbia et insolentia humilitas, infidelitate fides, inani fiducia spes, cupiditate caritas, uitio denique

Portanto, para começarmos a partir daqui, é coisa assente que Cristo Ótimo Máximo, “virtude e sabedoria de Deus”, [1 Cor 1. 24] foi o autor e progenitor da comunidade cristã. E que ele (deixando em silêncio a sua divindade e eterna majestade) levou neste mundo uma vida pobre, humilde, baixa, desprezada e cheia de todos os incômodos e trabalhos. Associou a si um povo e estabeleceu uma comunidade de tal natureza que seguissem as suas pisadas, imitassem os seus costumes e conservassem as suas leis e regras de vida. A esta, como a esposa muito amada, que a tal ponto amara que por ela derramou o sangue e padeceu as piores torturas e uma morte mofina, para através dela a libertar do senhorio das trevas e da tirania de Satã: a esta, pois, não a enriqueceu com tesouros e glória, mas ataviou-a, dotou-a e cumulou-a, com as maiores, as melhores e as mais divinas dádivas, com a pobreza, o desprezo, as privações e os agravos, coisas estas que sem dúvida conduzem e levam ao seu Reino. Por outro lado, àqueles [Aiii*] que pusera à sua testa para que a governassem, refiro-me aos apóstolos, escolheu-os de nascimento humilde, pobres e pescadores de profissão, desprovidos de arrebiques e vãs filosofias, mas inspirados pelo Espírito de Deus e eminentes pelas suas celestiais virtudes.

E ela, assim despojada de todas as ajudas do mundo, e rica em Céu, bom Deus, quanto cresceu? Quanto floresceu? Quanto resplandeceu? Quanto aumentou as suas fronteiras? Finalmente, quanta admiração causou, não apenas a todos os homens rústicos, mas igualmente a sábios, filósofos, reis e príncipes? Quão fervorosa era a religiosidade daquela época? Que piedade, caridade, “alegria, paz no Espírito Santo”? [Rm 14. 17] Que concórdia e unanimidade de todos em Deus? Que magníficos templos e grande número de conventos, de que os derruídos e prostrados cadáveres provam até hoje o fervor e devoção não comuns? Depois, como era grande nos pastores o zelo, morrendo todos os dias pelas suas ovelhas? [1 Cor 15. 31] Nos mestres, que sabedoria para refutar as heresias e “dar razão da esperança que havia neles”? [1 Ped 3. 15] Nos monges, que devoção, modéstia, disciplina, morigeração e incessante elevação do espírito para o Céu? Nas donzelas, que pureza, honestidade e pudico recato? [Aiii* vº] Nos casais, que amor recíproco? E no povo, que integridade, singeleza e obediência às autoridades? Por derradeiro, que zeloso acatamento e diligente cumprimento das leis divinas e humanas? Quase não restava lugar para a soberba, para a indolência, para a frouxidão ou para as demais graves faltas.

Mas, ao invés, depois que o direito recuou diante dos pecados e a cizânia começou a sufocar o trigo, acabado aquele período de tirocínio da Igreja, que não pôde então ver-se de triste, de mofino, de funesto e de calamitoso? Tudo foi derrubado, extinto, subvertido e derribado e esteve a pontos de desaparecer. A piedade esfriou com a impiedade, a religiosidade com a superstição, a paz com a guerra, a obediência com a rebelião, a verdade com a mentira, o pudor com a insolência, a temperança com a glotonaria, a sobriedade com a intemperança, o comedimento com o fausto, a devoção com a frouxidão, a moderação com o luxo, a esmola com a avareza, a prudência com o desatino, a sensatez com a precipitação, a humildade com a soberba e a insolência, a fé com a infidelidade, a esperança com a vã confiança,

uirtus et malo bonum: “Vt nihil”, auctore Cypriano, “iam non ceperit esse licitum cum publicum est.” [*Cyprian. lib. 2 epist. 2*]

Adeo ut uix uestigium illius antiquae sanctitatis et ueteris nitoris in Christi sponsa reperias. Quin eam, quam benignus eius sponsus [**B***] tot tantisque donis ornauit, ut commemorauit, et liberali fuerat munificentia prosecutus, frigescente in dies caritate, succrescentibus peccatis et pullulantibus haeresibus, fide ipsa uelut in fontem remeante et reliquum orbis quasi deserente, ad Petri sedem, ad ecclesiam Romanam, unde efluxerat et emanauerat, retro labente, senio confectam, rugis plenam et deturpatam maculis, aurum denique uersum in scoriam, summo cum dolore et non sine lacrimis perennibus contemplerur. Quod, si magnus ille Basilius statum sui temporis similem esse dicebat nauali proelio et quidem nocturno, mari magnis undique concitato uentis, ingruentibus procellis, utrimque congregiente classe, ubi quis dux aut imperator, miles aut aduersarius non possis diuidere, sed commisceri omnia, confundi, turbari, quati, collidi et funditus euertere: [*Basil. de Spi. Sanct. cap. ult*] nos qui non leuioribus, ut reor, malis implicamur et cladibus atterimur, in ea iam manentes uita in qua nihil sit aliquid quam quaedam miserissimi temporis prorogatio: quid de nostro calamitoso saeculo fingere aut ratiocinari possumus?

Nihil non turbatum uideas. Caligantem fidem apud plerosque et in mille sectas dissectam. Templata dominica polluta, sacris [**B*** **v**^o] imaginibus eiectione et conspurcatis diruta, et prope ruinam. Sacramenta potissima, inquam, illa diuinae erga nos misericordia organa et animi praesidia, calcata pedibus et uilipendi. Summum totius Ecclesiae pastorem et Christi uicarium passim contemni. Grassantes ac saeuientes lupos, eos qui arceat uel rarum uel neminem. “Magis ac magis”, ut uerbis utar Cypriani, “saeuiente aduersario, errorem fallere, liuorem incendere, superbiam inflare, iram praecipitare, cupiditatem excaecare.” [*Cyprian. de simpl. Prael.*] Et, ut paucis concludam, multos, amissa fide irrisisque operibus, aut flocci factis, falso nescio unde sibi salutem promittentes, sub Christiano titulo, quem honoris causa retinere uidentur, Epicurea, aut Mahumetica, longe turpiorem, uitam agere. Orbem denique uniuersum ardere flagitiis et peccatorum incendiis, si quae peiora mala peccata nostra non minantur, ut boni quicquam nihil iam occurrat quod sperare possis, uix quod optare audeas, nisi forte malle pios ad uitae exitum uocari (quae felix nunc esset condicio) quam “uidere mala gentis suae et sanctorum.” [*1 Mach 3. 59*]

a caridade com a cobiça, e, finalmente, a virtude com o vício e o bem com o mal: “Para tudo começar já a ser lícito, desde o momento que é comum”, consoante escreveu Cipriano. [*lib. 2, epist. 2*]

E chegou-se ao ponto que na esposa de Cristo dificilmente se encontrariam vestígios daquela antiga santidade e primitivo lustre. E até, a ela, a quem o seu benigno esposo [Aiiii*] com tantos e tão grandes dádivas ornamentou, como lembrei, e cumulou com liberal munificência, de dia para dia foi arrefecendo em caridade, aumentando em pecados, pululando em heresias, com a própria fé como que regressando à sua fonte e quase abandonando o resto do mundo, refugiando-se na sé de Pedro e na igreja romana donde se espalhara e manara: a ela, com imensa dor e não sem lágrimas incessantes, contemplamo-la arruinada pela decrepidez, cheia de rugas e desfigurada pelas manchas, numa palavra, ouro lançado nas escórias. Pelo que, se aquele grande Basílio dizia que o estado da sua época era semelhante a uma batalha naval travada de noite, num mar agitado por todos os lados com ventos violentos, em meio de desatada procela, com a esquadra a pelejar em ambos os bordos, onde não é possível discernir quem é o capitão ou o general, o camarada de armas ou o adversário, mas tudo se mistura, tudo se confunde, tudo está em desordem e se agita e entrechoca e completamente se desmorona: [*Basil. de spi. Sanct. cap. ult.*] nós que, conforme penso, nos encontramos envolvidos e esmagados por males e desgraças não mais leves, permanecendo agora nesta vida na qual nada mais há senão uma espécie de prorrogação da mais mofina das épocas: que podemos nós imaginar ou cogitar acerca do nosso calamitoso século?

Nada vemos que não esteja perturbado. Vemos em quase todos a fé envolta em trevas e rasgada em mil seitas. Os templos do Senhor violados, demolidos e quase arruinados, com as sagradas [Aiiii* vº] imagens banidas e conspurcadas. Os principais sacramentos, digo, aqueles instrumentos da misericórdia divina para connosco e aquelas defesas da alma, vemo-los serem calcados aos pés e vilipendiados, e o supremo pastor da Igreja inteira e vigário de Cristo ser desprezado por toda a parte. E a estes lobos assoladores, ou é raro ou não há ninguém para os rechaçar. Para me servir das palavras de Cipriano: “Tomado de sanha o adversário, cada vez mais o erro engana, a inveja abrasa, a soberba incha, a ira acomete, a cobiça cega.” [*Cyprian. de simpl. Prael.*] E, para concluir em poucas palavras, vemos que, perdida a fé e escarnecendo das obras, ou delas fazendo pouco caso, falsamente a si mesmos se prometendo, não sei a partir de quê, a salvação, debaixo do nome de cristãos, que parecem manter por causa da honra, levam uma vida de epicuristas, ou de maometanos, de longe mais abjecta. Finalmente, vemos que o mundo inteiro arde em ignomínias e em incêndios de pecados, se os nossos pecados não ameaçam com alguns males piores, de maneira que já não podemos esperar que aconteça seja o que for de bom e mal nos atrevemos a desejá-lo, a não ser talvez preferir que os pios sejam chamados para a morte (que seria agora uma venturosa condição) “a ver os males do seu povo e do nosso santuário”. [*1 Mac 3. 59*]

Qua in re, Sanctissimi Patres, id ego dolentius esse arbitror atque deplorandum magis **[Bi]** quod, uelut febricitatos qui nec medicum agnoscunt aut pharmacum admittunt, seu ut illi qui, in imo maris positi, immensum aquarum pondus non sentiunt, nos, qui a Deo, tamquam a parente optimo et nostri amantissimo, quotidie flagellis caedimur, extremis calamitatibus attriti, tantum abest ut resipiscere uelimus quin (quod extremae est caecitatis), in tanto naufragio constituti et periculorum discrimine, sic uitam traducimus oscitanter per inde ac in summa pace uersaremur nec quicquam a nobis, quod ad bene uiuendum spectat, insignia utinam uirtutis assecuti, omissum esse uideatur. Vt merito in nos illud Ieremiae cadat ad flagella ut alter pharao obdurescentes [*Ex* 7. 13] et ad correptiones ut aspides surdescentes: [*Ps* 58. 5] “Frustra percussi filii, disciplinam non receperunt.” [*Ier* 2. 30]

Hic status, haec rerum nostrarum condicio est, Optimi Patres, hic praesens quo periclitamur naufragium.

Iam uero tantorum malorum causam mihi inuestigandi, nulla alia sane occurrit quam quod succubuerimus tribus illis Satanae telis quibus nefarius ille olim caput nostrum, Christum inquam Optimum **[Bi v°]** Maximum, ieiunantem in deserto impetiit et experiendi causa, quemadmodum Ecclesia hodie commemorat, temptauit gulae, ambitioni, auaritiae. Haec sunt tres illae plagae de pessimorum equorum ore procedentes, ut est in “Apocalypsi”, quae tertiam partem hominum occiderunt: ignis, fumus et sulphur. [*Apoc* 9. 17-18] Haec inquam tres illae pestes exitium ac perniciem uniuerso orbi inferentes, ut testatur Ioannes, “concupiscentia carnis, concupiscentia oculorum et superbia uitae.” [*I Io* 2. 16] Simul atque enim ista in hominum mentes irrepserunt et serpere coeperunt, continuo uirtus languit, emarcuit, conticuit, euanuit et posthabita est.

Nam, ut a gulae uitio exordiar, quae non mala mundo peperit? Parsimoniam haec (ne toties primorum parentum infelix casus repetatur) [*Gen* 3] omnino abstulit. Abstinenciam pepulit. Ieiunia sacra non modo fregit, uerum procul ablegauit. Corporis denique disciplinam, qua ueluti munitissimis arcibus caritas circumuallata constat ac firmatur, abrogauit. Intemperantiam, luxum, crapulam, uenerem, ebrietatem et petulantiam induxit. Quae, cum maiores nostri uiri sanctissimi probe ac sapienter nouerint, adeo corporis disciplinam fuere uenerati ut semper cum pietate coniunxerint. **[Bii]** Non sicut multi hodie “inimici crucis Christi, quorum deus uenter est, qui terrena sapiunt” [*Phil* 3. 18-19] (ut reliquos uoluptuosos omittam), quos ob unam ciborum licentiam a fide, ab Ecclesia, a Deo defecisse uidemus.

Deinde iam inanis gloriae appetitus et honoris ambitio pompam, fastum, apparatus et mille alia portenta et monstra dedit. Quos enim ambitiosus,

Nesta situação, santíssimos Padres, considero que o mais doloroso e mais deplorável é **[Bi*]** o facto de que, à semelhança de enfermos, que nem consentem médico nem toleram remédios, ou como aqueles que, colocados no fundo do mar, não sentem o peso imenso das águas, nós, que todos os dias, como pelo melhor e mais extremoso dos pais, somos golpeados pelo açoite de Deus, esmagados pelas mais violentas calamidades, estamos tão longe de querermos arrependêr-nos que (algo que é o cúmulo da cegueira), no meio de um tão grande naufrágio e graves perigos, vivemos tão negligentemente como se nos encontrássemos na mais completa paz e parecesse que nada tínhamos omitido do que tange ao bem viver, marchando (prouvera a Deus!) empós dos pendões da virtude. Por tal forma que, tendo permanecido obstinados como um segundo faraó diante dos golpes [Éx 7. 13] e surdos como as serpentes diante das reprimendas, [Sl 58. 5] com razão se nos podem aplicar as conhecidas palavras de Jeremias: “Em vão castiguei os vossos filhos, eles não receberam a correcção.” [Jr 2. 30]

É este o nosso estado, é esta a situação da nossa cristandade, excelentíssimos Padres, este o presente naufrágio em que corremos perigo.

Ora, acresce que ao perscrutar eu a causa de tão grandes males, nenhuma outra me ocorre senão o facto de que sucumbimos àqueles três dardos de Satanás com que antigamente este abominável atacou a nossa cabeça, digo, Cristo Ótimo **[Bi* v°]** Máximo, que jejuava no deserto e, para pô-lo à prova, conforme hoje a Igreja recorda, o tentou com a gula, a ambição e a avareza. São estas as três pragas que saíam da boca dos três terríveis cavalos, tal como se encontra no *Apocalipse*, as quais mataram a terça parte dos homens: fogo, fumo e enxofre. [Ap 9. 17-18] Ora, estas três pestes que causam a destruição e perdição de todo o mundo são, consoante o testemunho de S. João, “a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida.” [1 Jo 2. 16] É que, logo que estas começam a introduzir-se e insinuar-se no espírito dos homens, imediatamente a virtude enfraquece, emurchece, emudece, desvanece-se e é postergada.

Com efeito, começando pelo defeito da gula: que males não produziu no mundo? Ela acabou completamente com a sobriedade (para não repetir tão amiúde a infeliz queda dos primeiros pais). [Gn 3] Baniu a abstinência. Não apenas quebrou os sagrados jejuns, mas desterrou-os. Finalmente, suprimiu a disciplina do corpo, mediante a qual a caridade se mantém protegida e fortificada como por fortíssimas muralhas. Abriu o caminho à intemperança, ao luxo, à bebedice, à sensualidade e à impudência. Os nossos antepassados, varões santíssimos, como pura e sabiamente tinham consciência destas coisas, a tal ponto veneraram a disciplina do corpo que uniram-na sempre com a piedade. **[Bii]** Não como hoje muitos “inimigos da cruz de Cristo, cujo deus é o ventre, que gostam só do que é terreno”, [Fl 3. 18-19] (para não me referir aos restantes amantes dos deleites) que vemos que abandonam a fé, a Igreja e Deus exclusivamente por amor da liberdade de alimentos.

Depois, já o apetite da vã glória e a ambição de honrarias deram de si os cortejos, o fausto, o aparato e mil outras aberrações e monstruosidades. É que, conforme

ut inquit Cyprianus, arrogantium fastus prius pertulit? Quas superbas fores matutinus saluator obsedit? Quod tumentium contumeliosa uestigia stipatus cuneis ante praecessit, ut ipsum etiam salutantium comes postmodum pompa praecederet, obnoxia non homini, sed potestati? Quibus denique sordibus emit ut fulgeat? [*Cyprian. lib. 2 epist. 2*] Haec demum incredibili quadam et mira philautia gloriam et excellentiam, quae uerae uirtutis sunt praemia et iure studiosis debentur, sibi usurpans et falso arrogans, sublimem illam humilitatem uereque euangelicam uirtutem exstinxit et profligauit, hypocrisis et simulationem intulit.

Iis accessit auaritia, uenenum illud mortiferum et pestilens, qua nocentius nihil et perniciosius fingi aut excogitari potest, quae quod residuum fuerat a grandine comedit et demolita est. Et, uelut uentus ille urens de [**Bii vº**] quo meminit Oseas, desolauit fontes et siccauit uenas, scilicet caritatis, diripiens thesaurum omnis uasis desiderabilis, iustitiae inquam et pietatis. [*Os 13. 15*] “Haec”, Magnus ait Basilus, “non memor fuit communis naturae. Non putauit oportere superfluum in egenos distribuere. Nullam praecepti habuit rationem. Miser est,” inquit, “auarus ob fertilitatem, miserabilis ob praesentia bona, miserabilior ob futura quae spectat. Omnia aurum uidet, aurum imaginatur, hoc dormienti insomnium est et uigilantis animum possidet, optaque omnia in auri naturam transmutari; iucundius aurum aspicit quam Solem.” [*Basil. Conc. de Auarit.*] Haec detestabilis caecitas mentium Cyprianus ait et cupiditatis insanae profunda caligo ad hoc tantum possidet ne alteri possidere liceat. [*Cyprian. lib. 2 epist. 2*] Omnia denique sui labe tingit, foedat, maculat, inficit, corrumpit atque contaminat.

Harum igitur temptationum primam, si attente animaduertas, in deserto reperies apud carnales et animales homines, qui sensu dumtaxat ueluti pecora et uoluptate ducuntur. Secundam Hierosolymis, in Sancta Ciuitate, in Domo Dei, in templo et in pinna templi. Tertiam in montibus.

“Accedens igitur temptator”, narrat Beatus Matthaueus, “dixit Christo: ‘Si filius Dei es, dic ut [**Biii**] lapides isti panes fiant.’” [*Mt 4. 3*] Quid malignus iste et miser machinatur? Non lapides in panem Christus transmutaturus erat – quam quidem potentiam uersipellis iste inficiari nequit –, sed panem in carnem quae det uitam mundo. [*Io 6. 33*] Vnde Satanae sectatores in animum nequeunt inducere aut sibi persuadere, posse fieri quod homo non ita cibo addictus sit carnisue turpissimis uoluptatibus ut alia in re quappiam delectetur. Cum “non in solo pane uiuat homo”, ut Christus inquit, “sed in omni uerbo quod procedit de ore Dei”, [*Mt 4. 4*] diuinis inquam colloquiis familiaritateque cum Deo, qui “uerus cibus est, qui non perit, sed qui permanet in uitam aeternam”, [*Io 6. 27*] suauius sapiens, nutriens interius,

diz Cipriano, que soberbas de homens arrogantes não teve de suportar primeiro o ambicioso? A quantos altivos umbrais se postou o cortesão matutino? E que dizer do facto de que, integrando o esquadrão dos clientes, caminhou à frente das passadas insolentes dos inflados, por forma a que os outros companheiros de adulação marchem também imediatamente à sua frente no cortejo, em que se presta homenagem não ao homem, mas ao poder? Por derradeiro, a preço de que torpezas compra o ser ilustre? [*Cyprian. lib. 2 epist. 2*] Ela, com uma incrível e deveras espantosa filáucia indevidamente se apropriando e falsamente se arrogando a glória e superioridade, que são os prémios da verdadeira virtude e de justiça se devem aos aplicados, extinguiu e causou a ruína daquela sublime humildade e virtude verdadeiramente evangélica, e provocou a hipocrisia e a simulação.

A isto acresceu a avareza, aquela peçonha mortífera e pestilencial, que é a coisa mais prejudicial e perniciosa que pode imaginar-se ou conjecturar-se, a qual devorou e derribou o que se salvara do granizo. E, tal como aquele vento abrasador de **[Bii v°]** que Oseias faz menção, estancou as fontes e secou os regatos (entenda-se, da caridade), roubando o tesouro de todos os seus vasos apetecíveis: quer dizer, da justiça e da piedade. [*Os 13. 15*] “Esta”, conforme diz Basílio Magno, “não se lembrou da comum natureza. Não considerou que é mister distribuir o supérfluo pelos pobres. Não atendeu ao que está preceituado. O avaro é infeliz devido à abundância, miserável devido aos bens presentes, mais miserável devido às eventualidades futuras que imagina. Só vê ouro, só imagina ouro, ao dormir, este tira-lhe o sono, e senhoreia-se do seu espírito, quando está desperto, e deseja que tudo se transforme na natureza do ouro; olha com mais alegria para o ouro do que para o Sol.” [*Basil. Conc. de Auarit.*] Cipriano diz que ela é uma odiosa cegueira do entendimento e que as profundas trevas da insana cobiça servem unicamente para que se não possa possuir outra coisa. [*Cyprian. lib. 2 epist 2*] Finalmente, ela tudo tinge, afeia, mancha, infecciona, corrompe e contamina com a sua nódoa.

Por conseguinte, se atentamente observarmos, destas tentações encontraremos a primeira no deserto, entre os homens carnis e animais, que, tal como gado, são arrastados pelos sentidos e pelo prazer. A segunda em Jerusalém, na Cidade Santa, na Casa de Deus, no templo e no pináculo do templo. A terceira nas montanhas.

Ora, conta S. Mateus: «Chegando o tentador, disse a Cristo: Se és Filho de Deus, ordena que **[Biii]** estas pedras se convertam em pães». [*Mt 4. 3.*] Que é que máquina essa maligna e mofina criatura? Cristo não haveria de transformar as pedras em pão – este poder não pode certamente negá-lo aquela criatura arteira –, mas sim pão na carne que daria a vida ao mundo. [*Jo 6. 33*] Por isso os sequazes de Satanás não são capazes de com penetrar-se ou persuadir-se a si mesmos de que é possível que o homem não ficou de tal maneira sujeito ao alimento e aos torpíssimos prazeres da carne que não se deleita em outra coisa alguma. Uma vez que “não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus,” [*Mt 4. 4*] conforme diz Cristo, ou seja, das divinas conversas e familiaridade com Deus, que é “a verdadeira comida, que não perece, mas que dura até à vida eterna,” [*Jo 6. 27*] que sabe mais

reficiens, sustentans ac “cor hominis confirmans”. [Ps 104. 15] Quo cum usi sunt Moses, Elias et tandem Christus Dominus quadraginta dierum, inedia pro suauissimis ferculis opulentissimisque conuiuuiis summa cum uoluptate duxerunt. [Ex 34. 28; 3 Reg 19. 8]

Hos qui secuti sunt, ueri Christi imitatores et uiri euangelici, quique “Regnum Dei non escam et potum esse” [Rom 14. 17] (ut nostri helluones fingunt) intelligentes et, sacra ieiunia cum Ecclesia uenerantes, desertis in locis uitam omnem uigiliis et orationibus et suspensionibus diuinis insumentes, non solum a cruentis **[Biii v°]** dapibus et epulis abstinuere superfluis aut uaria ferculorum multitudine, quam natura contenta paucis perhorrescit, sed, quasi quodam diuino furore perciti, ut Philo est auctor, nonnulli uix tertio quoque die famem sentiebant. Alii, qui prae laute accepti epulo sapientiae copiose praebentis sua placita, duplum perdurabant eius temporis et uix sexto die cibum degustabant necessarium. [Philo, *contempl. T. 2*] Potum e fluentis hauriebant, contenti placare dominas, a natura mortalibus additas famem sitimque, absque omnibus lenociniis fruendo rebus sine quibus non licet uiuere: edentes ne esurirent, bibentes ne sitirent, saturitatem cauendo ut inimicam animo pariter ac corpori.

Assumptio deinde Christi a Satana in pinnam templi (ne longius progrediar) hoc docet, sublimibus nimirum et summo fastigio positus, ruinam saepe, casum et praecipitationem imminere, et quo altius fortuna leuet, eo maiora pericula praecipitet, semperque ea quae diabolus suggerat, ut Hieronymus placet, licet prima specie alta sapiant, ad ima tendere. [Hieron. *Sup. Matth.*] Ad haec, omnia regna mundi Christo oblata, quid aliud quam lucri causa auarum diabololum adorare docent? Quod alias Paulus de auaritia praemonuit, quod sit “idolorum seruitus.” [Eph 5. 5] Nec **[Biiii]** putandum solum Satanam omnium regnorum mundi pretio adorationem mercari uoluisse, cum nihil tam mortalium mentes uindicet, alliciat et rapiat quam ardor gloriae et propriae cupiditas excellentiae sibi que diuinos honores impendendi. Vt facile res omnes, aurum, copias, supellectilem, uitam, corpus, animum, caelum et Deum ipsum repudient pariter et contemnant et uili exponant, dummodo adorentur, colantur et habeantur in pretio.

Huius congressionis Satanae priorem istum Christus illisit sacro ieiunio et abstinentia, diuino profecto aduersus gulae uitium antidoto ac praestanti medicamine. Nam, sicut oleum pinguefacit athletam, Magnus ait Basilius, sic ieiunium exercitorem pietatis. [Basil. *Conc. de ieiun.*]

Secundum humilitate. Nec enim “labitur humilis”, ut sanctus uult Macharius.” Nam, “unde labi posset”, inquit, “qui sub omnibus est?” [Machar. *Aegypt. Hom. 19*] Quam qui habeat, nempe totius, ut aiunt, spiritalis uitae

suavemente, alimenta o interior, restaura, sustenta e “fortalece o coração do homem”. [Sl 104. 15] Quando a ele recorreram Moisés, Elias e, por derradeiro, Cristo Senhor durante quarenta dias, com imenso prazer tiveram a abstinência de alimentos na conta das mais suaves iguarias e dos banquetes mais opulentos. [Êx 34. 28; 1 Rs 19. 8]

Os que a estes seguiram, verdadeiros imitadores de Cristo e varões evangélicos, e que, entendendo que “o Reino de Deus não é comida nem bebida” [Rom 14. 17] (como fingem estes nossos glutões) e, respeitando os sagrados jejuns juntamente com a Igreja, consagrando a vida toda em lugares desertos à vigília, à oração e divinas tribulações, não só se abstiveram de cruentos [**Biii v**º] festins e banquetes supérfluos ou da variegada multidão dos manjares, que a natureza, que se satisfaz com pouco, abomina, mas, como que tomados por uma espécie de loucura divina, consoante escreve Filon, muitos mal sentiam fome a cada três dias. Outros, lautamente tratados no festim da sabedoria que de sobejo acudia aos seus desejos, subsistiam o dobro deste tempo e a duras penas provavam ao sexto dia o necessário alimento. [*Philo. de vit. Contempl. T. 2*] Bebiam a água dos regatos, satisfeitos com aplacar a fome e a sede, que a natureza impôs como senhoras aos mortais, usando sem qualquer íntima complacência daquelas coisas sem as quais não se pode viver: comendo para não morrer à fome, bebendo para não morrer à sede, fugindo da fartura como igualmente inimiga da alma e do corpo.

Em seguida, o ser Cristo posto no pináculo do templo por Satanás (para não me dilatar mais) ensina que, aos que estão colocados nas posição cimeiras e mais elevadas, ameaça-os amiúde a ruína, a queda e a desgraça, e que, quanto mais alto a fortuna levanta, tanto precipita em maiores perigos, e que, consoante opina Jerónimo, aquilo que o diabo oferece, ainda que à primeira vista pareça elevado, sempre visa ao baixo. [*Hieron. Sup. Matth.*] Além disso, todos os reinos do mundo oferecidos a Cristo, que outra coisa ensinam senão que o avarento adora o diabo por amor do lucro? Tal como aliás S. Paulo advertiu acerca da avareza, ao dizer que “é culto de ídolos”. [*Ef 5. 5*] E não [**Biiii**] se deve pensar só que Satanás quis comprar a adoração pelo preço de todos os reinos do mundo, visto que não há nada que tanto atraia, seduza e prenda o entendimento dos mortais como a paixão da glória e o desejo da própria grandeza e de se lhes concederem honrarias divinas. De tal sorte que facilmente repudiam e do mesmo passo desprezam e têm em baixo preço todas as coisas: oiro, riquezas, mobílias, vida, corpo, alma, Céu e o próprio Deus, contando que a eles os adorem, venerem e tenham em grande conta.

Cristo, nessa primeira parte do encontro com Satanás, venceu mediante o jejum e a abstinência, que são certamente um antídoto divino e uma mezinha extraordinária contra o defeito da gula. É que, consoante diz S. Basílio Magno, assim como o azeite engorda o atleta, assim faz o jejum a quem se exercita na piedade. [*Basil. Conc. de ieiun.*]

Na segunda parte, venceu através da humildade, porquanto, conforme pretende S. Macário, “o humilde não cai. É que”, pergunta, “donde pode cair quem está por baixo de todos?” [*Macbar. Aegypt. Hom. 19*] Quem a tiver, a esta que dizem ser o fundamento

fundamentum, omnem fuisse uidebitur assecutus uirtutem. Nam omnis in uirtute progressus, ut eidem Basilio placet, in humilitate progressus est.

Postremum, mundi contemptu. Cur enim non contemneret quae in puncto ostendi possunt et in momento? [*Lc* 4. 5] Vnde contemptor mundi, quasi ex specula [**Biiii vº**] cum propheta uidens mentis acie eius gloriam, diuitias, dominatum, copias et eiusdem generis cetera, quae plurimi aestimanda putant mundi sectatores, facile iudicat esse “uanitates et insanias falsas” quae, [*Ps* 40. 5] sicut ostenduntur in puncto, puncto durant et puncto continentur. Eaque “arbitratur ut stercora, ut Christum lucri faciat.” [*Phil* 3. 8]

Vos igitur, optimi Patres, qui numquam ab Ecclesia recessistis, “nec quia in ea zizania fides aut caritas uestra est impedita,” ut diuine admonet Cyprianus, uerum “manentes ac consistentes intra domestica castra”, [*Cyprian. lib. 3 epist. 2*] ut ille sapienter inquit, et, intus positi, ea quae in communi tractanda sunt agitis ac prouidetis: iis Seruatoris nostri exemplis et salutaribus remediis colapsis et corruptis moribus mederi potestis, intemperantiam, ambitionem, auaritiam, e quibus alia, uelut e fontibus, scaturiunt incommoda rescindentes, “ne ultra offenculo esse possimus infirmis”, [*1 Cor* 8. 9] ut docet Paulus, sed incitamento ad uirtutem. Quo illi Concilii parti quae circa mores uersatur prouisum ac satisfactum erit.

Secundae uero, quae ad fidem spectat, communem imitati et caput nostrum, olim a diabolo Scripturis impetum, ipsarum Scripturarum testimoniis, quibus fides ipsa haeret ac fulcitur, prouidebitis. [*Vincent Lirium de Antiq. fidei cath.*] [**C**] Sic enim maiores nostri, sacris conciliis congregati, sacrorum Bibliorum propugnaculis ac firmissimis praesidiis haereses conuicerunt, haereticos ad fidem aliquando reducerunt. Nam, ut ille uersipellis Christum aggressus est Scripturis, [*2 Petr* 3. 3] sic eius satellites haeretici faciunt, qui Sacras deprauant Scripturas ac detorquent et falsis conspurcant commentariis [*Tertul. de carn. Christ.*] aut facile reiiciunt, si suis manifeste aduersentur insaniis, sacris Bibliis imponentes quae numquam mens diuinae uoluit, ut liberius ac licentius suis uoluptatibus uacent et cupiditatibus inseruiant. Cum tamen librum hunc nemo soluat nisi Agnus [*Apoc* 5. 8-9] et Agni sponsa, cui ille uoluit reuelare et sensum aperire ut intelligeret Scripturas, [*Lc* 24. 27] tantum abest ut illi putare debeant, quemadmodum Cyprianus mirifice docet, se Euangelium Christi asserere, dum semetipsos a Christi grege et ab eius pace et concordia separarunt. [*Cyprian. lib. 3 epist. 2*] Taceo quod per se ipsa diuinorum eloquiorum aperta contemplatio, ut magnus ait Donysius, theologorum facile princeps, senilis cuiusdam uirtutis est. [*Diony. Di. Diu. Nom. c 3. 681C*]

de toda a vida espiritual, parecerá que alcançou toda a virtude. De facto, consoante pensa o mesmo Basílio, todo o avanço na virtude é um avanço na humildade.

Na última parte, venceu com o desprezo do mundo. É que, por que não desprezaria o que pode ser mostrado num instante e num momento? [Lc 4. 5] Daqui procede que quem despreza o mundo, como que vendo com a vista do entendimento, desde um ponto elevado, [Biiii v^o] juntamente com o profeta, a glória do mundo, as suas riquezas, senhorio, tropas e as demais coisas deste género que a maior parte dos seus seguidores pensa que devem ser estimadas, facilmente conclui que não passam de “ vaidades e necedades enganosas” [Sl 40. 5] que, assim como se mostram num instante, assim duram um instante e se encerram num instante. E estas coisas “avalias como esterco, contanto que ganhe a Cristo.” [Fl 3. 8]

Portanto, excelentes Padres, que nunca vos afastastes da Igreja, “nem porque nela a vossa fé e caridade foram embaraçadas pela cizânia”, conforme Cipriano de modo divino escreve, mas “mantendo-vos firmes e permanecendo dentro dos vossos arraiais”, [Cyprian. lib. 3 epist. 2] como sabiamente ele diz, e, colocados no seu interior, tratais e providenciais aquelas coisas que é mister resolver em comum: com estes exemplos e salutareis medicamentos do nosso Salvador podeis dar remédio aos costumes corruptos e abatidos, pondo termo à intemperança, ambição e avareza, das quais, como de fontes, jorram os outros inconvenientes, para que, conforme ensina S. Paulo, além disso “não possamos ser ocasião de tropeço aos fracos”, [1 Cor 8. 9] mas de incitamento para a virtude. A isto se terá providenciado e atendido com aquela parte do Concílio que se ocupa com os costumes.

E providenciareis à segunda, que tem a ver com a fé, imitando o comum e a nossa cabeça, antigamente atacada pelo diabo com as Escrituras, mediante os testemunhos das mesmas Escrituras, nas quais se apoia e está encerrada a própria fé. [Vincent. Lirium de Antiq. fidei cath.] [C] É que foi assim que os nossos antepassados, reunidos nos sagrados concílios, venceram as heresias com as defesas e firmíssimas armas da sagrada Bíblia e reduziram por vezes os hereges à fé. É que, da mesma maneira que o astucioso demónio procurou tentar Cristo com as Escrituras, [2 Petr 3. 3] assim procedem os hereges seus servidores, os quais pervertem e desfiguram as Sagradas Escrituras e as conspurcam com falsos comentários [Tertul. de carn. Christ.] ou com à-vontade as refazem, se manifestamente se opõem aos seus desatinos, atribuindo à santa Bíblia sentidos que o entendimento divino nunca pretendeu, a fim de com mais liberdade e licença se entregarem às suas deleitações e se porem ao serviço dos seus apetites. Todavia, uma vez que só o Cordeiro desata este livro [Ap 5. 8-9] e a esposa do Cordeiro, à qual ele quis revelá-lo e explicar-lhe o sentido para que entendesse as Escrituras, [Lc 24. 27] eles estão tão longe de deverem pensar, tal como de modo maravilhoso ensina Cipriano, que sustentam o Evangelho de Cristo, quanto é certo que se apartaram do rebanho de Cristo e da sua paz e concórdia. [Cyprian. lib. 3 epist. 2] Para não me referir ao facto de que por si mesma a própria contemplação das palavras de Deus é própria de uma virtude de certa maneira propecta, conforme diz o grande Dionísio, sem dúvida o primaz dos teólogos. [Diony. Di. Diu. Nom. c 3 681C]

His ergo armis si utamur, optimi Patres, et remedia adhibeamus Satanaeque incursibus [**C vº**] reluctemur, consumabitur temptatio, praesto aderunt angeli suppetias uenient, accedent et ministrabunt nobis, suffragio, praesidio ac patrocinio erunt. Deumque, quem demeritis et peccatis ad iram prouocauimus ac uindictam, placabunt precibus sedabuntque, pium, benignum ac clementem reddent. Auertentque eius gladium iamiam ceruicibus nostris interitum, ut “post tempestatem tranquillum faciat et post tribulationem mittat consolationem.” [*Tob* 3. 22] Concilio, ministrabunt consilium, sapientiam ac prudentiam, conciliabuntque fauorem et gratiam ut cuncta prospere, fauste feliciterque succedant et pro uotis fidelium. Haeretici, dolis et imposturis diaboli seducti, ad Christi ouile, ad Ecclesiam Romanam, quae mater, doctrix ac magistra est omnium ecclesiarum, cui omnes caput inclinant, summa concordia reducantur. Iura resarciantur uetera, noua salubria sanciantur; abusus, si qui sunt, radicitus euellantur. Vt hoc saluberrimo oecumenico Concilio, tot tantorumque antistitum, multis nominibus colendorum, illustrium, sanctorum doctorumque uirorum digna praesentia frequente, [**Cii**] quo augustius in terris nihil aut diuinius inueniri potest, feliciter absoluto, diu ab omnibus exoptata pace, concordia, unione, foedere et caritate, diuina suppeditante clementia perfruamur.

Dixi

FINIS

Auctoritate reuerendissimi inquisitoris Brixiae impressa est.

Por conseguinte, excelentes Padres, se usarmos estas armas e empregarmos estes remédios e opusermos resistência às arremetidas de Satanás, [C vº] a tentação sucumbirá, os anjos ficarão às nossas ordens, ajudar-nos-ão, juntar-se-ão a nós e servir-nos-ão, dando-nos o seu favor, defesa e protecção. E a Deus, a quem encolerizámos e movemos à vingança com os nossos deméritos e pecados, hão-de aplacá-lo e acalmá-lo com as suas preces e torná-lo compassivo, benigno e clemente. E hão-de desviar a sua espada que já ameaçava com a morte as nossas cervizes, a fim de que “depois da tempestade faça a bonança e depois da tribulação envie a consolação.” [Tb 3. 22] Ao Concílio, hão-de oferecer conselho, sabedoria e prudência, e hão-de conseguir favor e graça por forma a que tudo suceda próspera, feliz e venturosamente e em conformidade com o desejo dos fiéis. Que se extirpem as heresias. Que os hereges, enganados pelos embustes e dolos do diabo, na mais completa harmonia se reduzam ao aprisco de Cristo e à Igreja Romana, que é a mãe, a mestra e educadora de todas as igrejas à qual todas inclinam a cabeça. Que se corrijam as antigas leis, que se aprovelem novas e salutares; se existem alguns abusos, que se arranquem de raiz. De maneira a que, depois de felizmente concluído este mui salutar Concílio ecuménico, condecorado com a digna presença de tantos e tão importantes prelados, veneráveis a muitos títulos, e ilustres, santos e sábios varões, [Cii] que é a coisa mais augusta e divina que se pode encontrar no mundo, nós, com a ajuda da clemência divina, gozemos por muito tempo da paz, da concórdia, da união, do mútuo entendimento e da caridade.

Disse

FIM

Foi impresso com autorização do reverendíssimo inquisidor de Bréscia.

ANTÓNIO GUIMARÃES PINTO

(Página deixada propositadamente em branco)

TEXTO E TRADUÇÃO

M. HIERONYMI A BRITO

DE SCIENTIARVM
DISCIPLINARVMQVE OMNIVM
LAVDIBVS ORATIO

APVD UNIVERSAM CONIMBRICAM
PRONVNTIATA
CALENDIS OCTOBRIBVS
ANNO DOMINI 1554

Excudebat Ioannes Barrerius
CONIMBRICAE

MESTRE JERÓNIMO DE BRITO

ORAÇÃO
ACERCA DOS LOUVORES
DE TODAS AS CIÊNCIAS E SABERES

PRONUNCIADA NO 1º DE OUTUBRO
DIANTE DE TODA A COIMBRA
NO ANO DO SENHOR
DE 1554

Impresso por João de Barreira
COIMBRA

[2]

Habes in libello hoc, optime lector, elegantem, pulchram ac graphice orationem scriptam, ubi in laudem Musarum multa et grauia ingeniose sunt allata, absque errore qui orthodoxae fidei opponatur: ideo uolue, reuolue rogo.

Doctor frater Martinus Ledesmius

IGNATII MORALIS EPIGRAMMA

Extulit eloquio doctas Hieronymus artes
Dicenti plausum, turba diserta dedit.
Tam bene namque illas facundo expresserat ore
Quam scite docta pingit et ipse manu
Vtque refert dulci Ciceronem flumine linguae
Sic et Apelleum dextra imitatur opus.

[2]

Caríssimo leitor, neste livrinho encontras um discurso elegante, formoso e artisticamente escrito, onde de modo inteligente se aduziram muitas e graves cousas em louvor das musas, sem erros que se oponham à fé ortodoxa: razão pela qual te peço que o leias e releias.

O Doutor frei Martinho de Ledesma¹

EPIGRAMA DE INÁCIO DE MORAIS

Jerónimo louvou as sábias artes com o verbo
E a eloquente multidão aplaudiu o orador.
É que ele com lábio facundo as representara tão à perfeição
Quanto é entendido em pintá-las
E, tal como com doce fluir da língua se mostra um outro Cícero,
Assim com sua dextra imita os painéis de Apeles.²

[3]

INVICTISSIMO CHRISTIANISSIMOQVE
LVSITANIAE REGI IOANNI HVIVS NOMINE TERTIO
M. HIERONYMVS A BRITO S.

Orationem quam superioribus diebus, ut mos est Academiae, de disciplinarum laudibus publice habui, rex inuictissime, typis mandare et in publicum edere uisus sum, eo tamen consilio ut non amicorum adhortatione (quod, alioqui lateret, maluissem) in uulgus prodiri esset tribuendum: eorum auctoritati numquam succubui. Non gloriae alicuius cupiditate captus (nullam enim ex hoc mihi deferendam umquam existimaui), uerum tua solum beneficentia ductus, quamquam in oculorum iudicium quam aurium prodire multo sit periculosius. Quantum in suscepto munere elaborauerim, Celsitudini tuae uel in hunc modum aperirem, ut qui, tuo munere perfunctus, in hanc tuam florentissimam Conimbricae Academiam ingenii excolendi gratia me contulerim ibique primis litteris et Logicae et Philosophiae praeceptis optimis praeceptoribus sim imbutus, tandemque sacrosanctae Theologiae studium aggressus. Saltem hoc nomine, ut par erat, tibi uiderer [4] gratulari et pro maximis in tuosque collatis beneficiis quodammodo gratiam habere. Et uelut flumina quae e mari scaturiunt in idem semper redire cernimus, sic tibi, litterarum bonarum parenti optimo, suos ipsa Academia fructus, quorum tu, rex maxime, quasi effector consistis, in me uno offerre uideretur.

Iam uero, tuo praesidio munitus, eam quam in suscipiendo munere uel etiam pertractando concepi fiduciam, nunc prodendo publice numquam deponendam iudicaui, meque in tam uaria hominum iudicia, eorum praesertim qui quo aliqua recentiora, eo iucundiora esse existimantes, quae uiri docti comprobarunt solent uituperare, plane intrepidum conieci: ut quod me ab incepto antea uidebatur retardare, tuae beneficentiae suffultus amplius iam non formidarem.

Ea igitur hilari fronte et beneuolentia qua omnes e tua Academia fructus soles recipere, hoc precor munusculum quod non mediocri studio in gratiam litterarum composui a me suscipias, meque, ut maximis semper beneficiis

[3]

O MESTRE JERÓNIMO DE BRITO
SAÚDA O INVICTÍSSIMO E CRISTIANÍSSIMO REI DE PORTUGAL
D. JOÃO, O TERCEIRO DESTE NOME

Decidi, invictíssimo rei, mandar imprimir e publicar o discurso que, em conformidade com a usança académica, recentemente pronunciei em público acerca dos louvores das ciências, todavia com o desígnio de que não deveria atribuir-se a sua edição ao incitamento dos amigos (sob outro aspecto, para que nada se ocultasse, teria preferido): nunca sucumbi à sua influência. Tão-pouco fui seduzido pelo desejo de alguma glória (pois nunca pensei que por isto se me deveria conceder alguma), mas unicamente induzido pela vossa bondade, ainda que seja muito mais arriscado apresentar-se alguém ao julgamento dos olhos do que ao dos ouvidos. O quanto me apliquei na tarefa a que me votei, mostrá-lo-ia a Vossa Alteza até por esta forma, como aquele que, cumprindo o vosso encargo, me desloquei para esta vossa florentíssima Academia de Coimbra para cultivar a minha inteligência e aí fui instruído pelos melhores mestres nas primeiras letras e nos preceitos da Lógica e da Filosofia e, ao cabo, empreendi o estudo da sacrossanta Teologia. Pelo menos a este título, como era justo, pareça-vos [4] que vos cumprimento e de certa maneira vos agradeço pelos inexcusáveis benefícios que me oferecestes a mim e aos vossos súbditos. E assim como vemos que os rios que manam do mar voltam sempre para o mesmo, assim, óptimo progenitor das boas letras, a própria Academia pareça que só através de mim vos oferece os seus frutos, dos quais vós, ó maior dos reis, sois como uma espécie de produtor.

Demais, defendido com a vossa protecção, pensei que agora, ao mostrar-me em público, nunca deveria dar de mão a esta confiança que concebi ao aceitar o encargo ou até ao desempenhá-lo, e com toda a intrepidez arrotei as diversas opiniões críticas dos homens, principalmente daqueles que, julgando que algumas coisas, quanto mais recentes, tanto mais agradáveis são, têm por costume criticar o que os varões sábios aprovaram: de maneira que, amparado com a vossa bondade, já não receava mais aquilo que anteriormente parecia reter-me no meu intento.

Por conseguinte, rogo-vos que, com a mesma benevolência e rosto prazenteiro com que costumais receber todos os frutos da vossa Academia, aceiteis de mim este pequeno presente que com não pequeno desvelo compus em obséquio das letras e

exornasti, benigno fauore prosequaris. Sic enim, ad altiora studio allectus, litterarum fructus uberiores multo aliquando deferendos sperabo.

Deus Optimus Maximus maiestatem tuam ad ipsius gloriam et ad tuae rei publicae conseruationem quam diutissime nobis seruet incolumem.

Conimbricae, VI Calendis Nouembris

me continueis a favorecer da mesma forma que sempre me honrastes com os maiores favores. É que assim, atraído pelo favor para cousas mais elevadas, acalentarei a esperança de algum dia vos oferecer frutos literários muito mais abundantes.

Que Deus Ótimo Máximo para Sua própria glória e conservação do vosso reino vos conserve são e salvo por muitíssimo tempo.

Coimbra, 27 de Outubro

[5]

MVLTA ME COMPVLERVNT, Rector amplissime, Patres sapientissimi, uiri ornatissimi, ad hoc arduum negotium suscipiendum. Quae, cum saepe animo cogitarem, licet tantae rei amplitudo, ab iis, qui ante me amplissimum hunc locum tenuerunt, longe melius et multo praeclarius illustratae, cum propter doctissimorum uirorum grauissimum conspectum, in quem nihil nisi perfectum ingenio et elaboratum industria afferri debuit, tum propter meam uel nullam uel perexiguam in dicendo facultatem, ab illo omnino esse discedendum aut certe modeste et laboriose tractandum ostenderet: tamen non modo ut susciperem, uerum etiam ut libenter susciperem commouerunt. Ita enim natura comparatum est ut a quibus nos rei difficultas deterreat, ea pietas uelit et exsequatur. Primum itaque se se mihi obtulit scientiarum disciplinarumque omnium commendatio, quibus nihil in uita melius, nihil praestantius, nihil denique iucundius potuit umquam reperiri – qua de re praesens habenda est oratio –, quae, cum semper mihi maximam delectationem attulerint, non est cur non laeto animo aliquid de earum dignitate uelim praedicare. [6] Deinde, dignissimus cancellarius beneuolentia occurrebat, qui, quod optimo iure poterat imperare, beneuole et amice postulans, tametsi nulla me auctoritate, nulla dexteritate ingenii, nulla dicendi exercitatione commendatum, ad hoc tamen munus tractandum designauerit. Accessit uestra omnium humanitas, uiri sapientissimi, quos, etsi quid minus a me recte dictum uestroque ingenio indignum parum ornatum publice hodierno die huc afferre, praesertim cum a praestantissimis uiris, maxima ingenii ubertate, dicendi usu ac exercitatione, hoc idem argumentum professis, praeclariora multo et elegantiora iam audieritis, pro uestro erga bonas litteras animo facile esse condonatuos sperabam.

Neque uero mirandum erat si, uel mihi iniunctum munus recusassem, quod alios non minus praestanti ingenio uiros quam singulari eloquentia praeditos solet deterrere, uel (cum in me doctissimorum uirorum oculos uideo coniectos et exspectationi, quam de me fortasse concepistis, non

[5]

FORAM MUITOS OS MOTIVOS, Magnífico Reitor³, sapientíssimos Padres e distintíssimos varões, que me compeliram a aceitar esta árdua empresa. Ao pensar repetidas vezes sobre eles, embora a importância de uma tão grande matéria, incomparavelmente melhor e muito mais brilhantemente esclarecida por aqueles que antes de mim ocuparam este ilustríssimo lugar, mostrasse, por um lado devido à intimidante presença dos varões mais sábios, à qual só devem oferecer-se coisas de acabado engenho e aprimorada feitura, por outro devido ao meu nulo ou muito escasso talento oratório, que cumpria que uma pessoa dele se afastasse ou então o ocupasse de modo comedido e aplicado: mesmo assim esses motivos moveram-me, não só a aceitar esta empresa, mas a aceitá-la de bom grado. É que a natureza estabeleceu que a dedicação queira e execute aquelas coisas que pela sua dificuldade nos atemorizam. E, em primeiro lugar, desta maneira se me ofereceu a recomendação de todas as ciências e saberes, que são o que de melhor, de mais excelente e, enfim, de mais agradável pode alguma vez encontrar-se nesta vida – tema sobre o qual deve tratar o presente discurso –, os quais, visto como sempre me ocasionaram a máxima deleitação, não há motivo para que não queira dizer publicamente com aprazimento algo acerca da sua dignidade. [6] Em segundo lugar, acudia-me ao espírito a bondade do digníssimo Cancelário, o qual, rogando bondosa e amigavelmente aquilo que com todo o direito poderia ordenar, conquanto nenhum prestígio, nenhuma superior capacidade intelectual e nenhuma prática oratória me recomendassem, mesmo assim indicou-me para tratar deste assunto.⁴ Acresceu a indulgência de todos vós, ó varões sapientíssimos, aos quais, ainda que hoje alegue aqui publicamente algo de menos correctamente dito e pouco ataviado, indigno das vossas inteligências, sobretudo sendo certo que já escutastes coisas muito mais brilhantes e elegantes da boca dos mais notáveis varões, dotados das máximas capacidades intelectuais e com prática e exercício da oratória, e que se pronunciaram sobre este mesmo tema, mesmo assim eu acalentava a esperança de que, em conformidade com a vossa boa disposição em relação à literatura, facilmente haveríeis de perdoar-me.

Mas tão-pouco causaria espanto se, ou tivesse recusado o encargo a mim imposto, que costuma afastar pelo temor a outros varões dotados tanto de superior inteligência quanto de excepcionais capacidades oratórias, ou (quando vejo dirigidos sobre mim os olhares dos varões mais sábios, e que de forma alguma posso corresponder à

posse ulla ex parte responderem, nisi uestra singulari humanitate eximiaque modestia ducerer, qua non tam muneris oblata dignitatem, quam offerentis animum consideratis) non uehementer perhorrescerem et reformidarem. Quamobrem uos rogo atque [7] obtestor, uiri praestantissimi, ut eam mihi attentionem hodierno die concedatis, de uestris laudibus aliquid dicere cupienti uestrisque studiis gratulanti, quam aliis de uirtute dicentibus praebere consueuistis.

Theologia

De scientiis igitur dicturus earumque laudes explicaturus, ab ea potissimum uolui exordiri quae ceteris ualde praestat atque easdem longe superat, a qua tamquam e liquido fonte ceterae omnes artes emanarunt (sic enim ratio postulare uidebatur), ut in auditorum auribus, quae quadam naturae infirmitate ad audiendum in principio semper sunt promptiores et in fine tardiores, de ea scientia aliquid remaneret, quae ad reliqua eorum studia quibus illi, ceteris contemptis, delectantur plurimum afferret adiumenti, et illis quibus ipsa iam plurimum contulerit, quique in ea diu sunt uersati ut illam ardentiori animo prosequantur esset incitamento non minimo. Neque uero meae auctoritati in hoc solum credidi, uerum Noe illum uirum sanctum imitatus qui suos filios primum praecepta Theologiae, deinde Mathematicas artes et Philosophiam docuisse traditur, de Theologia primo dicendum putauit.

Vt hinc igitur initium capiamus, cum Deus Optimus Maximus homines ex nihilo procreasset illisque tum corporis tum mentis maxima [8] tribuisset ornamenta, quibus bruta animantia parerent, ut globum hunc, quem Terram appellant, tanto splendore tantoque nitore mira pulchritudine depictum, regerent ac moderarentur. Illi uero per arrogantiam nefario crimine perpetrato diuino numine contempto, cum celsam eius maiestatem laesissent optimique Parentis praecepta nimia temeritate uiolassent, in deplorandam infelicitatem deuenerunt diuinamque illam cognoscendi uim, ab illo rerum opifice deriuata, qua eorum mens et ratio perficiebatur, offuscantes, brutorum uitam degentes, amiserunt. Quorum tamen benignus ille Pater misertus uidensque in quot calamitates per peccatum incidissent, non est passus homines, quos incredibili perfectione efformauerat, auxilio destitutos perire, quin illis instinctum quodam naturale diuinaeque sapientiae lumen tribuerit, ut suam originem primamque rerum causam conquirentes, quasi unde orti essent recordati, diuinorum cupiditate stimularentur. Nec enim ulla gens est tam fera, nemo mortalium tam fuit immanis cuius mentem de Deo non imbueret opinio. Immo omnes ita uim aliquam et naturam diuinam fassi sunt ut, si qualem habere Deum deceret ignorarent, tamen habendum scirent. Qui, licet [9] magna ex parte a ueritate aberrarent, uarias de rebus opiniones concipientes, rerum euentus contemplantes, diuinum aliquid in ipsis cernentes et in se sentientes, Philosophiam contraxere, quae homines

expectativa que se calhar concebestes a meu respeito, se não tivesse por juiz a vossa singular indulgência e extraordinário comedimento, mediante a qual avaliais não tanto o valor da dádiva oferecida, quanto a intenção de quem oferece) não me sentisse dominado por um enorme terror e receio. Motivo pelo qual vos rogo e [7] suplico, excelentíssimos varões, que me presteis hoje aquela atenção, a mim que desejo dizer alguma coisa sobre os vossos merecimentos e que vos felicito pelos vossos estudos, que costumastes mostrar a outros que falavam acerca da virtude.

Portanto, ao propor-me falar acerca das ciências e expor os louvores das mesmas, quis começar antes de mais por aquela que assaz se avantajava às restantes e de longe as supera, da qual como de uma nascente límpida emanaram todas as demais artes (é que dava visos que o método assim o exigia), por forma a que nos ouvidos dos ouvintes, que devido a uma espécie de debilidade da natureza sempre no início estão mais disponíveis para escutar e no final mais desatentos, permanecesse alguma coisa relativa a esta ciência, que ajudasse sobremaneira aos restantes estudos daquelas coisas com as quais eles, desprezando tudo o mais, se deleitam, e fosse não pequeno incitamento para prosseguirem com entusiasmo para aqueles aos quais ela já ofereceu muito e que a ela se entregaram durante muito tempo. E ao pensar assim não me limitei a dar crédito ao meu parecer, mas, imitando aquele santo varão Noé, o qual, segundo se diz, ensinou aos filhos em primeiro lugar os preceitos da Teologia e depois as Matemáticas e a Filosofia, eu considerei que deveria falar primeiro acerca da Teologia.

Teologia

Por conseguinte, começando por aqui, sendo certo que Deus Ótimo Máximo criou os homens a partir do nada e lhes concedeu os mais perfeitos ornamentos quer do corpo quer do espírito, [8] para os brutos animais lhes obedecerem, por forma a senhorearem e governarem este globo a que chamam Terra, de tão grande esplendor e brilho e pintado com maravilhosa formosura. Mas eles devido à arrogância, perpetrando um crime abominável com desprezo pela majestade divina, como atentaram contra a majestade celestial de Deus e com o seu excessivo desatino violaram as ordens do melhor dos pais, caíram num lamentável infortúnio e, passando a levar uma vida de brutas alimárias, perderam, manchando-a, aquela divina potência de conhecer derivada daquele Criador das coisas, graças à qual o seu entendimento e razão eram perfeitos. Aquele bondoso Pai, porém, compadecido deles e vendo o grande número de desgraças em que tinham caído devido ao pecado, não permitiu que peressem privados de ajuda os homens que moldara com incedível perfeição e não deixou de lhes conceder uma espécie de instinto natural e um lume de sabedoria divina, a fim de que, indagando a sua origem e a causa primeira das cousas, como que recordando donde tinham provindo, se sentissem estimulados pelo desejo das coisas divinas. É que não existe povo algum tão selvagem nem houve nenhum mortal tão desumano que não tivesse inculcada em seu espírito a crença em Deus. E até todos a tal ponto reconheceram alguma força e natureza divina que, mesmo que ignorassem que espécie de Deus cumpria que existisse, todavia sabiam que deveria existir.⁵ Os quais, ainda que [9] em grande

per orbem dispersos et ignorantia seiunctos, in uitae societatem humanumque consortium conuocauit. Quae, licet multis saeculis floruisset, a Christiana tamen pietate ita est illustrata ut ne, ueterum permultorum falsis rationibus adhaerentes, eorum erroribus imbueremur, sed quae tantum uera essent et fidei consona complectentes, summum quod omnes appetunt bonum tandem consequeremur.

Quod autem ista docet sacrosancta Theologia est, quae tantum aliis scientiis tribuit dignitatis ut, si qua sit ceterarum laus, si qua gloria, si qua denique commoditas, nisi in hanc diuinam sapientiam referatur, caduca et inanis appareat sit necesse. Quae si a certitudine nobilitateque subiecti debeat commendari, ut placuit Aristoteli, nonne ceterarum artium principem esse iudicatis? Agit de Deo Optimo Maximo: quo quid nobilium? Quid potentius? Quid praestantius atque excellentius? Vt ne quidem quid ipse sit, nisi forte quid non sit, excogitare quisquam possit neque uerbis explicare. In quo uiuimus, mouemur et sumus; cui omnia parent, cui [10] omnia oboediunt, per quem cuncta subsistunt elementa, summe bonus, maxime potens, infinite sapiens, undique in se ipso perfectus atque omni ex parte beatus, quem, cum humana mens conatur contemplari, expauescit, sensus deiicitur, cum sub sensum minime cadat, melius enim, ut inquit Augustinus, mente concipitur quam explicatur, ueriusque est quam mente concipiatur.

Creationem etiam mundi docet, philosophorum turbis incognitam, qua supremus ille rerum omnium Artifex sua incredibili bonitate ac infinita potentia uniuersam hanc mundi machinam, tanta rerum uarietate distinctam, mirabili concentu informatam, ex nihilo est fabricatus, ut homini, quem ad summam beatitudinem comparandam aedificauerat, necessaria suppeditaret. Hominum spirituumque productionem, quibus talia ac tanta tribuit ornamenta, tot tantisque muneribus exornauit; Incarnationem diuini Verbi et reparationem labentium hominum per sacramenta a Christo instituta; denique quae bene beateque uiuendum pertinent: quae, quoniam ab ineffabili illo Spiritu reuelata et a Christo Salvatore nostro sint edocta, Sanctorum Patrum uoluminibus et auctoritate comprobata, certissima esse omnium consensu iudicatur.

Haec est igitur illa diuina Philosophia [11] quam ueteres philosophi perquirentes se nihil scire passim profitebantur. Haec est quae depressas hominum mentes, fictilibus carceribus interclusas, caducis rebus inhaerentes, in caelestium rerum amorem subleuat atque rapit, et ad beatorum coetum

parte se desviavam da verdade, concebendo diversas opiniões acerca das coisas, e considerando os acontecimentos, e neles observando e em si mesmos sentindo algo de divino, deram origem à Filosofia, a qual, aos homens “esparzidos pelo mundo e apartados pela ignorância, os chamou para a vida social e em comunidade”.⁶ A qual, conquanto tivesse prosperado durante muitos séculos, todavia por tal forma se abrilhantou com a piedade cristã que não só impediu que, aderindo às falsas razões de muitos antigos, nós fôssemos impregnados pelos seus erros, mas fez que, abraçando unicamente o que é verdade e conforme com a fé, ao cabo alcançássemos aquele sumo bem que todos desejam.

Ora, quem ensina essas coisas é a sagrada Teologia, a qual confere tamanha dignidade às outras ciências que, se as restantes possuem algum merecimento, alguma reputação e, enfim, algum proveito, se não imitarem esta divina sabedoria, é forçoso que se revelem caducos e vãos. Sabedoria esta que, se deve recomendar-se devido à certeza e nobreza da sua matéria, consoante o parecer de Aristóteles: porventura não pensais que é a principal das restantes artes?⁷ Ora, ela ocupa-se de Deus Ótimo Máximo: que há de mais nobre do que Ele? Que há de mais poderoso? Que há de mais excelente e de superior? Por tal forma, que nem sequer alguém pode conjecturar ou expor por palavras aquilo que Ele é: talvez apenas aquilo que não é.⁸ No qual vivemos, somos movidos e existimos; ao qual tudo obedece, a quem [10] tudo acata, mediante o qual subsistem todos os elementos, sumamente bom, insuperavelmente poderoso, infinitamente sábio, em si mesmo perfeito por todas as partes e totalmente bem-aventurado, perante o qual o entendimento humano sente pavor, quando se esforça por contemplá-lo, os sentidos se desvanecem, porque não cai sob a alçada dos sentidos, porquanto, tal como diz Santo Agostinho, mais facilmente o entendimento o concebe do que o explica, e existe mais verdadeiramente do que o entendimento o concebe.

A Teologia também ensina a Criação do mundo, desconhecida às turbas dos filósofos, com a qual aquele supremo Artífice de todas as coisas, pela Sua inefável bondade e infinita potência construiu a partir do nada toda esta máquina do mundo, matizada com tão grande variedade de coisas e moldada com maravilhosa harmonia, a fim de prover do necessário o homem, a quem criara para que alcançasse a bem-aventurança. A produção dos homens e dos espíritos, aos quais concedeu tais e tão grandes ornamentos e ataviou com tantas e tamanhas mercês; a Encarnação do Verbo divino e a reparação dos homens caídos através dos sacramentos instituídos por Cristo; e, finalmente, aquelas cousas que tangem a viver bem e santamente: tudo isto, porquanto foi revelado por aquele Espírito inefável e ensinado por Cristo nosso Salvador, e ratificado pelos livros e autoridade dos Santos Padres, é considerado acima de qualquer dúvida pela opinião unânime de todos.

Por conseguinte, é esta aquela divina Filosofia [11] que os antigos filósofos procuravam, confessando amiúde que nada sabiam. É esta a que eleva e arrebatava o abatido espírito dos homens, aprisionado em cárceres terrenos e apegado a coisas caducas, ao amor das coisas celestiais, e lhes mostra a entrada para a assembleia

qui, iam corporibus expediti, in supremo huius magni globi et Dei Optimi Maximi domicilio sempiterno diuinam contuentur essentiam, aditus facit patere. Hac una uirtutes augentur, extirpantur uitia, expetenda fugiendaque demonstrantur. Haec denique cum ceteras res omnes, tum quod est difficillimum: ut nos ipsos agnoscamus ac, proinde diuina sapientia illustratos, bonos uiros effici tandemque nos fore beatos ob eam causam cernamus. De qua satius ut arbitror duxerim tacere quam pauca eaque eius dignitati satis imparia praedicare: quae enim ex se laudibus egent uerbis solent exornari.

Quare ad reliqua studia nostra conuertatur oratio, quae, quamquam plurimum habeant dignitatis, humana mens fortasse poterit comprehendere.

In
Pontificium

Ab hac igitur diuina Philosophia et sacrosancta sapientia Ius Pontificium Sanctorum Patrum decretis et institutis contentum deriuatur, quod tanto dignius et excellentius iudicatur ceterasque disciplinas uidetur excellere quanto [12] illi diuinae sapientiae propius accedit. Cuius ipse Christus Saluator noster primus fuit auctor ac institutor, cum primo pontifici Diuo Petro eiusque successoribus diuinam tribuit potestatem et gregem suum, hoc est, Ecclesiam uniuersam, pascendam commendauit; cuique prima fidei rudimenta, pontificio iure contenta, praebens, clauas ligandi ac soluendi, ut quae ageret in terris arbitrio in caelo ipse comprobaret, perpetua stabilique tradidit sanctione, quaeue sancti ut appellant Canones docerent, euangelica auctoritate confirmata, ab illo initium traxisse, plane iudicaremus. Quod in primordio Ecclesiae diuino afflatum Spiritu, apostolorum doctrina collustratum, orbem docuit uniuersum et sedatum reddidit. Vt si qua postea de re esset apud Christianos, si qua quaestio, quae uel ad tuendam fidem uel ad conseruandam religionem pertineret, ad Ecclesiae traditiones, apostolorum ueterumque pontificum sanctissima decreta esset secure recurrentum. Quod demum temporis successu, multis exortis quaestionibus, dogmate Christiano mirum in modum amplificato, alii pontifices litteris et sanctimonia uitae celebres, nulla uel temporum uel rerum uicissitudine fama hominumque memoria [13] umquam perituri, sic in ampliorem formam posuerunt ut in eo nihil amplius possit desiderari.

Huius officium est pestiferas sceleratorum hominum haereses tamquam spinas uenenosas ab horto Christi, hoc est, ab Ecclesia, eius carissima sponsa, et radicitus auellere et auulsas omnino extirpare, earumque auctores, serpentis imposturis nimium deceptos, pestem hanc rei publicae Christianae audacia effrenata inferentes, corripere; et Christianis dogmatibus optime informare; impios punire uel etiam subleuare, rudes commonere

dos bem-aventurados que, já livres dos corpos, contemplam a essência divina no mais elevado deste grande globo e sempiterno domicílio de Deus Ótimo Máximo. Só mediante ela as virtudes aumentam, os defeitos se extirpam e se mostra aquilo que deve desejar-se e o de que cumpre fugir-se. Ela, finalmente, ensina não apenas todas as restantes coisas, mas também aquilo que é o mais difícil: a conhecermos a nós mesmos e a compreendermos que, como que iluminados pela divina sabedoria, nos tornamos homens bons e que, ao cabo, por este motivo, viremos a ser bem-aventurados. Acerca dela pensei que mais valia calar do que proferir poucas coisas e estas assaz inferiores à sua dignidade: é que aquilo que da sua parte tem necessidade de louvores costuma ser ornamentado com palavras.

Por isso, passemos a ocupar-nos no nosso discurso com os nossos restantes estudos, que, embora sejam sobremaneira honrosos, provavelmente o entendimento humano estará em condições de abarcá-los.

Portanto, desta divina Filosofia e sacrossanta sabedoria provém o Direito Pontifício, que encerra os decretos e disposições dos Santos Padres, o qual se julga tanto mais digno e mais excelente e parece avantajá-lo às demais ciências quanto [12] mais se aproxima daquela divina sabedoria. O seu primeiro autor e instituidor foi o próprio Cristo nosso Salvador, quando concedeu ao primeiro pontífice São Pedro e aos seus sucessores a potestade divina e lhe encomendou que apascentasse o seu rebanho, isto é, a Igreja inteira; e, dando-lhe os primeiros ensinamentos da fé, que se encerram no Direito Pontifício, entregou-lhe, com perpétua e estável sanção, as chaves de ligar e desatar, a fim de que aquilo que por sua vontade fizesse na terra, ele mesmo o aprovasse no Céu, ou para que não tivéssemos qualquer dúvida de que tem nele a sua origem o que ensinam aquilo a que se chamam os santos Cânones, confirmados pela autoridade evangélica. Direito que nos primórdios da Igreja foi inspirado pelo Espírito divino, esclarecido pela doutrina dos apóstolos, ensinou a todo o mundo e o aquietou. A fim de que, se mais tarde surgisse entre os cristãos alguma dúvida sobre alguma coisa, alguma questão, que tivesse a ver quer com a salvaguarda da fé, quer com a conservação da religião, se devesse recorrer com segurança às tradições da Igreja e aos santíssimos decretos dos apóstolos e dos antigos pontífices. A este Direito, finalmente, com o passar do tempo e o surgimento de muitas questões e depois que as ordenações cristãs aumentaram de modo extraordinário, outros pontífices, célebres pelas suas letras e vida santa, que nenhuma vicissitude dos tempos ou das coisas hão-de jamais fazer desaparecer da fama e memória dos homens, [13] puseram-no num estado de perfeição tal que nele não pode sentir-se a falta de nada mais.

A sua função é arrancar de raiz e extirpar por completo, como peçonhentos espinheiros da horta de Cristo, isto é, da Igreja, sua queridíssima esposa, as pestilenciais heresias dos homens ímpios, e castigar os seus autores, assaz iludidos pelos embustes da serpente e que com desenfreado atrevimento introduzem esta peste na cristandade; e instruir da melhor maneira com os princípios cristãos; aos ímpios puni-los ou também socorrê-los, aos ignorantes aconselhá-los e ensinar-lhes

*Direito
Pontifício*

et moribus instruere; lapsis indulgere et ad paenitentiam reuocare; iura et statuta decernere, leges promulgare, sacra etiam praecepta interpretari, et alia permulta quae uix poterunt oratione comprehendi.

Ius Caesareum

Huic proximum est Ius Caesareum, cuius commoditas et late patens utilitas tanta a uiris doctis censetur ut, hoc uno sublato, terrarum orbis uitaque hominum putetur esse peritura. Quod tandem ex sacris eloquis depromptum esse iudicabimus, quando Deus ipse Hebraeo populo leges optimas tradidit, quibus etiam nunc utimur et ius ipsum continetur: ut populus ille electus, optimis institutis instructus, summa perfectione polleret et barbaris exterarumque gentium nationibus cultu et religione [14] ualde praestaret. De quo iure tanta apud ueteres fuit auctoritas ut legem ueritatis inuentionem nuncuparent. Tradunt enim Pindarum, cum reges a legibus immunes esse uiderentur, dixisse: “Quis imperabit principi? – Nempe, leges omnium et mortalium et immortalium reginae.” Leonem etiam, cum Euricratidem interrogasset quam quis urbem incolens tutus esset, respondisse: “Vbi iustitia polleret et iaceret iniustitia.” “Quid” enim “fuissent magna regna”, ut inquit Diuus Augustinus, “nisi magna latrocinia, si non esset lex et iustitia?” Vt ne muneribus quidem quae Deus largitur frui liceret nec recte uti, si lex deesset.

In quo iure permulti claruerunt, inter quos fuit ille magnus Lycurgus, legum Lacedaemoniarum conditor, Solon, Zaleucus, Bartolus, Baldus, Iustinianus imperator atque alii, de quorum summo ingenio et eruditione apud omnes illustris et immortalis fama celebratur. Huius proprium munus est unicuique quod suum est tribuere, ut nemo plus habeat, ut inquit Plato, neque dominus neque seruus neque aduena, sed aequalis eademque similiter sit omnis distributio, ut, si de aliqua re esset in re publica controuersia, de qua singuli propter rem familiarem et suburbanam decertarent, ipsum decerneret. Huius etiam est [15] proprium nefariis hominibus ciuibusque perditis rem publicam perturbantibus illique detrimenta praebentibus, grauia inferre supplicia; tyrannos ab urbe propulsare, insontes defendere, rem publicam denique tueri ac optimis semper institutis conseruare. Sed de iis hactenus, nullum enim est tempus in quo quantum huic iuri debeatur possit recenseri: quamobrem de arte medendi, quae optima ratione subsequitur, aliquid dicamus.

Medicina

Nam si superiores, quas paulo ante commemorauimus, ad animum pertinent, haec uero ad corpus: ita enim rem nostram commode persequi uidebimur. Medicinae ergo scientiam, ut corporis ualetudini conseruandae recuperandaeque sanitati commodissima, ita hominum generi ualde necessariam existimo. Quae, si ab ipsius fonte repetatur, primum a Deo

os bons costumes; ser indulgente com os que fraquejaram e chamá-los à penitência; propor regulamentos e direitos, promulgar leis e também interpretar preceitos sagrados, e muitas outras coisas que dificilmente se poderão incluir num discurso.

Próximo a ele encontra-se o Direito Cesáreo, cuja vantagem e sobejante manifesta utilidade é considerada tão grande pelos homens sábios que se pensa que, se apenas ele desaparecer, o mundo e a vida dos homens perecerão. Direito que ao cabo de contas cuidaremos ter sido extraído das palavras sagradas, visto como o próprio Deus transmitiu ao povo hebreu as melhores leis, que nós também hoje usamos e nas quais se encerra o próprio direito: com o propósito de que aquele povo escolhido, instruído com os melhores ensinamentos, sobressaísse pela suprema perfeição e muito se avantajasse em civilização e religiosidade [14] aos bárbaros e às nações de raças estrangeiras. Os antigos atribuíram tamanho prestígio a este direito que chamavam à lei “descoberta da verdade”.⁹ Com efeito, conta-se que Píndaro, como parecia que os reis estavam isentos das leis, disse: “Quem há-de mandar sobre os reis? – As leis, rainhas de todos, tanto mortais como imortais.”¹⁰ Também se conta que, perguntando a Leão, filho de Euricrátides, qual a cidade em que se viveria em segurança, este respondeu: “Onde a justiça sobressair e a injustiça estiver derribada.”¹¹ É que: “Que teriam sido”, como diz Santo Agostinho, “os grandes reinos senão grandes latrocínios, se não existissem a lei e a justiça?”¹² De tal forma que, se faltasse a lei, nem sequer seria possível gozar e correctamente servirmo-nos das dádivas que Deus liberalmente concede.

Foram inúmeros os que se tornaram ilustres neste direito, entre os quais se contou aquele grande Licurgo, autor das leis de Esparta, Sólon, Zaleuco, Bártolo, Baldo, o imperador Justiniano e outros, de cujas superiores capacidades intelectuais e erudição todos celebram a ilustre e imorredoura fama.

A função própria deste direito é dar a cada um o que lhe pertence, por forma que ninguém seja favorecido, conforme diz Platão,¹³ nem o amo nem o escravo nem o estrangeiro, mas a repartição seja totalmente igual, a mesma e feita de modo semelhante, a fim de que, se na comunidade se suscitar litígio acerca de alguma coisa, a respeito da qual cada um contenda relativamente ao património ou a propriedade suburbana, o direito decida da mesma maneira. Também é próprio dele [15] punir com pesadas penas os homens e cidadãos criminosos, que perturbam e causam dano ao Estado; expulsar da cidade os tiranos, defender os inocentes e, por derradeiro, proteger a comunidade e preservá-la sempre com os melhores regulamentos. Mas com isto basta sobre este assunto, pois não há tempo para se poder enumerar o quanto se deve a este direito: digamos por isso alguma coisa acerca da arte de curar, a qual, pela melhor das razões, é a que se segue.

Com efeito, se as artes precedentes, que acabámos de recordar, dizem respeito ao espírito, esta tem a ver com o corpo: pelo que semelhará que tratámos do nosso assunto de modo adequado. Portanto, considero que a ciência da Medicina, na mesma medida em que é a mais apropriada para a conservação e recuperação da saúde, assim é sobremaneira necessária para o género humano. Se remontarmos à sua origem,

Direito Cesáreo

Medicina

natam, tum ab Hippocrate illustratam reperiemus. Cuius laus et summa excellentia praemia et uiri huius artis illustres satis probant. Tradit enim Plinius, uir summo ingenio et eruditione clarus, quemdam Erasistratum, medicum peritissimum, Antiocho rege sanato et pristinae ualitudini eius ope restituto, C talentis a rege Ptolemaeo eius filio fuisse donatum. Omitto Asclepiadem, medicum doctissimum, qui hanc artem mirum in modum coluit [16] et auxit, a quo pulsandi uis est inuenta, Chrysippum, Empiricum,* Herophilum et plerosque alios clarissimos uiros et huius artis ualde eruditos, ne longa oratione uobis fastidium uidear afferre. Quorum eruditio et summa auctoritas ut oratione complecti ne queunt, ita medendi rationem maxime uidentur extollere. Haec itaque in sanando corporibus humanis uersatur, illique cum optima tum salubria tribuit medicamenta, uim naturamque herbarum inuestigat ut ualetudini accuratius inseruiat. Quae, inter diuersa morborum genera discernens, Deum ipsum, uitae datorem eiusdemque moderatorem, conseruando, imitata, quantas commoditates ad uitae tutelam nobis afferat ut luce clarius neminem puto latere.

Philosophia

Quamobrem ad reliquas nos transferamus disciplinas et Philosophiam eiusque partes explicemus, quae, quamquam ad animum pertineant, a doctioribus tamen quasi aliarum artium ancillae constituuntur iuuenibusque perdiscendas primo in limine, quasi ad reliqua studia adminicula quaedam, semper ponunt. Quam rem ut possem efficere, necessaria mihi illa uel Ciceronis uel Demosthenis uberrima eloquentia et ingenii acumen, quod in me censeo nullum uidebatur. Quae, ut nomen ipsum Philosophiae declarat, nempe [17] “sapientiae amor”, sapientia uero – humanarum diuinarumque rerum cognitio –, si oculis cerneretur, incredibile est, ut Plato inquit, quam arduos sui amores excitaret. Siue enim ad animum instruendum, siue ad religionem moderandam, siue ad uitam tranquillam degendam, siue si tecum agas quid, uel cum altero contrahas: nihil Philosophia amabilius, nihil praestabilius, nihil illustrius, nihil commodius, nihil denique florentius a Deo datum iudicabitur. Vt nulla sit uita pars nec publicis neque domesticis in rebus quae uacare possit Philosophia, in eaque excolenda sita uitae est honestas omnis et urbanitas. In qua peruestiganda tanta fuit ueterum industria, tantus affectus ut, rapti et quasi extra se positi, admirantes, rerum euentus contemplantes, uim philosophandi reppererunt (ceperunt enim admirari, ceperunt philosophari) et abditissimarum rerum pulchram, gratam et ingentem sibi cognitionem compararunt.

Possem ego multorum sententias in medium afferre quae ualde et non uulgariter extollere uidentur Philosophiam. Sed quorsum haec? Quasi uero quantum Philosophiae debeatur paucis iis uerbis a me rudi adhuc in hoc

* Emperidem P.

dar-nos-emos conta de que no início nasceu de Deus, sendo ao depois celebrizada por Hipócrates. Assaz comprovam o seu merecimento e insuperável excelência os prêmios e os ilustres varões cultivadores desta arte. De facto, Plínio, varão notável pela sua excepcional inteligência e erudição, conta que certo Erasístrato, médico muitíssimo competente, depois de com a sua ajuda ter curado e restituído ao seu primitivo estado de saúde o rei Antíoco, foi recompensado com cem talentos pelo rei Ptolomeu, seu filho.¹⁴ Não refiro Asclepiades, médico muitíssimo entendido, que cultivou e aumentou esta arte de forma admirável, [16] que descobriu a importância do toque,¹⁵ Crisipo,¹⁶ Empírico,¹⁷ Herófilo¹⁸ e muitos outros ilustríssimos varões e assaz entendidos nesta arte, para que não pareça que vos causo enfado com um discurso mais dilatado. Tal como é impossível abarcar com a palavra o saber e autoridade insuperável destes, assim parece que levaram ao mais alto ápice o modo de curar. E destarte esta ciência ocupa-se em sarar os corpos humanos, e aplica-lhes os melhores e salutareos medicamentos, e investiga a essência e natureza das ervas a fim de mais diligentemente tratar da saúde. Ela, ao discriminar entre as diversas espécies de enfermidades e ao imitar o próprio Deus, que dá a vida e, dirigindo-a, a conserva: cuida que a ninguém se oculta e é mais claro que a luz as grandes vantagens que nos oferece para a protecção da vida.

Por este motivo, passemos para as restantes ciências e ocupemo-nos da Filosofia e das suas partes, as quais, embora tenham a ver com o espírito, todavia são definidas pelos sábios como uma espécie de servas das outras artes, e propõem sempre que os jovens as aprendam no princípio como uma espécie de ajudas para os restantes estudos. Para levar a cabo esta tarefa, parecia que me era necessária a celebrada e fecunda eloquência ou de Cícero ou de Demóstenes e uma penetração intelectual que estou ciente de que careço por completo. A qual, como o próprio nome de Filosofia mostra, quer dizer [17] “amor da sabedoria”, e a sabedoria – conhecimento das coisas humanas e divinas –¹⁹ se fosse contemplada pelos olhos, é inacreditável (consoante diz Platão) quão inflamado amor por si despertaria. É que, quer para guarnecer o espírito, quer para governar a religião, quer para levar uma vida tranquila, quer se reflectires contigo mesmo sobre alguma coisa ou se tratares com outra pessoa: julgar-se-á que Deus não deu nada de mais amável do que a Filosofia,²⁰ nada de mais excelente, nada de mais brilhante, nada de mais proveitoso, nada, enfim, de mais resplandecente. Por tal forma que tanto na vida pública como nos negócios privados não há nenhuma parte que possa estar vazia da Filosofia, e em cultivá-la reside toda a dignidade e carácter civilizado da vida. Na investigação filosófica foi tamanha a diligência dos antigos, tamanha a paixão que, arrebatados e, como que postos fora de si, admirados, com os olhos fitos nos fenómenos, descobriram a essência do filosofar (pois, ao começarem a admirar-se, começaram a filosofar) e alcançaram para si o formoso, grato e imenso conhecimento das coisas mais recônditas.

Eu poderia aduzir aqui as opiniões de muitos que parecem encarecer assaz e sobremaneira a Filosofia. Mas a que fim? Como se eu pudesse expor ainda nestas poucas palavras e neste tosco estilo oratório quanto se deve à Filosofia, quando é

Filosofia

genere dicendi possit explicari, cum neque uiri doctissimi bonarum artium neque ueterum aliquis [18] id peragere uix potuissent. Ergo, ut sermo de Philosophia concludatur, Solem e medio et lucem tollere uidentur ii qui Philosophiam et rerum cognitionem e mundo ab hominum consortio tollunt. Quam qui de ea recte senserunt diuidunt in eam quae rerum obscuritates obseruat, quam Physicam uocant, et in eam quae mores instruit, quam Ethicam appellant, et in Mathematicam et Rationalem.

Physica Naturalis igitur, rerum causas inquirens, orbem componit uniuersum, ut quid materia, quid forma, ex quibus omne, quod natura constat, componitur, quid natura, quid motus, quidue tempus sit scrutatur diligenter. Atque elementa ipsa distinguens, quae ex illis uel oriantur uel intereant ostendit. Vnde tonitrua, fulgura, coruscationes, Galaxia, cometae, nix, grando, pluuia, uentus ac terraemotus gignantur optime describit. Naturamque uniuersarum singularumque rerum, quae sub sensum cadunt et motu cientur, apte et accurate perquirat. Neque uero iis contenta solum Philoiphia, uerum caelestem naturam transcendens, heroas illos et diuinas mentes, orbium astrorumque moderatrices, rerumque essentias, quae sub sensum minime cadunt, contemplatur.

Ethica Ethica uero animum componit, moribus instruit et [19] uirtutibus imbuit, humanis actionibus finem optimum ipsum, inquam, summum bonum, in quod omnia referuntur quodque omnes appetunt proponit. Aegritudines et animi perturbationes accurate explicando ab eo depellit uel depellendas demonstrat. Hominem denique, quem Deus ipse, rerum omnium Fabricator, tanta celeritate mentis effinxerat, omni studio felicem reddere conatur. In hanc, uelut fontem et originem, Ars Politica, quae in rei publicae administratione uersatur, et Oeconomica, quae in domus ac familiae gubernatione consistit, referuntur.

Mathematica Nunc autem Mathematicam et Rationalem disputatione nostra persequamur, sub quibus septem illae artes quae liberales dicuntur, quasi hominem ipsum liberum efficiant, continentur. Mathematica igitur scientia, quae in rerum separatarum non tamen omnino cognitione uersatur. Quattuor sub se species comprehendit, quas Pythagorei germanas appellarunt: Geometriam, Arithmetiam, Musicam, Astronomiam.

Geometria Geometriae uero ars, quae eius quod est semper est cognitio, puras dimensiones quantitatum considerat et quid rectum, quid circumductum, quid planum sit denique demonstrat. Cui tantus olim habitus est honor, [20] tanta gloria ut nemo sibi scire quidquam uideretur qui Geometriam ignoraret. In qua Plato tantum interesse putabat ut eam adolescentibus post prima Grammatices rudimenta perdiscendum proponeret, ut nulli alias aggredi liceret disciplinas quin prius Geometriae scientiam perdisceret. Et quidem ad rem bellicam instruendam, ad castra ponenda, regionem occupandam, ad colligendas turmas uel etiam dispergendas et ad cetera

certo que os varões mais entendidos nas artes literárias ou algum dos antigos [18] dificilmente teriam logrado realizar tal. Portanto, para concluirmos a nossa abordagem da Filosofia, parece que suprimem o Sol e a luz aquelas pessoas que afastam do mundo e comunhão dos homens a Filosofia e o conhecimento das coisas. Aqueles que pensaram de forma correcta acerca dela dividem-na naquela que observa os mistérios das coisas, a que chamam Física, e naquela que trata dos costumes, que designam por Ética, e na Matemática e [Filosofia] Racional.

Por conseguinte, a [Filosofia] natural, esquadrinhando as causas das coisas, ordena todo o orbe, de maneira a diligentemente procurar saber o que é a matéria, o que é a forma, dos quais se compõe tudo o que naturalmente existe, e o que são a natureza, o movimento ou tempo. E, distinguindo os próprios elementos, mostra quais os que deles ou nascem ou morrem. Descreve de forma excelente donde provêm os trovões, os relâmpagos, os clarões, a Via Láctea, os cometas, a neve, o granizo, a chuva, o vento e os terremotos. E investiga adequada e cuidadosamente a natureza de todas e cada uma das coisas que caem sob a alçada dos sentidos e se movem. Mas a Filosofia não se satisfaz apenas com estas coisas, mas, passando para a natureza celeste, contempla aqueles heróis e divinos entendimentos, que governam os orbes e astros, e as essências das cousas que não caem sob a alçada dos sentidos.

Física

E com a Ética pacífica o espírito, guarnece-o com bons costumes, [19] inculca-lhe virtudes e propõe para as acções humanas o seu melhor fim, quero dizer, o bem supremo, para o qual tudo aponta e que todos desejam. Explicando-as, afasta do espírito as aflições e inquietações, ou mostra que devem ser afastadas. Finalmente, com todo o empenho se esforça por tornar feliz o homem, a quem o próprio Deus, Criador de todas as coisas, moldara com tão grande presteza de entendimento. A ela, como a sua fonte e origem, se submetem a Arte Política, que se ocupa com a governação do Estado, e a Económica, que consiste na administração da casa e da família.²¹

Ética

Ora, ocupemo-nos agora na nossa dissertação com a Matemática e a [Filosofia] Racional, sob as quais se incluem aquelas sete artes que se chamam liberais, como se tornassem livre o próprio homem.²² Portanto, a Matemática é a ciência que se ocupa do conhecimento das coisas divididas mas não totalmente. Compreende em si quatro espécies, a que os Pitagóricos chamaram afins: a Geometria, a Aritmética, a Música e a Astronomia.²³

Matemática

Ora, a arte da Geometria, que é o conhecimento daquilo que sempre existe, considera as dimensões puras das quantidades e mostra o que é a recta, o que é o círculo e o que é o plano. A ela outrora concedeu-se tão grande honra [20] e glória que ninguém pensava que sabia alguma coisa se ignorasse a Geometria. Platão pensava que ela era tão importante que propunha que devia ser aprendida pelos moços após os primeiros rudimentos da Gramática, por forma que não fosse permitido a ninguém abordar as outras matérias sem primeiro aprender a ciência da Geometria.²⁴ E, de facto, a Geometria é da máxima importância para os preparativos bélicos, para dispor os acampamentos, para invadir países, para ajuntar tropas ou

Geometria

belli machinamenta, quibus circa acies uel in obsidione uel in itinere uti solent, in Geometria maximum est momentum. Nam, quis credere auderet Romanorum exercitus a uiro illustrissimo et fortissimo duce Hannibale sic fuisse dissipatos, nisi Geometriae instrumentis uteretur? Cur Caesar ille clarissimus Gallorum urbes expugnauit, arces euertit, castra diremit, Galliam denique superauit? An quia Geometriae artificio utebatur?

Multa possem de Geometriae laudibus commoditatibusque uobis afferre, sed non sine aliarum artium iactura, nam uideo mihi tempus praefinitum dicendum deesse. Quamobrem ad Arithmetica nos conuertamus.

Arithmetica

Quae, rerum proportionem et mensuras complectens, parium et imparium uarias complexiones producendo, uim numerandi, non quidem popularem illam, [21] qua uidentes et ementes utuntur, sed eam demum quae, certa quadam coniunctione, rerum certitudinem, qua noster animus uirtusque perficitur, sufficienter includens, optimo nobis ordine patefacit. Quin et homini ratione utenti prae ceteris animantibus fides, ut inquit Aristoteles, est adhibenda, quia natura facultate numerandi sit praeditus ob idque ad reliqua studia capessenda aptior et magis idoneus. Quamquidem artem Plato tanti aestimauit ut eam ceteris liberalibus disciplinis ueluti principem anteponeret. Quin et philosophorum permulti animas cum corporibus certo quodam numero deuinctas asserentes, animas numeros esse se ipsos mouentes tradiderunt. Ita efficax, ita necessaria numerandi facultas censetur ut neque res ulla publica, neque ciuitas, neque familia, neque denique uita hominum sine numeris poterit constare. Nam Deus ipse Optimus Maximus omnia numero, pondere et mensura creauit. Porro ita numerandi ratio necessaria et Musicae coniuncta ponitur ut neque Musica sine numeris neque numerus sine Musica percipi possit ullo modo.

Musica

Consistit enim Musicae ratio in numero sonoro. Quam ueteres tanti faciebant eandemque sunt uenerati ut aures, quia Musicae perceptibiles, menti praeponerent. Huius inuentio Pythagorae [23 **alias** 22] tribuitur? Inquit enim Xenocrates, philosophus eximius, cum Pythagoras aerarios fabros esset contemplatus cerneretque ex malleorum ictibus consonantiam lege ponderum exoriri, neruos quosdam tetendisse, uario illo pondere colligatos, atque ita Musicae interualla inuenisse. At uero Iubal, filius Ada, ex stirpe Cain, ut ex Sacris Eloquis accepimus, ipse “fuit pater canentium cithara et organo”. Summam itaque eruditionem Graeci sitam censebant in neruorum uocumque cantibus, quod exemplo Themistoclis probari potest, qui, cum in epulis recusasset lyram, habitus est indoctior. Tantoque in Graecia musici floruerunt, in id studium omnes fere incumbentes, ut qui Musicam ignoraret non satis excultus doctrina putaretur. Aristoxenus enim, musicus doctissimus idemque philosophus, ita corporis ipsius intensionem uelut in cantu et fidibus (quae harmonia dicitur) esse existimauit ut, ex corporis

também dispersá-las, e para os demais expedientes da guerra de que os exércitos costumam usar quer nos assédios, quer em marcha. É que, quem se atreveria a acreditar que os exércitos romanos por tal forma foram desbaratados pelo ilustríssimo varão e fortíssimo general Aníbal, se não tivesse usado os recursos da Geometria? Por que é que o célebre e nobilíssimo César venceu as cidades gaulesas, derribou os seus baluartes, arrasou os seus acampamentos e acabou por derrotar a Gália? Não foi porventura porque se servia do conhecimento da Geometria?

Poderia alegar-vos muitos factos sobre os louvores e vantagens da Geometria, mas não sem detrimento das outras artes, pois vejo que me falta o tempo que me foi prescrito para falar. Por isso, dirijamos o nosso olhar para a Aritmética.

Esta, abarcando as proporções e medidas das coisas, ao revelar as diferentes combinações dos pares e dos ímpares, numa ordem perfeita mostra-nos a essência do contar, não decerto o popular, [21] de que se servem os que vendem e os que compram, mas aquele que, mediante uma certa união, de modo suficiente inclui a certeza das coisas com a qual se aperfeiçoam a nossa alma e virtude. E até ao homem que tem uso de razão, em comparação com os restantes seres vivos deve dar-se-lhe crédito, segundo diz Aristóteles, porque a natureza o proveu com a capacidade de contar, e por isso é mais apto e idóneo para se entregar aos restantes estudos.²⁵ Platão teve em tão grande conta esta arte que a antepunha como primeira às restantes disciplinas liberais.²⁶ E até muitos filósofos, asseverando que as almas se encontravam unidas aos corpos mediante uma espécie de número, ensinaram que as almas eram números que se moviam a si mesmos.²⁷ E pensa-se que a faculdade de contar é de tal maneira eficaz e necessária que nenhum Estado, nenhuma cidade, nenhuma família, nem, finalmente, a existência humana poderá subsistir sem os números. É que Deus Ótimo Máximo tudo criou com número, peso e medida.²⁸ Enfim, supõe-se o método de contar de tal modo necessário e ligado à Música que de forma alguma pode entender-se a Música sem os números nem os números sem a Música.

Aritmética

Com efeito, a natureza da Música consiste no número sonoro. Os antigos estimavam-na e veneravam-na tanto que antepunham os ouvidos ao entendimento porque eles escutavam a Música. Atribui-se a sua descoberta a Pitágoras. [23 aliás 22] Com efeito, o extraordinário filósofo Xenócrates diz que Pitágoras, ao olhar para os cinzeladores e aperceber-se de que dos golpes dos martelos nascia, devido à disposição dos pesos, uma harmonia, estendeu certas cordas, ligadas com aquele variado peso, e por essa forma descobriu os intervalos musicais.²⁹ Mas, na verdade, consoante as Sagradas Escrituras nos informam, Jubal, filho de Ada, da linhagem de Caim, “foi pai de quantos tocam cítara e flauta”.³⁰ E assim os Gregos consideravam que o máximo saber se encerrava nas melodias das cordas e das vozes, tal como se pode provar com o exemplo de Temístocles, o qual foi tido na conta de ignorante por se ter recusado a tocar lira num banquete.³¹ E na Grécia a tal ponto os músicos eram importantes, aplicando-se quase toda a gente a este estudo, que se considerava que não era suficientemente culto quem ignorasse a Música. Aristóximo, sapientíssimo músico e filósofo,³² considerou que a tensão do próprio corpo é a

Música

totius natura ac figura, uarios motus efficeret tamquam in cantu sonos. Quin et naturae motus Musica quaedam est, animi inuecta a perturbationibus mala ab eo depellens.

Atque adeo ut Pythagorei, quibus Plato assentitur, ex orbium impulsu et agitatione concentum quemdam suauissimum aequabiliter exoriri, **[24 alias 23]** quem nostrarum aurium imbecillitas, uel potius natura assuefacta, capere non potest, ausi sint affirmare. Quod, si nihil molestius, nihil insuauius nostris auribus afferri potest quam cantus inconcinnus, qualeis, quaeso, uoluptates nobis certissima illa, quibus etiam ferae domabantur, cantica Orpheica, Olympia, Pindarica, Paeanica, Terpandria essent allatura, si ea perciperemus? Et quidem Alexander ille Macedo, cum ad arma capessenda se contulisset, philosophus quidam subito exclamauit illi ab incepto esse desistendum, quandoquidem arma ipsa cantica esse regia oporteret. Ergo concentus qui sentitur quasi animatus mentem nostram sic afficit ut ceterorum sensuum nulla sit tam efficax uis, nulla tam uiua motio. Sonus enim, aereum spiritum concitando, sensum simul et animum perficit, ac, per significationem agens in mentem et uehementer penetrans, mira quadam uoluptate perfudit totumque hominem sibi uindicat.

Astronomia

Cuius non ignari, philosophi quantum, natura admonente, cognouerant! Visis praesertim nocturnis persaepe commoti, orbium omnium astrorumque uarias atque diuersas circulationes, denique singulorum planetarum uim et signorum **[24]** influentias actionesque contemplati, Astronomiae scientiam sunt adepti. Quae tantum utilitatis ac momenti nobis est allatura, si bonis usibus accommodetur, ut ne suspicari quidem possit. Astronomus enim motus caeli celeritatem intuetur qualiter cogitare non possumus. Tum uicissitudines dierum ac noctium commutationesque temporum quadripartitas, ad maturitatem frugum aptas, eorumque omnium duces Solem, Lunamque, accretione et deminutione luminis dies significantem, fluxumque et refluxum maris producentem. Deinde in eodem orbe, duodecim partibus distributo, quinque alias stellas ferri, quae uulgo planetae dicuntur, disparibus inter se motibus circulos suos mira agitatione conficientes. Tum terram ipsam, eminentem e mari, in medio mundi praefixam perpetuoque haerentem, omnibus fere partibus habitabilem. Nocturnam denique caeli formam, undique sideribus ornatam. Efficitur plane ut ex earum rerum cognitione summam capiat uoluptatem utque in ipsorum effectoris et moderatoris, Dei Optimi Maximi, qui minime oculis cernitur, sed ex operibus agnoscitur, incredibili admiratione feratur: “Inuisibilia enim Dei”, ut inquit Diuus Paulus, “per ea quae facta sunt a **[25]** creatura mundi intellecta conspiciuntur.” Quam quidem rationem quasi attingens diuinus ille Plato iis rebus sic utendum esse uoluit tamquam exemplo quodam et argumento ad supernarum diuinarumque

tal ponto semelhante à do canto e das líras (que se chama harmonia) que, a partir da natureza e figura do corpo todo, produz vários movimentos, tal como os sons no canto. E até o movimento da natureza é uma espécie de Música, que repele do espírito os males que as perturbações nele introduziram.

E de tal maneira que os Pitagóricos, aos quais Platão dá o assentimento, atreveram-se a asseverar que do movimento e agitação dos orbes nasce de modo uniforme uma espécie de suavíssima melodia [24 aliás 23] que a fraqueza dos nossos ouvidos, ou melhor, a natureza acostumada, não é capaz de captar.³³ Motivo pelo qual, se aos nossos ouvidos não pode oferecer-se nada de mais desagradável e molesto do que um canto desafinado, pergunto quão grandes prazeres nos haveriam certamente de oferecer aqueles cantares, com os quais até as feras se amansavam, de Orfeu, de Olimpo,³⁴ de Píndaro, de Apolo e de Terpandro, se os escutássemos? Encaminhando-se o célebre Alexandre da Macedónia para pegar nas armas, certo filósofo bradou de repente que lhe cumpria desistir do que intentava, porquanto convinha que as próprias armas fossem o “modo régio”.³⁵ Logo, a harmonia que se escuta, como que dotada de vida, por tal forma impressiona o nosso espírito que de modo algum é tão eficaz a força ou tão vivo o impulso dos restantes sentidos. É que o som, ao mover o ar, impressiona simultaneamente o sentido e o espírito, e, ao actuar através da significação e ao penetrar vivamente no entendimento, inunda o homem com um prazer verdadeiramente espantoso e apodera-se por completo dele.

Disto sabedores, quanto não descobriram os filósofos com os ensinamentos da natureza! Sobretudo mui amiúde impressionados com o que viam à noite, contemplando as diferentes e variadas órbitas de todos os orbes e astros e, finalmente, a força e influências de cada planeta e constelação, [24] alcançaram a ciência da Astronomia. A qual, se se aplicar a bons fins, há-de ser-nos de uma utilidade e importância tão grandes que nem se podem imaginar. É que o astrónomo vê a rapidez do movimento do céu como não podemos imaginar. Depois, as alternâncias dos dias e das noites e a sucessão das quatro estações, ajustadas ao amadurecimento dos produtos do solo, e o Sol, que está à testa de tudo isto, e a Lua, que com o seu crescer e minguar indica os dias da vida e que provoca o fluxo e refluxo do mar. Em seguida, no mesmo orbe dividido em doze partes, vê que se movem as outras cinco estrelas, a que o vulgo chama planetas, que com movimentos diferentes entre si levam a cabo as suas órbitas mediante um admirável movimento. Vê depois, erguendo-se do mar, a própria terra, colocada e para sempre fixa no meio do mundo, habitável em quase todas as regiões. E, finalmente, a aparência da noite, por todos os lados ornamentada com corpos celestes. Conclui-se claramente que o conhecimento destas cousas lhe ocasione uma imensa deleitação e que seja arrebatado por uma inefável admiração por Deus Ótimo Máximo, que as criou e governa, o qual não se pode divisar com os olhos, mas se conhece através das obras: “Porque o que é invisível em Deus”, consoante diz São Paulo, “tornou-se visível à inteligência, através daquilo que foi feito desde [25] a criação do mundo”.³⁶ Aquele divino Platão, quase tocando este raciocínio, defendeu que estas coisas se deveriam utilizar como uma espécie

Astronomia

rerum contemplationem, perinde ac si is, qui figuras a Daedalo cerneret elaboratas, ipsum laudaret: absurdum tamen esset in iis, quoniam corpora sunt motationique temporum subnixa, omni studio ueritatem exquirere, si earum effectorem non contemplemur.

Ex quo relinquitur perspicuum quantum Astronomiae debeatur. Reliquum est ut Philosophiae partem quae ratione continetur explicemus.

Dialectica

Cuius prima species Dialectica constituitur, quae alio nomine diligens disserendi ratio appellatur. Cuius cum duae sint partes, altera inueniendi, iudicandi altera, utriusque tamen, licet ab aliis de Dialectica multa tradantur, Aristoteles uere princeps fuit. Quae, ut ueri et falsi in oratione indagatrix, a Platone progressio ad alia studia merito appellatur. Quam qui minime perceperunt ut aliam scientiam difficillime aut non recte uidebuntur assequi, sic Dialecticae pernecessario adiumento, qui probe in ea fuerint exculti, ea ueluti praeceptore ducente, ceteras disciplinas multo melius et multo [26] celerius consequentur. Neque enim ars ulla neque scientia quae diuidendi, definiendi demonstrandique ratione careat, quam docet Dialectica, recte potest consistere. Haec porro quid in oratione sit falsum, quid uerum, quid efficiatur e quoque, quid alteri consequens quidque repugnans, quid planum, quid ambiguum sit demonstrat. Rerum denique uniuersarum et singularum sedes quasdam praescribit, ad quae omnia quae sunt referuntur. Ac praeterea, loca quaedam et fontes aperiens, magnam nobis argumentandi copiam suppeditat, ut de quacumque proposita quaestione probabiliter possimus disserere. At uero dialecticus comprehensius loquitur quam rhetor, ita incredibile est quantum paucis dialecticus comprehendat. Quod enim rhetor multis sermonibus expensis uix potest persuadere, hoc ipsum dialecticus tribus propositionibus tantum quadam necessitate efficit. Quam, ut uno uerbo complectar, ita ad ceteras scientias necessariam nonnulli existimarunt, ut nemo satis disertus censendus sit qui uel uestigium Dialecticae non perdisceret.

Eloquentia

Huic finitima Eloquentia censetur, cuius finis est persuadere, ut quid iustum, quid iniustum, quid turpe, quid honestum quidue commodum, [27] tum excitando, tum inserendo, tum deprimendo apte, accurate splendideque demonstrat. Oratorem uero bonum uirum esse oportere existimant, ne, cum aliis persuadeat, sibi ipsi dissuadere uideatur. Neque uero, si artificium illud Dialecticae et uim comprehensionis, qua tribus dumtaxat uerbis complexa unumquemquam cogit et sermone concludit, antea laudauimus, hoc ipsum Rhetoricae, quia, multis sermonibus habitis, uerborum ornatu, facundia et ubertate nititur persuadere, quasi dedecus et turpe quid debemus imponere. Orator enim, ut inquit Plato, potius fidem, qua uerborum copia, apud quem

de exemplo e argumento para a contemplação das cousas mais elevadas e divinas, à semelhança de alguém que, vendo as imagens produzidas por Dédalo, o louvasse: seria todavia absurdo se com todo o desvelo naquelas coisas procurássemos a verdade, visto como são corpos e se apoiam no movimento frequente dos tempos, sem nelas contemplarmos do mesmo passo o seu Criador.³⁷

Daqui se conclui à evidência o quanto se deve à Astronomia. Resta referirmo-nos à parte da Filosofia que se funda na razão.³⁸

A primeira espécie desta é constituída pela Dialéctica, que por outro nome é chamada o rigoroso método de raciocinar. Embora tenha duas partes, sendo uma a de descobrir, a outra a de julgar, todavia de ambas o verdadeiro mestre foi Aristóteles, ainda que outros ensinem muitas coisas sobre a Dialéctica. A esta com razão Platão define-a como um aperfeiçoamento para os outros estudos, sendo como é a arte que no discurso indaga o verdadeiro e o falso.³⁹ Assim como os que a não entenderam parece que muito dificilmente ou incorrectamente se hão de aplicar a outra ciência, do mesmo modo, mediante a muito necessária ajuda da Dialéctica, os que nela se tiverem aperfeiçoado, tomando-a como preceptora, muito melhor e muito [26] mais rapidamente hão-de assenhorear-se dos demais saberes. É que tão-pouco se pode estabelecer correctamente qualquer arte ou ciência que esteja privada de um método de dividir, definir e demonstrar, que é o que a Dialéctica ensina. Demais, mostra o que no discurso é falso, o que é verdadeiro, o que se deduz de uma coisa, que consequência se tira de outra e que está em contradição com ela, o que é evidente e o que é ambíguo. Por derradeiro, prescreve os lugares que competem a todas e cada uma das coisas, pelos quais se reparte tudo o que existe. E além disso, oferecendo certos lugares comuns e fontes, põe à nossa disposição grande abundância de recursos para argumentar, para que possamos discorrer com probabilidade acerca de qualquer questão que nos seja proposta. E a verdade é que o dialéctico fala com mais rigor que o orador, da mesma forma que é espantoso o quanto abarca em poucas palavras. É que aquilo que o orador dificilmente pode persuadir a expensas de muitas frases, isso o dialéctico logra-o apenas com três proposições graças a uma espécie de necessidade. Para dizê-lo numa única palavra, muitos a consideraram de tal maneira necessária às restantes ciências que não deve considerar-se como suficientemente eloquente ninguém que não tenha aprendido à perfeição a Dialéctica.

Dialéctica

Contígua a esta considera-se a Eloquência,⁴⁰ cujo fim é persuadir, por forma a, de modo adequado, diligente e esplêndido mostrar o que é justo, o que é injusto, o que é infame, o que é honroso ou proveitoso, [27] ora incitando, ora inculcando, ora rebaixando. Mas consideram que o orador deve ser um homem bom, de maneira a não parecer que, ao tempo que persuade os outros, está a falar contra si mesmo. E se louvamos atrás aquele artifício e capacidade de síntese da Dialéctica mediante a qual apenas com três palavras obriga cada um a concluir e encerra um raciocínio, isto mesmo não menos devemos tê-lo na conta de quase um desdouro e indignidade na Retórica, visto que, servindo-se de muitas frases, se esforça por persuadir mediante o ornato, a eloquência e a abundância das palavras. É que, tal como diz Platão, o

Eloquência

sermonem protendit, adhortatur, inducit, dialecticus uero doctrinam, quae, quadam connexionis methodo, paucis uerbis continetur, includit. Hanc denique, etsi alii artem adulatoriam nuncuparunt, Plato tamen peritiam quamdam, uoluptatem auditoribus afferentem, appellauit.

Huius in oratione concinnitas Gorgiae tribuitur, Aristoteli neruositas, Theophrasto dulcedo, Platoni ubertas, Demostheni audacia, Pericli auctoritas, Ciceroni uero haec omnia cumulate, ac praeterea uehementia, facundia, grauitas et summa auctoritas, uultus, gestus, uocis motusque cum [28] optima tum iucunda moderatio. Quae cum in oratione perfecta et suis numeris absoluta semper desiderentur, nonne ut sic difficillimum captu, excellentem gloria iudicatis? Haec itaque ad tolerandas iniurias, ad sedandos animos uel etiam demulcendos et quoquo uelis deducendos, ad uoluntates hominum impellendas in rebus arduis plurimum potest. Quae, ut reliqua praetermittam, ita necessaria rei publicae iudicatur ut qua uel iudicis religio, uel magistratus auctoritas, uel urbis moderatio et uirtutum incitatio contineatur, sic nihil munificentius, iucundius nihil, nihil uberius, nihil hominum generi commodius, nihil a feritate remotius et humanitati coniunctius esse uideatur quam elegans pulchra, uenusta perpolitaeque oratio. Hac denique, ut bruta ab hominibus ratione superantur, homines alios antecellunt ut, quod ui et armis effici non possit, eloquentia superetur. Sed, ne amore Eloquentiae uidear de illa plura dicere quam quae nostra postulet oratio, Grammaticam ultimo explicemus.

Grammatica

Quae, ut dialecticus uerum et rhetor ornatum, sic grammaticus congruum in oratione considerat. Ita ut nihil insuaue, nihil obscure, nihil barbare in oratione contineatur quod nostras aures offendat, [29] sed ea uerborum elegantia et dictionum cohaerentia ita eluceat oratio ut easdem aures demulceat nimiaque afficiat uoluptate. Neque solum iis contenta limitibus Grammatica facultas, uerum Carmentes Musas ita docuit ut suauis quadam differentia diuersos cantus componant. Et ueteres scriptores admonuit ut, quasi perpetuis monumentis, maiorum nostrorum res praeclare gestas tamquam praesentes efficerent.

Haec autem a Socrate uelut fundamentum quodam et aliarum artium tutela definitur, quibus, nisi prius bene iactis, nulla alia scientia recte poterit consistere. Quae tanto in pretio apud priscos illos Aegyptios habebatur ut Theuth ille, huius artis inuentor, (quamquam Cadmo primae litterae tribuantur, uerius tamen Mosi uel Adamo) a Platone scientiarum omnium pater appelletur. Quamobrem omnem laudem omnemque commendationem suo quodammodo iure sibi uindicat.

orador, mediante a abundância de palavras, antes de mais inculca confiança naquela pessoa a quem dirige o discurso,⁴¹ ao passo que o dialéctico limita-se ao conteúdo, que encerra em poucas palavras graças a certo método de síntese.⁴² Finalmente, embora outros tenham chamado a esta a arte da adulação,⁴³ Platão todavia designou-a por uma espécie de habilidade que causa prazer aos que escutam.⁴⁴

A simetria da eloquência no discurso é atribuída a Górgias, a Aristóteles o vigor, a Teofrasto o encanto, a Platão a abundância, a Demóstenes a ousadia, a Péricles a autoridade e a Cícero tudo isto de sobejo, além da veemência, da facúndia, da gravidade e de uma inexcedível autoridade, unidas a um excelente e agradável comedimento do semblante, do porte, da voz e dos movimentos. [28] Sendo certo que estes atributos sempre se requerem num discurso perfeito e bem acabado, porventura não considerais que a eloquência é tão difícil de conseguir-se como excelente a honra de possuí-la? E assim ela é de grande eficácia para combater as injustiças, para tranquilizar os espíritos e até para seduzi-los e afastá-los de onde quiserdes, e para incitar a vontade dos homens nas situações difíceis.⁴⁵ Para não me referir ao mais, ela de tal modo é considerada necessária ao Estado que, assim como nela se encerra quer a respeitabilidade do juiz, quer a autoridade das magistraturas, quer a moderação da cidade e o incitamento às virtudes, da mesma maneira nada parece ser mais generoso, mais agradável, mais fecundo, mais proveitoso para o género humano, mais apartado da selvajaria e mais próprio da condição humana do que um discurso elegante, formoso, harmonioso e acepilhado. Finalmente, com ela, assim como os homens superam os brutos graças à razão, assim uns homens se avantajam a outros, por forma a vencer-se mediante a eloquência o que não consegue lograr-se pela força e pelas armas. Mas para que não pareça que por amor da Eloquência digo mais do que aquilo que pede o nosso discurso, passemos a expor por último a Gramática.

Esta, da mesma maneira que o dialéctico atende à verdade e o retórico ao ornato, assim o gramático ao que convém no discurso. Por forma a que neste não haja nada de desagradável, nada de obscuro e nada de bárbaro capaz [29] de ofender os nossos ouvidos, mas que com a elegância das palavras e a propriedade das expressões o discurso de tal sorte se abrilhante que afague os mesmos ouvidos e lhes cause sobeja deleitação. E a arte gramatical não se restringiu apenas a isto, mas ensinou as Musas Carmentas⁴⁶ a, mediante uma certa agradável diversidade de ritmos, comporem diversos cantares. E incitou os antigos escritores a, através de registos quase imorredoiros, tornarem como que presentes as nobres façanhas dos nossos antepassados.

Por outro lado, Sócrates definiu-a como uma espécie de alicerces e protecção das outras artes, afirmando que se estes não forem bem assentados, não haverá nenhuma outra ciência que possa duradoira e perfeitamente subsistir.⁴⁷ A ela, os antigos tinham-na em tão alta estima que Platão chama a Theuth, célebre descobridor desta arte (conquanto se atribuam a Cadmo as primeiras letras, ainda que com mais verdade a Moisés ou a Adão), pai de todas as ciências.⁴⁸ Motivo pelo qual se acha em certa maneira com direito a reivindicar todos os louvores e consideração.

Gramática

Audistis igitur, auditores humanissimi, uel minimam partem eorum quae disciplinis omnibus debeatur quantumque honorem et auctoritatem illis ueteres tribuissent. Has tamen non hominum industria, non humano consilio inuentas, sed Dei Optimi Maximi munere, primum Adamo et populo Hebraeo, deinde Graecis hominibus donatas esse credimus. Nam omnis [30] sapientia a Domino Deo est et cum illo fuit et semper est ante aeuum, et ipse creauit illam in Spiritu Sancto, et effudit illam super omnia opera sua et super omnem carnem secundum datum suum. Quae tamen, nescio qua temporum iniuria, uel hominum socordia, uel etiam diuina prouidentia, multis ab hinc annis paene sepultae iacuerunt, donec ipsius Dei iterum prouidentia, primum in Gallia, tum in Hispania, tandem in Lusitania reuixerunt.

Rex
Ioannes Quarum optima illa et iucunda possessio quam nunc ex illis habemus, etsi non effectori, moderatori tamen et conseruatori, regi nostro Ioanni huius nominis tertio, ut bonarum artium quam optimo patrono tribui debet. Qui non modo ut feritatem illam et barbariem, quae totam Lusitaniam inuaserat, e patria nixus est propulsare, uerum etiam, quasi humanis diuinis coniungens, ut optimis fidei praeceptis (quibus semper Lusitania abundauit), summa religione et sanctitate, sic bonis litteris et urbanitate res ipsa publica consisteret et ceteris ualde praestaret. Ex quo tantam gloriam est adeptus ut aliis, quos e rebus bellicis et partis uictoriis, uniuersis ferme Africa et Asia superatis, triumphos acquisiuerat, non modo se aequauerit, uerum etiam eosdem longe superauerit. [31] Conimbricam denique urbem frequentissimam, quam maiores eius perpetuam sibi sedem delegerunt, sapientiae ut locum daret, ipse cedens sapientiae, sapientibus aptauit, ut in qua urbe antea reges imperii sui insignia et diademata, in eadem uiri docti sapientiae palmas et coronas referrent.

Restat nunc, auditores humanissimi, ut aliquando perorem quae dicenda proposueram, et sicut uobis quodammodo artium fontes aperui, sic pro officio et religione commonerem, ut quibus studiis nunc datis operam, posthac multo feruentius et accuratius incumbatis, et non praemia, non humanam gloriam, quae cito deperditur, inde requiratis, immo Deum ipsum Optimum Maximum laborum uestrorum finem propositum habeatis, hoc unum in memoriam reuocantes, "sapientiae initium timorem esse Domini", eamque in maleuolam animam nusquam intrasse. Atque ita animi aegritudines, quae ad hoc uerbis erunt impedimento, primum depellentes, animum uirtutibus quisque uestrum componat, et diuinis praeceptis, in quibus obseruandis omnis scientia continetur, tota contentione adhaerescat. Summa denique animi demissione sanctorum Patrum monumentis et Ecclesiae traditionibus semper oboediat [32] et omnino colum dulci iugo subiiciat, captiuantes intellectum in obsequium fidei, ne, sicut qui Solem intuentur eorum aspectus eius radiis uincuntur, sic intellectus uestri acies, diuinas res

Portanto, benévolos ouvintes, escutastes uma pequeníssima parte do que se deve a todos os ramos do saber e da grande honra e autoridade que lhes foram atribuídas pelos Antigos. Cremos, todavia, que as ciências não foram descobertas por diligência ou deliberação humanas, mas sim oferecidas por mercê de Deus Ótimo Máximo, primeiro a Adão e ao povo hebreu, e depois aos homens gregos. É que toda [30] a sabedoria provém do Senhor Deus e esteve e sempre está com Ele antes do tempo, e Ele mesmo a criou no Espírito Santo, e derramou-a sobre todas as Suas obras e sobre toda a carne em conformidade com a Sua dádiva. Estas ciências, todavia, por não sei que ultraje do tempo, ou por desleixo, ou até por vontade da divina providência, desde há muitos anos atrás que se mantiveram como que sepultadas, até que finalmente, de novo por providência do mesmo Deus, reviveram, primeiro na França, depois na Espanha e, por derradeiro, em Portugal.

A excelente e feliz posse das mesmas, de que hoje desfrutamos, deve atribuir-se, se não na qualidade de criador, sem dúvida na de governante e zelador, como inexcusável patrono das boas artes, ao nosso Rei D. João, deste nome o terceiro. O qual se esforçou, não só por desterrar da Pátria aquela rudeza e barbárie, que se apossara inteiramente de Portugal, mas também, como que juntando as coisas divinas às humanas, por que a própria nação assentasse, e às demais muito se avantajasse, tanto nos melhores preceitos da fé (nos quais Portugal sempre abundou), da mais pura religiosidade e santidade, como nas boas letras e na civilidade. Com isto alcançou tamanha glória que não só igualou, como de longe superou os outros triunfos que conquistara com as acções militares e vitórias conseguidas, vencendo quase toda a África e Ásia. [31] Finalmente, acomodou para os sábios a mui frequentada cidade de Coimbra, que os seus antepassados escolheram como sua morada perpétua, por forma a, submetendo-se ele próprio à sabedoria, dar lugar à mesma, a fim de que na mesma cidade em que anteriormente os reis recebiam as insígnias e diademas da soberania, aí os varões sábios ostentassem as palmas e coroas da sabedoria.

Rei D. João

Resta agora, benévolos ouvintes, que enfim conclua o que me propusera dizer, e assim como de certa maneira vos abri as fontes das artes, assim vos admoeste em favor do dever e da religião, para que doravante muito mais apaixonada e desveladamente vos consagreis aos estudos com que agora vos ocupais, e que neles não busqueis prémios e glória humana, que depressa se perdem, mas sim que proponhais como fim dos vossos trabalhos o próprio Deus Ótimo Máximo, tendo unicamente presente no espírito que o “o temor do Senhor é o princípio do conhecimento”⁴⁹ e que ela nunca entrou num espírito mal intencionado. E, assim, que cada um de vós, repelindo primeiro as inquietações da alma, que além disso serão embaraço para as palavras, apazigúe a mesma alma com as virtudes, e com o máximo empenho acate os divinos mandados, na obediência aos quais se cifra toda a ciência. Por derradeiro, com a mais completa humildade sempre dê ouvidos aos escritos dos santos Padres e ao ensino da Igreja [32] e por inteiro submeta a cerviz ao doce jugo, escravizando a inteligência em obséquio à fé, para evitar que, assim como os que fitam o Sol ficam com a visão destruída pelos raios dele, da mesma

temerarie contemplata, in erroris caecitatem incidat et ignorantiae tenebris inuoluatur, ne altum sapere, sed timere uideamini. Sicque in studiis uestris, uirtute et ingenio temperatis, magnos efficietis progressus, tandemque illam sapientiam consequemini, quae non, ut sapientia carnis, mors est, sed eam demum quae, de caelo delapsa, mentes uestras sic eleuet ac paene diuinas efficiat ut omnia, quae infra sunt, caduca, defluxa et mortalia, quorum etiam nec perfectam cognitionem habemus, plane cernentes, ad Saluatorem nostrum, Dei praepotentis filium, in quo omnes thesauri sapientiae sunt absconditi, aspirantes, eundem summa religione ueneremur atque, eius amore inflammati, caelesti tandem beatitudine nobis esse perfruentum certo speremus.

DIXI

maneira a vossa penetração intelectual, ao contemplar de modo temerário as coisas de Deus, caia na cegueira do erro e seja envolvida pelas trevas da ignorância, e para que não pareça que conhecemos o Céu, mas sim que o tememos. E assim fareis grandes progressos nos vossos estudos, devidamente sazoados com a virtude e a inteligência, e ao cabo obtereis aquela sabedoria, não a que, como sabedoria da carne, mais não é que morte, mas sim a que, descida do Céu, por tal forma eleva os vossos entendimentos e quase os torna divinos que, ao vermos claramente que tudo aquilo que se encontra por baixo é caduco, perecível e mortal, coisas de que mesmo assim não temos um conhecimento perfeito, aspirando ao nosso Salvador, filho de Deus Todo Poderoso, no qual se ocultam todos os tesouros da sabedoria, o veneramos com a máxima religiosidade e, abrasados no Seu amor, sentimos certa esperança de que devemos acabar por gozar da bem-aventurança celestial.

DISSE